



 ipusp
Instituto de Psicologia
Universidade de São Paulo

Jorn

JORNADA INTERNACIONAL DE PESQUISA EM
PSICOLOGIA DO DIGITAL

CADERNO DE RESUMOS
LIBRO DE RESÚMENES

2025

 - lab
Laboratório de Pesquisa em
Psicologia e Processos Digitais

 25
ERIDI QV
Equip de Recerca en Infància, Adolescència,
Drets dels Infants i la seva Qualitat de Vida

 LATRAPS

ORGANIZAÇÃO



CADERNO DE RESUMOS

LIBRO DE RESÚMENES

Jornada Internacional de Pesquisa em Psicologia do Digital

Daniel Abs

Sara Malo

Matheus Viana Braz

Paulo Beer

Organização

USP, São Paulo, 2025

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Instituto de Psicologia
Jornada Internacional de Pesquisa em Psicologia do Digital

Organização

Daniel Abs
Sara Malo
Matheus Viana Braz
Paulo Beer

Apoio Institucional

Instituto de Psicologia Universidade de São Paulo
Departamento de Psicologia Social e do Trabalho USP
Programa de Pós-graduação em Psicologia Social USP
Programa de Pós-graduação em Psicologia UEM
Programa de Pós-graduação em Psicologia UFRGS



Publicado sob licença
Creative Commons Atribuição – Não Comercial CC BY-NC 4.0
© dos organizadores

Catalogação na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Jornada Internacional de Pesquisa em Psicologia do Digital (24 a 26 de novembro de 2025, São Paulo, SP.)
Caderno de Resumos - Jornada Internacional de Pesquisa em Psicologia do Digital / Organização de Daniel Abs, Sara Malo, Matheus Viana Braz e Paulo Beer. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2025.
201 p.

ISBN: 978-65-01-80721-8

1. Psicologia. 2. Comunicação digital. 3. Inovações tecnológicas. 4. Redes sociais. 5. Saúde mental. I. Abs, Daniel (Org.). II. Malo, Sara (Org.). III. Braz, Matheus Viana (Org.). IV. Beer, Paulo (Org.).

LC HM 251



Jornada Internacional de Pesquisa em Psicologia do Digital

Comissão Coordenadora

Prof. Dr. Daniel Abs (Universidade de São Paulo)

Profa. Dra. Sara Malo (Universitat de Girona)

Prof. Dr. Matheus Viana Braz (Universidade Estadual de Maringá)

Prof. Dr. Paulo Beer (Universidade de São Paulo)

Comissão Científica

Profa. Dra Carlise Scalamato Duarte (PPG Artes da Cena/UFSM)

Profa. Dra Charo Sádaba (Universidad de Navarra)

Prof. Dr Cristian Guimarães (Unifesp)

Profa. Dra Deborah Perez (Vanguarda)

Profa. Dra Fátima Regina Machado (USP)

Profa. Dra Giana Frizzo (PPG Psicologia/UFRGS)

Profa. Dra Julice Salvagni (PPG Políticas Públicas/UFRGS)

Profa. Ms. Lúcia Garcia (DIEESE)

Profa. Dra Luciana Brun (FACCAT/ E-lab/USP)

Profa. Dra Maria Adélia Pieta (UFRGS)

Profa. Dra Marta Narberhaus (Universidad Autònoma de Barcelona)

Profa. Dra Nisia Rosário (PPG Comunicação/UFRGS)

Profa. Dra Patricia do Prado Ferreira (Mackenzie)

Profa. Dra Patricia Jantsch Fiúza (PPGTIC/UFSC)

Profa. Dra Rosana Córdova Guimarães (Escola de Administração/UFRGS)

Profa. Dra Simone Bicca Charczuk (FACED/UFRGS)

Comissão Organizadora Local

Aline Schwalm Andrade Rates – Alba Pérez Ferreira – Alessandra Abreu Tramontin – Amanda Thuns Biazzi – Andre Ferreira Bezerra – Arthur Leites Soares – Bruno Alexandre Bortolini – Caroline de Lima Alves Pereira – Caroline Zimmer de Oliveira – Cauê Rodrigues – Danilo Roberto Silva Queiroz – Dante Tonezer – Eduardo Zanesco – Érico Caminero Gomes Soares – Esther Rheinheimer – Francisco Matheus Fontes de Lima – Gefferson Eusébio de Macedo Junior – Joelma Cristina Azevedo Tigre – Juliana Pato – Lucas Matoso Alves – Luciano de Oliveira Martinez – Luciana Gisele Brun – Luiz Joaquim Dias de Lima Nunes – Luiza Ricoi Salomão – Maria de Lourdes Carvalho Chaves – Marcelo Prianti Aidar – Matheus Vinicius Gomes de Lima – Michelle Souza da Cunha – Nil Sánchez i Quiroga – Núbia Almeida Lourenço – Patricia Moratti – Pietro Giuseppe Puppo – Renan Dorneles Camargo – Roger Esteras Carbonell – Suyanne Soares Lima – Victor Lima Ferreira Barbalho

Comissão de Divulgação e Imprensa

Gefferson Eusébio de Macedo Junior

Danilo Queiroz

Érico Caminero Gomes Soares

Francisco Matheus Fontes de Lima

Matheus Vinicius Gomes de Lima

Capa e Editoração

Daniel Abs

Danilo Queiroz

Sumário

APRESENTAÇÃO	11
PROGRAMA.....	12
RESUMOS.....	14
Enchente e infância: dinâmicas do brincar e da criatividade com telas	15
Sharenting: a hiperexposição (e monetização) da parentalidade nas mídias sociais.....	17
Desnaturalizando o Algoritmo: Fabulações sobre Risco, Proteção e Agência com Adolescentes no tiktok	19
Autodiagnóstico em mídias sociais na adolescência: diálogos com clínicos de orientação psicanalítica	21
A face digital da misoginia entre adolescentes	23
Do Like e do Laço: as práticas de uso da juventude no tiktok	24
Hábitos de tela e sua influência na subjetividade e nas relações de adolescentes.....	25
Relações entre Partner Phubbing e Bem-estar subjetivo	27
Associações entre dependência de smartphone e bem-estar subjetivo	29
Especificidades da adicção em internet e tecnologia na terceira idade	31
Responsabilidade e cuidado nas plataformas digitais: um olhar sobre o youtube e o tiktok	33
Avaliação neuropsicológica online em pacientes pós-AVC: um relato de experiência	35
Métodos de subjetividade digital na pesquisa psicológica multilíngue	37
Psicologia, masculinidades interseccionais e redes sociais: os efeitos dos grupos masculinistas na sociedade contemporânea.....	39
Dimensões do corpo nas vivências de grupos psicoterapêuticos on-line: perspectivas de psicólogas	40
Socialização máquinica: usos e efeitos da sociabilidade no digital a partir do estudo de caso de uma influenciadora virtual no Instagram	42
Contornos de subjetividades na web – a escritura de si em blogs;.....	44
Entre vício e dependência: repensando o modo ao que nos referimos às interações e usos da internet	45

‘Tecnologias como vertigem’: perspectivas feministas de composição e intervenção diante do tecnopatriarcado	47
A Inteligência Artificial como dispositivo midiático para criação coreográfica em videodança	49
A Inteligência Produzida como Verdade das Máquinas – e os seus impactos no psiquismo	51
As políticas da verdade psiquiátrica e psicofarmacológica nas redes sociais	52
Governamentalidade digital e modos de subjetivação política: práticas discursivas de mulheres em plataformas digitais no Brasil	54
La técnica paradigmática de la persona calculable	56
Podcasts como estratégia de divulgação científica da psicanálise: resultados preliminares	58
A quarta ferida narcísica: o deslocamento da produção da verdade do humano para a maquina	60
As máquinas, o todo-saber e o fascismo: a psicanálise entre dados e algoritmos.....	61
O brincar on-line em psicoterapia com crianças: inauguração de um campo discursivo?.	63
Modalidades temporais e subjetividade: escutas contemporâneas	65
Entre o olhar das crianças e o olhar dos pesquisadores: um relato de experiência sobre o uso de telas na infância em diálogo com o bem-estar.....	67
Entre telas e conflitos: representações de violência e modos de enfrentamento entre jovens do Ensino Médio	69
Adolescência e inteligência artificial: uma relação autoerótica com o saber	71
Influência digital: um olhar sobre os efeitos da exposição às telas na infância	72
Influência digital e a infância: uma análise das narrativas de consumo em canais infantis do youtube.	74
“Eles estão felizes, afinal, estão jogando”: reflexões acerca da atividade de trabalho de proplayers no Brasil	76
Condições de trabalho de psicólogas clínicas platformizadas: Relato de pesquisa em andamento.....	78
Quem são e o que fazem os/as microtrabalhadores(as) da Inteligência Artificial? Análise qualitativa da representação midiática e a incompatibilidade entre microtrabalho e os direitos fundamentais das mulheres	80
Trabalho digital: "corpos em atrito".....	82
Tecnologia na produção de modos de trabalhar	84

A perspectiva feminina no mundo do trabalho digital: o malabarismo da vida cotidiana ...	86
Transformação digital na gestão hospitalar: revisão sistemática da literatura	88
Psicanálise e inteligência artificial: um debate a partir da ciência e da linguagem.....	90
Conexões vitais e desconexões mortíferas: entre a virtualidade psíquica e a virtualidade digital	92
Adolescência e Manosphere: Entre Algoritmos, Misoginia e Radicalização Online	93
O inconsciente plataformizado: a negação da topologia do sujeito e a máquina como resposta ao desamparo	95
Nem só, nem mal acompanhado: interlocuções entre Psicanálise e Inteligência Artificial	97
A violência do Imaginário nos contextos digitais: discussão sobre a presença da imagem-representação na passagem ao registro Simbólico	99
Ainda acreditamos? Uma articulação entre fake news e esperança por salvação	101
Uma análise da inteligência artificial generativa à luz do existencialismo sartriano	103
Conversas com bots para a gestão do sofrimento psíquico	105
A Mente Terceirizada: O Declínio Cognitivo Diante da Inteligência Artificial	106
Imitando a Mente Humana: O Analista Virtual	108
A Antropomorfização dos Chatbots Através da Inteligência Artificial Generativa: Impactos na Subjetividade	109
Desenvolvimento e Avaliação de um Chatbot de IA Generativa para Escrita Terapêutica e Promoção do Bem-Estar	111
O Algoritmo como Gestão do Sofrimento: a experiência dos trabalhadores e trabalhadoras de dados	113
Custos Psicossociais da Atividade Profissional de Jogadores de esportes	115
Entre o Clique e a Compra: Personalidade, Influência Social e Comportamento de Consumo nas Redes Digitais	117
Labirintos da Migração qualificada de mulheres brasileiras: quando o trabalho remoto e por plataformas digitais torna-se a saída	119
Psicologia e plataformização: O trabalho de psicólogos frente às inovações tecnológicas do século XXI	120
Bem-estar e a precarização subjetiva de docentes no trabalho digital	122
Princípios do Trabalho decente e Saúde Mental em trabalhadores do Rio Grande do Sul	124

Injunções paradoxais da produção de conteúdo: manutenções subjetivas da precariedade no live streaming	126
Uma discussão comportamentalista da relação entre problemas socioculturais e redes digitais.....	128
O trabalho na era digital: uma análise ontológica das relações no tecnocapitalismo.....	130
Exaustos e conectados: vivências de sofrimento na plataformação do trabalho	132
O que os computadores nunca poderão fazer.....	134
Teletrabalho na ufrgs: efeitos sobre organização do trabalho e saúde de servidores técnico-administrativos	135
Transformação digital em saúde no Chile e no Brasil e colaboração transnacional em saúde digital: uma revisão narrativa de literatura	137
A subsunção da subjetividade ao sociometabolismo digitalizado: Reflexões sobre o colonialismo digital dos nossos tempos.....	139
Discord de Mim: Os efeitos da misoginia digital nas figuras maternas de cuidado	140
Mobilizações comunitárias e redes sociais: solidariedade e ação coletiva em territórios periféricos	142
Vivências de adolescentes negros nas redes sociais: uma revisão de escopo	144
Memes, afetos e ideologia: uma análise semiótica e psicológica da comunicação digital da extrema direita brasileira	146
Masculinidades e Digital: (re)conectando existências	148
Tecnologia como Ferramenta de Luta e Emancipação: Uma Análise da HQ do MTST à Luz da Psicologia Social Comunitária	150
Prompt Thinking e a Platformização do Pensamento – Uma Mutação Epistemológica a Partir do Cálculo Preditivo.....	152
IA e a separação do trabalho intelectual	154
Lei nº15.123/2025: considerações da psicologia social jurídica sobre IA e gênero	156
IAs versus Profissionais: Revisitando Rosenhan na Avaliação de Depressão Paranóide com Ideação Suicida	158
Imortalidade digital e biopolítica: avatares de falecidos na era das tecnologias de aprimoramento humano	159
Apoio emocional por inteligência artificial: percepções de psicólogos sobre a escuta digital.....	161
Revisão integrativa sobre inteligência artificial (ia) em contextos de socialização	163
Sonho de consumo: coaches e a venda do discurso empreendedor no Instagram	165

Press Start: videogames sociais e o fortalecimento de laços familiares	167
A urgência de conectar: aspectos psicossociais e culturais na formação de redes digitais – o caso twitter.....	169
Contextos Urbanos Digitais: Uma análise das redes sociais	170
Atuação de influencers digitais na relação com equipamentos culturais em São Paulo .	172
FOMO e esquiva experiencial na vida digital cotidiana: revisão de escopo sob a lente da Análise do Comportamento.....	174
Aborto legal nas redes: uma análise dos discursos sobre direitos humanos, política e religião	176
Psicologia Escolar e Formação Continuada de Professores: um trabalho conjunto frente ao impacto da Inteligência Artificial Generativa na Produção Escrita	178
Psicologia, Saúde Mental e Sociabilidades Digitais: estudo comparativo intergeracional.	180
A Utilização de Jogos Comerciais Como Ferramenta de Aprendizagem em Contexto Escolar: Uma Revisão Sistemática da Literatura.....	182
Uso de tecnologias digitais para o rastreamento de sofrimento mental de estudantes – uma revisão integrativa da literatura	184
Entre o recurso tecnológico e a subjetividade: um relato de experiência da utilização de interfaces digitais por crianças submetidas a hemodiálise em um hospital pediátrico	186
Intervenção autoguiado para a prevenção de transtornos de saúde mental entre crianças e adolescentes.....	188
Laços nas Redes Sociais.....	190
Plataformização do trabalho sexual no brasil e a saúde dos trabalhadores lgbtqiapn+ que atuam no onlyfans.....	192
A Formação de Vínculos Interpessoais na Sociedade Digital: Entre Liquidez e Transparéncia	193
Proibição de Celulares nas Escolas: Análise Netnográfica da Percepção de Estudantes do Ensino Fundamental e Médio.....	195
A atenção como recurso limitado na era digital: uma revisão bibliográfica sobre leitura superficial e absorção ineficaz do conhecimento	197
Solidão no desenvolvimento de carreira de estudantes psicólogos: experiência grupal on-line	198
Vivências em Aplicativos de Relacionamento: uma revisão de escopo das perspectivas teóricas sobre uso de aplicativos e saúde mental em homens de minorias sexuais.....	200
OBJETIVOS DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL	201

APRESENTAÇÃO

A Jornada Internacional de Pesquisa em Psicologia do Digital reúne, em São Paulo, pesquisadoras e pesquisadores dedicados a compreender as relações entre Psicologia e os processos digitais que configuram a vida contemporânea. O evento é promovido pelo E-lab – Laboratório de Pesquisa em Psicologia e Processos Digitais (USP), pelo IRQV/Erídiqv – UdG (Espanha) e pelo Latraps – UEM, contando com os apoios institucionais do Instituto de Psicologia da USP, do Departamento de Psicologia Social e do Trabalho da USP, do Programa de Pós-graduação em Psicologia Social da USP, do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Maringá e do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

A Jornada propôs um espaço de reflexão coletiva sobre teorias, metodologias e impactos sociais, éticos e epistemológicos relacionados aos modos como tecnologias digitais atravessam subjetividades, dinâmicas de trabalho e formas de sociabilidade. A programação contemplou conferências, mesas temáticas, sessões de comunicação oral e a apresentação dos grupos de pesquisa envolvidos. Com a participação de convidadas e convidados nacionais e internacionais, o encontro buscou fortalecer uma comunidade transdisciplinar comprometida com a análise crítica dos fenômenos digitais e com a criação de metodologias inovadoras para compreender suas dinâmicas.

O encontro foi voltado a docentes, pesquisadores e estudantes das áreas de Psicologia, Ciências Humanas e campos afins, além de grupos de pesquisa de diferentes instituições e público interessado nas interseções entre tecnologia, cultura digital e produção de conhecimento. Com atividades presenciais nos dias 24 e 25 de novembro de 2025 e sessões online no dia 26 de novembro, a Jornada buscou fortalecer redes de colaboração internacional e fomentar debates sobre os desafios teóricos e metodológicos emergentes em um campo em rápida transformação.

Este caderno de resumos reúne as contribuições apresentadas nas sessões científicas, compondo um registro das questões, metodologias e reflexões que hoje mobilizam o campo da Psicologia do Digital. Trata-se de um documento que visa fortalecer a circulação de conhecimento e incentivar novas colaborações, pesquisas e diálogos entre comunidades acadêmicas nacionais e internacionais.

Comissão Coordenadora
São Paulo, novembro de 2025.

PROGRAMA

24 de Novembro

Abertura (09h-10h)

Daniel Abs (USP)

Conferências de Abertura

A Psicolog-I.A. e o Colonialismo Digital (10h-11h)

Deivison Faustino (USP)

Peirce e as Inteligências Artificiais Generativas (11h-12h)

Lucia Santaella (PUC-SP)

Mesa Psicologia e Trabalho Digital (13h30-15h)

Rafael Grohmann (Universidade de Toronto/Canadá) *online*

Roseli Figaro (USP)

Fellipe Coelho Lima (UFRN)

Mod. Matheus Viana Braz (UEM)

Mesa Governamentalidade, Regimes de Verdade e Modos de Subjetivação (15h30-17h)

Álvaro Jiménez (Universidad San Sebastian/Chile)

Guillermo Milán-Ramos (Universidad de la República/Uruguai)

Rodrigo de la Fabián (Universidad Diego Portales/Chile)

Mod. Paulo Beer (USP)

25 de Novembro

Mesa Adolescência e Tecnologias Digitais (09h-10h30)

Charo Sadaba (Universidad de Navarra/Espanha) *online*

Marta Narberhaus (Universidad Autonoma de Barcelona/Espanha) *online*

Sara Malo (Universitat de Girona/Espanha) *online*

Mod. Daniel Abs (USP)

Mesa Infâncias, educação e tecnologias digitais (10h30–12h)

Ilana Katz (USP)

Simone Bicca Charczuk (FACED/UFRGS)

Paulo Beer (USP)

Mesa Infância e Midias Digitais (13h30–15h)

Giana Frizzo (UFRGS)

Rodrigo Nejm (Instituto Alana)

Luisa Adib (Cetic.br/Kids Online)

Mesa Psicologia, Tecnologias Digitais e Sociedade (15h30–17h)

Laura Cristina Eiras Coelho Soares (UFMG)

Luis Henrique Gonçalves (USP)

Matheus Viana Braz (UEM)

26 de Novembro (online)

Sessões de Comunicação Oral (08h30–10h30)

Sessão de Grupos de Pesquisa (10h40–12h30)

RESUMOS

Enchente e infância: dinâmicas do brincar e da criatividade com telas

Indianara Sehaparini

Fernanda Martins Marques, Sofia Sebben, Cailane Lawall, Marina Furlan de Oliveira Aguiar,

Giana Bitencourt Frizzo.

(UFRGS)

Em maio de 2024, o Rio Grande do Sul enfrentou a maior enchente de sua história e em meio à crise observou-se o fenômeno da criação de conteúdos nas redes sociais, nos quais as crianças documentavam suas experiências relacionadas à enchente. Diante disso, o objetivo do estudo foi analisar as experiências de crianças durante as enchentes de 2024 no sul do Brasil. A metodologia utilizada foi a netnografia, com coleta de dados entre 27 de maio e 17 de junho de 2024, nas plataformas Instagram e TikTok. A amostra foi composta por nove vídeos, compartilhados principalmente por mães (90%), e mais publicados no TikTok (60%). As crianças, predominantemente meninas (60%), tinham média de idade de 4,8 anos. A análise temática reflexiva foi realizada visando compreender quais foram as experiências das crianças diante daquele desastre climático extremo, resultando em dois temas: O brincar em tempos de crise e Protagonismo infantil e doações. Nos vídeos, foram retratadas diferentes situações, como crianças desabrigadas em abrigos improvisados, ginásios esportivos ou em suas casas marcadas pelos danos das enchentes. Os resultados revelaram que o brincar teve um importante papel durante a crise, mesmo em ambientes virtuais. O brincar lúdico serviu como forma de enfrentamento das angústias associadas à situação de abrigamento e à perda de pertences, servindo para a organização psíquica, diminuindo o estresse e a ansiedade. A recorrência da menção a brinquedos demonstrou a importância emocional desses objetos que remetem as crianças ao sentimento de lar e pertencimento. Referente ao domínio das telas digitais, nos casos em que as crianças gravaram a si mesmas recriando falas de influenciadores, elas demonstravam desenvoltura e direcionamento da fala, como se se comunicassem diretamente com seguidores. Essa apropriação criativa revelou a familiaridade das crianças com o universo das redes sociais. Evidenciou-se ainda que a produção de conteúdos por crianças pode gerar maior engajamento social e ampliar a solidariedade diante de situações emergenciais. Isso, pois, parte dos conteúdos analisados destacou a gratidão das crianças pelas doações recebidas, ressaltando o papel do apoio social em contextos de crises climáticas. A ampliação da visibilidade das experiências das crianças demanda responsabilidade dos cuidadores no que diz respeito à privacidade dos menores. A decisão sobre compartilhar conteúdos nas redes precisa ser, sempre que possível, dialogada com as crianças, com os responsáveis respeitando suas

vontades. O ambiente virtual demonstrou ser um espaço potencial criativo para as crianças, tendo as telas digitais como aliadas para a expressão e elaboração de suas experiências. Portanto, pesquisas que abordem os impactos das crises climáticas na experiência infantil em ambientes virtuais, podem auxiliar na construção de estratégias para a promoção do bem-estar e da garantia de direitos das crianças em situações de vulnerabilidade.

Sharenting: a hiperexposição (e monetização) da parentalidade nas mídias sociais

*Pedro Henrique Chaves Cardoso
Laura Cristina Eiras Coelho Soares
(UFMG)*

Parte-se de uma inquietação a respeito dos possíveis desdobramentos resultantes do sharenting para a redação do presente escrito. Este termo é uma expressão em inglês que resulta da união das palavras share (compartilhar) e parenting (exercer a parentalidade) e diz respeito a prática de genitores e/ou responsáveis em postar informações – documentos, dados, fotos, vídeos e áudios – de seus filhos crianças e/ou adolescentes nas diferentes mídias sociais. Torna-se imprescindível discutir a relação dos sujeitos com o acesso à internet e aos seus recursos, quando se vê que mais de 83% da população brasileira com acesso à internet passa mais de 9 horas por dia conectado, das quais mais de 3 horas e meia são destinadas às redes sociais. Entretanto, há uma nova tendência entre influenciadores digitais, celebridades e subcelebridades de publicizar cada situação diária de sua vivência parental e, por consequência, da vida de seus filhos. Defende-se, aqui, que esta seria uma nova modalidade de sharenting por 3 razões: 1) pelo número de seguidores, pois são pessoas que contam com milhares ou milhões de seguidores, de forma que a exposição da prole alcança um número exorbitante de pessoas; 2) o relacionamento com o público, pois os influenciadores buscam criar uma relação de intimidade e confiança com os seguidores, de forma a converter em engajamento e publicidade – que leva à terceira razão; e 3) a monetização dos perfis, que é o momento em que a exposição da própria vida e, consequentemente, da vida dos filhos se converte em renda. Alguns influenciadores decidem criar perfis próprios para os filhos, os transformando em influenciadores digitais mirins que, em pouco tempo, também angariam seus milhares e milhões de seguidores. A partir desses apontamentos, começa-se a questionar sobre o tratamento dispensado a estas crianças e adolescentes nas redes sociais, pois estar-se-ia tratando de uma situação de trabalho e de exploração infantil que, paradoxalmente, tem infantes também como produto de consumo. A sua vida, a sua rotina, seus brinquedos e brincadeiras e sua família se transformam no entretenimento a ser consumido por outras pessoas diariamente. Para além de resultar em ganhos comerciais, a hiperexposição nas mídias sociais pode apresentar riscos como a violação do direito à imagem e à privacidade de crianças e adolescentes – que em alguns casos, sequer tem a capacidade cognitiva de consentir com sua exposição nas mídias sociais –, além de ter suas fotos e vídeos retidos e usados de maneira não consensual por terceiros, com intuito sexual, por exemplo. A partir disso, ressalta-se a necessidade

de um esforço conjunto e coordenado entre família, sociedade e Estado, de forma a promover os direitos e a proteção de crianças e adolescentes no ambiente digital, tendo visto recentemente a aprovação do Estatuto Digital da Criança e do Adolescente. Aponta-se, por fim, a necessidade de mais pesquisas que discutam o atravessamento entre o sharenting e os desdobramentos psicossociais dessa hiperexposição para toda a família – especialmente para crianças e adolescentes –, bem como para os seguidores desses influenciadores.

Desnaturalizando o Algoritmo: Fabulações sobre Risco, Proteção e Agência com Adolescentes no tiktok

Baubo Campanella

Renata Laranja Chamun, Gustavo Pereira da Silva Mauch, Monique Navarro Souza.
(UFRGS)

O crescente debate sobre a regulamentação das redes sociais no país incide na criação de espaços que busquem problematizar as relações acopladas entre sujeitos e tecnologias algorítmicas. Além disso, para a atual geração de adolescentes, a vida mediada e modulada por sistemas algorítmicos é a maneira “natural” de existir no mundo. Atentos a este cenário, o NUCOGS (Núcleo de Ecologias e Políticas Cognitivas), através do projeto Oficinando em Rede: Tecnopolíticas dos Afetos, realizou uma pesquisa-intervenção por meio de oficinas com adolescentes do sétimo ano de uma escola estadual de Porto Alegre, RS. A proposta foi promover o debate sobre suas concepções de riscos e estratégias de proteção em redes digitais, em especial com o aplicativo TikTok, e deslocamentos nos modos naturalizados de se relacionar com os acoplamentos algorítmicos. As oficinas foram constituídas por três encontros e baseadas na fabulação (Haraway, 2023) enquanto dispositivo para a produção de tensionamentos aos atuais modos de subjetivação algorítmica. Para os encontros, levamos questionários (para compreender os modos de uso das redes) e narrativas ficcionais (personagens e cenas-problema). Os alunos navegaram pela For You Page dos personagens criados, visando uma mudança algorítmica, a partir de demandas por resoluções éticas e coletivas para situações recorrentes nos ambientes digitais, como racismo algorítmico, discursos de ódio, cyberbullying, aliciamento de menores e adultização. Também foram trabalhadas as políticas de privacidade e segurança digital do aplicativo. Através dos encontros, foi possível desenvolver um espaço de aprendizagem mútua, tanto dos oficineiros quanto dos adolescentes, constituída pelo processo compartilhado de construção das oficinas (Maraschin e Maurente, 2023). Enquanto análise e discussão parcial, percebemos que a aposta nos dispositivos-interventivos fabulativos propiciaram processos projetivos e de identificação dos estudantes com as narrativas, emergindo questões interseccionais que foram trabalhadas em rodas de conversas. A partir das estratégias de proteção e risco pontuadas pelos estudantes, entendemos como eles constroem as suas noções de agência, ao mesmo tempo em que discutimos sobre a impossibilidade de uma autonomia total no que tange às políticas da plataforma. As relações entre os adolescentes são mediadas e marcadas pelo que ocorre nas mídias sociais: vídeos virais e brincadeiras são assuntos compartilhados, produzindo modos de pertencimento. Foi percebido que os jovens, embora reconheçam e critiquem diversas

características dos ambientes digitais, permanecem vinculados a eles – inclusive a conteúdos que consideram inadequados à sua idade. Nota-se, a partir das questões fabulativas, uma dificuldade de imaginar mundos sem as redes sociais, em que existam outros modos de se relacionar com elas que não sejam idealizados. Tal ambivalência reforça como as plataformas algorítmicas configuram um campo de constantes capturas e resistências. Foucault (2014) reitera que toda relação de poder pressupõe a existência de resistências, ainda que provisórias. Nesse sentido, ainda que as dinâmicas algorítmicas modulem nossos modos de viver, é possível produzir exercícios críticos em relação aos conteúdos consumidos e às formas de navegar. Cabe continuarmos refletindo com os adolescentes sobre como habitar esses problemas (Haraway, 2023) postos no contemporâneo digital, para não reproduzir violências também nesse ambiente.

Autodiagnóstico em mídias sociais na adolescência: diálogos com clínicos de orientação psicanalítica

Letícia Resende Ferreira

Tales Vilela Santeiro

(UFTM)

Os adolescentes contemporâneos vivem em contextos de constante conectividade digital, nos quais as interações mediadas pela internet assumem um papel central em suas experiências psicossociais. Nessa movimentação, as mídias sociais on-line podem acentuar dificuldades de lidar com as materialidades da vida e, assim, tamponar lacunas emocionais e instilar buscas por identificação e pertencimento na esfera digital. Entre os conteúdos consumidos pelos jovens, temas relacionados à saúde mental têm ganhado destaque. Diagnósticos e questões sobre sofrimento emocional são amplamente acessados por pessoas sem formação na área, haja vista a inexistência e/ou escassez de regulamentação ou controle sobre o consumo e a disseminação de tais informações. Por meio de discursos sobre psicopatologia e saúde mental, usualmente atrelados à hegemonia biomédica, os sujeitos começam a se ver como portadores potenciais desses transtornos, voltando as linguagens consumidas nas mídias para o seu campo singular de sofrimento psíquico, com poucos recursos para levar a totalidade das expressões de sua subjetividade em conta. Objetivo: Investigar o uso das mídias sociais on-line e a prática de autodiagnóstico digital por adolescentes, a partir da visão de psicólogos clínicos que desenvolvem trabalhos com inspiração psicanalítica. Escopo teórico: O presente estudo anora-se em preferenciais psicanalíticos e em discussões contemporâneas sobre a relação entre sujeitos e as mídias sociais. Sigmund Freud ofereceu subsídios para compreender os processos de constituição do eu e os mecanismos inconscientes que atravessam as experiências adolescentes, momento marcado por intensos conflitos psíquicos e pela busca de identidade. Donald Winnicott considerava a importância do ambiente e da experiência de pertencimento a grupos no desenvolvimento emocional, aspectos que, na contemporaneidade, encontram paralelos na dinâmica dos consumidores de mídias sociais. Método: Pesquisa qualitativa de caráter exploratório e descritivo. Os participantes foram psicólogos de orientação psicanalítica experientes no atendimento clínico a adolescentes. Para a produção de dados, a entrevista semiestruturada foi utilizada, composta por questões relacionadas com os objetivos do estudo. Uma entrevista de aculturação foi feita para a familiarização do pesquisador com o público a adequação dos tópicos elaborados da entrevista. Os primeiros participantes foram convidados a partir da rede de contatos pessoais dos pesquisadores; os demais foram contatados pela técnica bola de neve. Principais

conclusões: Os relatos dos participantes indicaram que os adolescentes têm utilizado as mídias sociais on-line para buscar pertencimento e validação social. Conteúdos que estimulam comparações sociais, sobretudo relacionadas à autoimagem foram destacados. Nesse cenário, a exposição dos jovens a influenciadores digitais tem intensificado a comparação de corpos e estilos de vida e impactado diretamente a construção da autopercepção de si mesmos. A tendência de exposição pública de dores e sofrimentos emocionais nas plataformas digitais como forma de acolhimento e validação também foi relatada. Os adolescentes atendidos têm relatado a experiência de se autodiagnosticarem a partir de conteúdos acessados em mídias sociais ou, mais recentemente, em aplicativos de inteligência artificial. Diante dessa realidade, os entrevistados têm buscado estabelecer diálogos críticos em relação aos processos de autodiagnóstico de seus pacientes, problematizando os significados subjacentes e questionando o papel que as autoidentificações têm ocupado nas vidas dos jovens.

A face digital da misoginia entre adolescentes

Flávia De Almeida Prado Cézari

Aline Souza Martins

(USP)

A proposta deste ensaio é discutir como a misoginia se propaga entre adolescentes por meio das mídias digitais a partir da série “Adolescência” e de estudos recentes sobre mídias digitais, analisados a partir da psicanálise, teorias de gênero e dados estatísticos. Objetivos: Refletir sobre as relações de gênero na adolescência, compreendendo os mecanismos que estão em jogo nos comportamentos misóginos e como estes são incitados pelas mídias digitais e pelos algoritmos, que potencializam os discursos de ódio. Ademais, apontaremos propostas de enfrentamento à misoginia online entre os adolescentes. Escopo teórico: O escopo teórico do trabalho é um diálogo entre Psicanálise (Sigmund Freud, Stephen Frosh, Luciana Coutinho), teorias de gênero (Judith Butler, Paul Preciado) e estudos sobre o impacto do gênero nas mídias entre os adolescentes e adultos (ONU Mulheres, Safernet, pesquisas da UFRJ e da Universidade de Dublin). Método: O método inclui uma contextualização da misoginia online entre adolescentes no Brasil e no mundo por meio de estudos estatísticos. Analisamos criticamente a série “Adolescência” à luz dos conceitos psicanalíticos e das teorias de gênero, entendendo a situação do protagonista Jamie como uma ilustração de mecanismos em jogo nos processos contemporâneos de subjetivação dos adolescentes. Conclusões: Concluímos que a misoginia na adolescência não pode ser compreendida como um comportamento ou patologia individual, mas sim como um sintoma social da cultura patriarcal contemporânea. As masculinidades hegemônicas, intimamente associadas com a força, o poder, virilidade e a submissão de meninas e mulheres, são reforçadas pelos discursos veiculados em mídias digitais e que são facilmente acessados por garotos. Tais discursos de ódio são veiculados mais ou menos explicitamente e não sofrem regulação estatal, tampouco são conhecidos por parte dos responsáveis, que não sabem o que seus filhos acessam na internet. Portanto, o enfrentamento da misoginia deve ser público e coletivo, passando por: políticas públicas voltadas para a educação crítica de adolescentes e responsabilização das plataformas digitais e dos criadores de conteúdo misógino; envolvendo diversos atores sociais tais quais o poder público, a sociedade civil e a Universidade, esta última mais especificamente envolvida na produção de conhecimento e criação de estratégias comunitárias de prevenção e enfrentamento da violência online.

Do Like e do Laço: as práticas de uso da juventude no tiktok

Jéssica Magalhães de Paula Nishiyama
(PUC-SP)

O presente trabalho investiga, à luz da teoria psicanalítica lacaniana, as práticas de uso do TikTok por adolescentes, articulando os conceitos centrais de gozo escópico, discurso capitalista e sublimação. Parte-se da constatação de que, no contexto da sociedade contemporânea marcada pelo imperativo escópico e pela lógica da performance, o sujeito adolescente é particularmente capturado, sobretudo no uso do aplicativo TikTok, uma vez que se encontra atravessando um momento lógico em que sua identidade está em suspensão. Trata-se de uma travessia marcada por um processo intenso de reorganização pulsional, em que o olhar e o ser olhado adquirem valor de objeto de gozo e moeda social. Diante desse cenário, apostamos numa hipótese: o uso do TikTok pode ser compreendido como uma das possíveis respostas ao mal-estar que atravessa a adolescência — resposta que pode se inscrever tanto pela via da alienação, em consonância com o discurso capitalista, quanto pela via da separação, tal como se opera na sublimação. O aplicativo, ao mesmo tempo em que oferece uma vitrine para o eu ideal e para a captura pela imagem, também pode abrir frestas para a criação, para a invenção e para o reposicionamento do sujeito diante de seu próprio desejo. A partir da teoria dos discursos formulada por Lacan, analisa-se como o discurso capitalista se sustenta na recusa da falta e, para tamponá-la, recorre à produção contínua de mercadorias e signos de gozo — as chamadas “latusas”. Em contraste, os discursos histérico e do analista permitem a emergência do sujeito desejante, deslocando o foco da completude imaginária para a falta estruturante. É a partir desses dois discursos que se pode conceber a sublimação como uma via de separação — uma forma de inscrição que, em vez de negar o vazio próprio da adolescência, o eleva à dignidade da Coisa. Assim, este trabalho investiga expressões criativas e artísticas da juventude como possíveis formas de subversão dentro da plataforma. Tais produções, ao invés de se resignarem exclusivamente ao imperativo da visibilidade e do entretenimento característicos do TikTok, operam como contornos do real — cuja incidência se intensifica nesse tempo de vida —, instaurando brechas para que o jovem possa se bem-dizer. Depreende-se, portanto, que os adolescentes utilizam a plataforma de modo ambivalente: ao mesmo tempo em que são capturados pela lógica alienante do discurso capitalista, também podem fazer do espaço um campo de criação, sustentando novos modos de laço social mediados pela operação da sublimação.

Hábitos de tela e sua influência na subjetividade e nas relações de adolescentes

Yvette Piha Lehman

Joelma Cristina Azevedo Tigre, Allan Felipe Caetano, Demina Quirino

(USP)

O ensaio teórico visa compreender as mudanças de comportamento de adolescentes no nível das relações humanas e do desenvolvimento da subjetividade mediante o uso contínuo de telas. Analisamos os impactos psicológicos dessa imersão na realidade digital, integrando perspectivas da Psicologia, Psicanálise e Neurociências. Com a ascensão dos espaços virtuais, o espaço social foi reconfigurado. Dispositivos móveis e algoritmos personalizados viabilizam a fragmentação da experiência grupal, criando assim "bolhas filtradas". A filtragem da atenção pela tela prioriza a experiência individual em detrimento da grupal. O encontro entre corpos ocorre por meio de avatares e a formação de vínculos decorre das interações nos espaços virtuais. A coexistência do real e do virtual, criou a “infosfera”, que transformou o espaço digital em um ambiente habitável. As plataformas de redes sociais, games e inteligências artificiais estimulam o engajamento dos usuários para responder de forma imediata. A atenção permanente nas telas é reforçada pelas recompensas prazerosas como curtidas, comentários ou recompensas em jogos. O comportamento condicionado dos usuários resulta na perda da sensibilidade da convivência social. A vida social de adolescentes nascidos após 1995 passou a ser excessivamente conectada. E como consequência pode apresentar quatro prejuízos cognitivos comportamentais: privação social, privação de sono, atenção fragmentada e adição à tela. Essa conjunção de fatores aumentou o número de casos de transtornos de ansiedade e depressão. O brincar livre, essencial para o desenvolvimento de múltiplas habilidades, foi trocado por espaços virtuais onde a presença do outro é frágil e excluível. O cérebro se transforma intensamente na adolescência pela plasticidade das projeções neurais entre o córtex, sistema límbico e núcleos da base. A consolidação de novas conexões depende da atividade do sistema dopaminérgico que modula o comportamento do adolescente. O cérebro aprende a reconhecer as atividades prazerosas que ficam gravadas em redes neurais. A falta de estímulos socioemocionais e linguísticos devido o uso contínuo de telas prejudica a maturação de áreas límbicas e adjacentes, levando assim, ao empobrecimento cognitivo do adolescente. A moratória psicosocial é um período de experimentação de papéis futuros, portanto, crucial para a formação da identidade. A vivência no espaço virtual é marcada por comunidades que podem ter vida curta e relacionamentos descartáveis. O que contrasta com a importância da presença do outro físico e

real para o desenvolvimento do self. O espelhamento proporcionado pelo contato direto é fundamental para a apropriação do self e a consolidação da identidade. A subjetividade esvaziada coloca em risco a criação de narrativas pessoais próprias que se contrapõem às influências do mundo digital. O domínio do mundo virtual leva a um risco de coisificação da vida e a perda do senso de humanidade. Coptado pela economia da atenção, o adolescente corre o risco de se tornar um "simulacro" (de si), engajado em uma performance que o distancia do Ser (núcleo de vida estável). Podendo levá-lo ao esvaziamento do self (o centro de operações psíquicas). A subjetividade reduzida a uma commodity, leva o indivíduo a produzir storytelling (narrativas fragmentadas e enviesadas) para ancorar seu Ser. O storytelling publicista de plataforma fragmenta o tempo e reduz a vida ao consumo. Diferentemente de uma narração que cria significado. A naturalização da equivalência entre o físico e o digital incentiva a busca pela experiência de vida através da "vitrine" e não do "espelho" da autorreflexão.

Relações entre Partner Phubbing e Bem-estar subjetivo

*Carolina da Silva Areosa
Joyce da Conceição de Jesus Rosa
(PUC-RIO)*

Partner phubbing é definido como o comportamento no qual o indivíduo direciona sua atenção ao smartphone em detrimento do parceiro durante interações presenciais. Essa prática tem sido associada a níveis mais elevados de ciúme, aumento de conflitos e sentimentos de exclusão e da satisfação no relacionamento. Quando recorrente, esse comportamento pode gerar sensação de negligência e desvalorização, prejudicando a confiança mútua, reduzindo a qualidade das interações e limitando momentos de conexão emocional significativa entre os parceiros. Diante disso, torna-se relevante considerar o bem-estar subjetivo, que se refere à avaliação que os indivíduos fazem de sua própria vida, englobando dimensões cognitivas e afetivas. A dimensão cognitiva envolve a satisfação com a vida, ou seja, a percepção sobre quão satisfeita a pessoa está com diferentes aspectos de sua existência. A dimensão afetiva diz respeito à experiência de emoções positivas, como alegria e gratidão, e emoções negativas, como tristeza e ansiedade. O bem-estar subjetivo resulta da interação entre essas dimensões: quanto maior a satisfação e a frequência de emoções positivas, e menor a de negativas, maior é a percepção de bem-estar. Este estudo investigou a relação entre partner phubbing e bem-estar subjetivo em uma amostra de 289 brasileiros, com média de idade de 30,6 anos ($DP=11,07$), sendo 72% mulheres e a maioria em relacionamento amoroso. Os participantes responderam a um questionário online contendo questões sociodemográficas, a Escala de Partner Phubbing, a Escala de Afeto Positivo e Afeto Negativo (PANAS) e a Escala de Satisfação de Vida. Os resultados indicaram associações positivas entre partner phubbing e afetos negativos, assim como associações negativas com afetos positivos e satisfação com a vida, evidenciando que a atenção excessiva direcionada ao smartphone durante interações presenciais pode comprometer a qualidade relacional, enfraquecer o vínculo afetivo e impactar negativamente o bem-estar emocional. Esses resultados reforçam a importância de estratégias que promovam a presença emocional e comunicação efetiva nos relacionamentos. Medidas como estabelecer momentos livres de tecnologia, praticar atenção plena e desenvolver habilidades de regulação emocional podem favorecer a intimidade, a satisfação relacional e a percepção geral de bem-estar. Em suma, o partner phubbing representa um desafio relevante para a qualidade das relações amorosas e para a manutenção do bem-estar subjetivo. O uso equilibrado de dispositivos tecnológicos em contextos interpessoais, aliado a práticas que reforcem a atenção e a presença emocional, revela-se um fator

crucial para preservar a saúde emocional, fortalecer vínculos afetivos e promover uma percepção mais positiva da própria vida.

Associações entre dependência de smartphone e bem-estar subjetivo

*Louize Estevão Vieira
Joyce da Conceição de Jesus Rosa
(PUC-RIO)*

O Bem-estar subjetivo diz respeito à avaliação subjetiva da própria vida de alguém e pode ser avaliado de diversas formas, como pedir aos entrevistados considerem suas vidas e forneçam um julgamento explícito sobre a qualidade da mesma ou que relatem suas experiências emocionais. Níveis elevados de bem-estar subjetivo incluem experiências emocionais positivas frequentes, rara experiência emocional negativa (depressão ou ansiedade) e satisfação com a vida como um todo. Os afetos positivos são sentimentos prazerosos experimentados rotineiramente, como animado, apaixonado e determinado. Os afetos negativos referem-se a um estado em que as emoções desagradáveis são frequentes, como aflição, medo e angústia. A satisfação com a vida é um julgamento cognitivo da vida da pessoa, como um processo de juízo e avaliação geral da própria vida. O bem-estar subjetivo está associado a diversos aspectos da vida da pessoa, como a sua relação com o mundo digital. A dependência de smartphone diz respeito a um padrão de uso problemático dessa tecnologia, caracterizada por preocupação, sintomas de abstinência, prejuízo no desempenho de tarefas diárias e dificuldade de controle de impulsos. Assim como na dependência de substâncias psicoativas, na dependência comportamental do uso de smartphone, a abstinência também é marcada por sintomas físicos desconfortáveis e prejuízo psicológico significativo, podendo ocorrer sentimento de perda, frustração, sensação de vazio ou, até mesmo, expressões físicas de raiva. O presente trabalho teve como objetivo avaliar a relação entre a dependência do smartphone e o bem-estar subjetivo. Participaram deste estudo 422 adultos brasileiros (68,5% mulheres), com média de idade de 30,1 anos. Quanto aos dados referentes ao estado civil, a maioria era solteira (69%), seguido por participantes casados ou em união estável (26,3%). Os participantes responderam a um questionário online contendo questões sociodemográficas, a Escala de Dependência do Smartphone (EDS), a Escala de Afeto Positivo e Afeto Negativo (PANAS) e a Escala de Satisfação de Vida, que medem o bem-estar a partir das três dimensões (afetos negativos, afetos positivos e satisfação). Foram realizadas análises de correlação para investigar relações entre as dimensões do bem-estar e a dependência do smartphone. Os resultados revelaram uma associação positiva entre dependência do smartphone e afetos negativos, conforme esperado. Além disso, essa dependência se relacionou negativamente com afetos positivos e satisfação com a vida. Dessa forma, esse estudo correlacional

aponta uma relação negativa entre dependência do smartphone e bem-estar subjetivo. O método aplicado não é capaz de atribuir causalidade às variáveis estudadas, no entanto, a inter-relação entre elas foi identificada. Intervenções que visem fortalecer os níveis de bem-estar subjetivo podem se utilizar da diminuição nos níveis de dependência do smartphone e ser uma estratégia promissora para a promoção da saúde mental.

Especificidades da adicção em internet e tecnologia na terceira idade

Beatriz Araujo Sardenberg

Terezinha Féres-Carneiro

(PUC-RIO)

Tema: Especificidades da adicção em internet e tecnologia na terceira idade. Objetivos: Elucidar e qualificar as manifestações da Adicção em Internet e Tecnologia (AIT) na terceira idade, identificando seus fatores de risco e de proteção específicos, bem como suas implicações psicossociais. Escopo teórico: Psicologia Sistêmica e Psicologia do Desenvolvimento, com ênfase em perspectivas relacionais e no ciclo vital. Método: Revisão bibliográfica narrativa realizada a partir de bases de dados nacionais e internacionais (SciELO, PsycINFO, PubMed e Google Scholar), utilizando os descritores internet addiction, technology use, older adults e aging. Foram incluídos artigos entre 2015 e 2024 que abordavam o uso problemático de tecnologias digitais em pessoas com 60 anos ou mais. Principais conclusões: A Adicção em Internet e Tecnologia (AIT) na terceira idade manifesta-se com particularidades. Aparece associada, como em outras fases do ciclo vital, ao engajamento em conteúdos de interesse e lazer, mas também ao uso intensivo de serviços cotidianos digitais, como serviços bancários, de saúde e compra de bens e serviços. O uso tende a funcionar como estratégia de enfrentamento do isolamento social, da solidão e de dificuldades emocionais, estando frequentemente relacionado a sintomas ansiosos, depressivos e distúrbios do sono. Observa-se também redução do apoio social presencial, enfraquecimento da expressão oral e comprometimento do funcionamento diário, além de vulnerabilidade a fraudes digitais e alterações emocionais. Sob uma lente sistêmica e desenvolvimental, comprehende-se que, na terceira idade, o processo de construção de saúde psíquica continua em curso, ainda que com recursos socioemocionais mais restritos e forte dependência das relações familiares. Os estudos analisados indicam que maior envolvimento familiar e manutenção de papéis coerentes com essa etapa do ciclo vital atuam como fatores protetivos contra a AIT. O apoio social presencial amplia a resiliência e favorece o uso saudável das tecnologias. Esses achados dialogam com o olhar sistêmico sobre o ciclo vital, as configurações familiares que sustentam o envelhecimento saudável e os desafios de redefinir o sistema conjugal e as redes de pertencimento. Constata-se ainda que o letramento digital e a psicoeducação sobre o uso tecnológico reduzem o risco de AIT, ao passo que a menor plasticidade comportamental e a vulnerabilidade biológica dessa fase agravam os impactos físicos e cognitivos do uso prolongado (problemas visuais, musculoesqueléticos e cardiovasculares). Estima-

se que 70–80% dos idosos utilizem telas cotidianamente e cerca de 17,5% apresentem critérios compatíveis com AIT, proporção semelhante à de populações mais jovens (13–27%). Conclui-se que a AIT está significativamente presente na terceira idade e implica prejuízos biopsicossociais amplos e específicos, exigindo abordagens integradas de prevenção e promoção da saúde mental. Com o envelhecimento populacional e a crescente digitalização da vida cotidiana, compreender e qualificar a AIT na velhice é fundamental para sustentar o desenvolvimento humano saudável ao longo de todo o ciclo vital.

Responsabilidade e cuidado nas plataformas digitais: um olhar sobre o youtube e o tiktok

*Gefferson Eusébio de Macedo Junior
(E-Lab USP)*

O presente estudo busca discutir as noções de responsabilidade e cuidado voltado à saúde mental no contexto das plataformas YouTube e TikTok, consideradas hoje dois dos principais espaços de socialização e subjetivação digital. Ambas foram escolhidas por apresentarem formas abertas de interação e por compartilharem a característica estrutural do modelo de vídeo, que favorece a exposição pública de conteúdos e discursos. A relevância da discussão se apoia na necessidade de compreender como tais plataformas modelam comportamentos e percepções sobre responsabilidade no ambiente digital, especialmente em tempos de hiperconectividade e aceleração informacional. O objetivo central é comparar as duas plataformas de vídeo a partir das noções de responsabilidade e cuidado voltado à saúde mental, buscando identificar como esses conceitos se manifestam nas interações digitais e propor caminhos de estruturação mais responsável do ambiente online. De forma complementar, pretende-se analisar os modos de engajamento e as dinâmicas comunicacionais que se estabelecem entre usuários e comunidades digitais. O estudo adota o método exploratório, combinando revisão bibliográfica com análise documental das políticas, avisos e estruturas comunicacionais presentes nas plataformas YouTube e TikTok. A fundamentação teórica apoia-se em autores que abordam o ambiente digital sob perspectivas sistêmicas e ecológicas, como Hans Jonas (2007) e Gregory Bateson (2025). Também são mobilizadas as contribuições de Marshall McLuhan (1964) e Lucia Santaella (2021), que refletem sobre as tecnologias como extensões humanas e seus impactos sobre a subjetividade e a responsabilidade individual e coletiva. Os dados preliminares indicam que a responsabilidade no digital apresenta-se como um fenômeno difuso, muitas vezes ausente ou de difícil aferição. No caso do TikTok, observa-se uma tendência à interatividade e abertura ao meio social externo, com dinâmicas que favorecem maior circulação de afetos e conteúdos entre comunidades. Já o YouTube mantém características de uma estrutura mais fechada, herdeira da lógica do Vale do Silício, voltada para resolver internamente as questões emergentes. Essa distinção reflete modos diferentes de conceber a mediação tecnológica e o lugar do sujeito dentro das redes. Os estudos analisados a partir de bibliografia prévia de demais autores (Penha et al., 2016; Fernández-Rio et al., 2019; Abs, 2022), apontam que a ampliação da percepção de responsabilidade gera benefícios tanto individuais quanto coletivos, criando contextos de coexistência sistêmica entre humanos e tecnologias. O que reforça

a concepção de Bateson de que a unidade de sobrevivência é sempre organismo e meio ambiente, compondo um único ecossistema relacional. Os resultados sugerem que o modo como as plataformas estruturam suas interações influencia diretamente as percepções de responsabilidade e cuidado com a saúde mental dos usuários. Entender tais dinâmicas é essencial para repensar a ética digital e promover formas mais sustentáveis e participativas de convivência no ciberespaço. O estudo, ainda em andamento, pretende avançar em análises mais detalhadas das comunidades digitais e contribuir para o debate sobre responsabilidade socioemocional no ambiente tecnológico contemporâneo.

Avaliação neuropsicológica online em pacientes pós-AVC: um relato de experiência

Sofia Almeida Mota

Hellora Caroline Izidoro, Milena Miyuki Hiratuka Ujihara, Guilherme Domingos Martins,

Jaqueline de Carvalho Rodrigues

(PUC-RIO)

A Triagem Cognitiva (TRIACOG) é um instrumento neuropsicológico desenvolvido para o rastreio cognitivo de pessoas pós-Acidente Vascular Cerebral (AVC), nas fases aguda e crônica da doença. O teste avalia oito funções principais: orientação, memória verbal episódico-semântica, praxias, memória visual, atenção auditiva/memória operacional, funções executivas, linguagem e processamento numérico, apresentando amplas evidências de validade e de fidedignidade para aplicação presencial em lápis e papel. Contudo, faz-se importante investigar a viabilidade de se utilizar este instrumento neuropsicológico no formato informatizado por videoconferência. Nesse sentido, o presente estudo teve como objetivo relatar a experiência de adaptação da TRIACOG para o formato on-line (TRIACOG-Online), aplicada a indivíduos pós-AVC. Os voluntários foram recrutados em hospitais públicos e privados dos estados do Rio de Janeiro e Roraima, além da divulgação em redes sociais. A amostra foi composta por 74 participantes pós-AVC (fase aguda e crônica), com média de idade de 56,53 anos (DP = 15,62) e 14,82 anos de escolaridade (DP = 6,53), sendo 37 do sexo feminino (50%). As aplicações foram conduzidas por uma equipe de 18 avaliadores previamente treinados (estudantes de graduação, mestrandos e doutorandos) sob supervisão de uma professora pesquisadora. As sessões ocorreram por videoconferência, via Zoom, com duração aproximada de 20 minutos. Além da TRIACOG-Online, os avaliados responderam a outros instrumentos voltados à identificação de declínio cognitivo, funcionalidade e humor. De acordo com os relatos, a adaptação on-line manteve agradabilidade entre os respondentes. Entretanto, observou-se que grande parte deles necessitou de auxílio de acompanhantes para lidar com aspectos tecnológicos durante a sessão. Entre os desafios observados, destacaram-se a dependência da estabilidade da conexão com a internet e a menor motivação de indivíduos na fase aguda do AVC. Verificou-se também dificuldade em casos de afasia, razão pela qual essa modalidade não é indicada para tais perfis. Por outro lado, a aplicação on-line ampliou o alcance geográfico, possibilitando a inclusão de participantes de 15 estados brasileiros, muitos dos quais não teriam acesso a esse tipo de avaliação, verificando-se que apenas 5% da amostra havia realizado exame neuropsicológico previamente. A avaliação remota também proporcionou maior facilidade na

pontuação das respostas, feita de modo semiautomatizado, e redução de custos operacionais. Portanto, pode-se concluir que a avaliação remota com a TRIACOG-Online mostrou-se viável para adultos pós-AVC. Os resultados indicam que essa modalidade pode constituir uma alternativa promissora no campo da neuropsicologia. Estudos futuros investigarão as evidências de validade do instrumento, utilizando esta e outras amostras neurológicas, bem como analisarão a invariância entre as modalidades presencial e on-line.

Métodos de subjetividade digital na pesquisa psicológica multilíngue

Luciano Ferreira Rodrigues Filho

Rafael Plana Símões

(UNESP Botucatu)

Este trabalho descreve uma abordagem metodológica no campo da psicologia digital para transcrição e análise de entrevistas multilíngues em pesquisas psicológicas, com foco especial no desafio representado por línguas com recursos tecnológicos limitados, como o mongol. O estudo documenta a insuficiência dos sistemas automatizados de reconhecimento de fala Automatic Speech Recognition (ASR) para capturar nuances psicológicas e culturais em idiomas minoritários, resultando em transcrições imprecisas que comprometiam a análise qualitativa em psicologia transcultural. A investigação revelou que os sistemas ASR, embora eficazes para idiomas majoritários, apresentavam desempenho significativamente degradado para o mongol, produzindo aproximações fonéticas incompreensíveis ou marcando segmentos como "foreign" sem tentativa de transcrição. A pesquisa desenvolveu uma estratégia metodológica híbrida em três camadas para superar essas limitações. A primeira camada aproveitou as perguntas em inglês, transcritas com alta precisão, para estabelecer a estrutura temática da entrevista. A segunda camada analisou fragmentos fonéticos capturados pelo sistema ASR, identificando termos psicológicos reconhecíveis como "Vygotsky" e conceitos culturais como "budismo", que forneciam pistas contextuais sobre o conteúdo das respostas. A terceira e mais substantiva camada utilizou modelos de linguagem de grande escala (GPT-4) para inferência contextual, reconstruindo o conteúdo provável das respostas em mongol com base no conhecimento especializado em psicologia, cultura mongol e continuidade temática entre as partes da entrevista. Insatisfeitos com os resultados iniciais, os pesquisadores adaptaram o método de Zhang et al. (2023), originalmente desenvolvido para reconstrução de manuscritos antigos, ao contexto da pesquisa psicológica. Esta adaptação envolveu a aplicação de um pipeline multimodal incluindo localização por conteúdo para agrupar ideias relacionadas à psicologia, correspondência semântica para assegurar continuidade temática, reconstrução hierárquica para organizar informações em blocos coerentes e validação cruzada entre versões para garantir fidelidade ao sentido psicológico original. O processo foi implementado através de scripts em Python que automatizaram a interação com a API do modelo de linguagem. Os resultados demonstraram a superioridade desta abordagem adaptada, produzindo transcrições significativamente mais claras e estruturadas que permitiram identificar temas psicológicos cruciais como: a transição cultural do nomadismo para a vida urbana e seu impacto na saúde mental,

modelos psicológicos contemporâneos na Mongólia, fatores culturais específicos que afetam problemas psicológicos, estigma associado à psicologia, e áreas de interesse profissional entre estudantes de psicologia mongóis. A análise contextual identificou ainda discussões sobre a influência do budismo nas concepções de saúde mental e os desafios específicos enfrentados por estudantes universitários mongóis. A metodologia desenvolvida representa uma contribuição significativa para a psicologia digital, oferecendo ferramentas para investigação transcultural em idiomas de recursos limitados. Embora reconheça limitações importantes na captura de nuances literais e aspectos paralinguísticos, o estudo demonstra como abordagens híbridas que combinam tecnologia automatizada com análise contextual assistida por IA podem viabilizar pesquisas psicológicas em contextos linguísticos diversos, mantendo o rigor na análise de constructos psicológicos e representações culturais. Para pesquisas futuras, recomenda-se a priorização de transcritores humanos quando viável e a manutenção de transparência metodológica sobre os processos de inferência contextual.

Psicologia, masculinidades interseccionais e redes sociais: os efeitos dos grupos masculinistas na sociedade contemporânea.

Giovana Pereira de Assis

Paula Marques da Silva

(UEL)

A presente pesquisa busca compreender como grupos masculinistas que se organizam e se expressam nas redes sociais atuam na produção de subjetividades contemporâneas, gerando efeitos marcados por discursos de gênero, poder e exclusão. Partindo dos referenciais teóricos de Michel Foucault, Judith Butler, Félix Guattari e outros autores críticos, o trabalho analisa como as redes sociais funcionam como dispositivos de subjetivação, operando na constituição de masculinidades hegemônicas que frequentemente se articulam com ideologias conservadoras, misóginas e autoritárias. Nesse contexto, comunidades como os red pills, incels e legendários emergem como espaços de performatização do masculino, resgatando narrativas patriarcais e criando ambientes de radicalização política e afetiva. A metodologia proposta combina revisão bibliográfica e etnografia virtual, articulando teoria e análise empírica para observar conteúdos produzidos nessas comunidades em plataformas como Instagram, TikTok e X (antigo Twitter). Considera-se ainda a dimensão interseccional, destacando como raça, classe e território atravessam e complexificam a experiência masculina, evidenciando desigualdades e diferentes formas de adesão aos discursos masculinistas. Elementos como o funcionamento dos algoritmos, a performatividade de gênero e a circulação de afetos negativos — como ressentimento, raiva e medo — são examinados como fatores centrais na manutenção desses discursos. Por fim, a pesquisa propõe refletir sobre o papel da Psicologia diante desse cenário, entendendo que cabe ao psicólogo tensionar os modos de subjetivação dominantes e contribuir para a construção de outras narrativas possíveis. Nesse sentido, aposta-se em práticas que favoreçam masculinidades plurais, éticas, inventivas e comprometidas com o cuidado de si e com a transformação social, promovendo alternativas frente à rigidez normativa da masculinidade hegemônica.

Dimensões do corpo nas vivências de grupos psicoterapêuticos on-line: perspectivas de psicólogas

Sara Santos Dias Costa

Larissa Christine Jerônimo Neiva, Tales Vilela Santeiro

(Faculdades Associadas de Uberaba)

O avanço dos atendimentos psicológicos on-line trouxe novos desafios relacionados à dimensão corporal. Até a pandemia da COVID-19, as pessoas eram, em geral, mais habituadas a buscar atendimentos presenciais, de modo que a ausência do corpo físico requer atenção específica às comunicações não verbais e à construção da aliança terapêutica. O contexto de grupos singulariza essa temática, uma vez que apresenta características próprias de interações coletivas. O estudo objetivou investigar a atuação e as vivências de psicólogas na coordenação de grupos psicoterapêuticos on-line síncronos, com especial atenção à dimensão corporal. A pesquisa é de cunho clínico-qualitativo. Doze psicólogas que possuíam pelo menos uma experiência concluída ou em andamento na condução de grupos psicoterapêuticos on-line participaram deste estudo, autodeclaradas mulheres cisgênero, brancas, com idades entre 26 e 53 anos, residentes e atuantes na região Sudeste, todas graduadas na década de 2010 em instituições privadas (participações definidas por meio dos métodos bola-de-neve e saturação teórica). O instrumento utilizado para a produção de dados foi a entrevista semidirigida, realizada por meio do Google Meet. As análises basearam-se no método clínico-qualitativo, e a interpretação dos dados ocorreu por meio do diálogo com a literatura pertinente. Os relatos das participantes indicaram que, nos processos grupais on-line síncronos, embora não haja proximidade física no sentido tradicional, em que os integrantes se sentam em círculo, novas formas de intimidade são observadas. Essa modalidade de atendimento é marcada pela fantasia e idealização de relações entre dois ou mais “não corpos”, seguindo regras específicas da interação digital, distintas das presenciais. As análises indicaram que nem sempre os integrantes dos grupos se mostravam nas transmissões, mesmo quando a visualização estava prevista em contrato terapêutico. Essa limitação se manifestava frequentemente pelo desligamento ou uso parcial de câmeras e prioridade no uso dos recursos de áudios, o que levava os psicoterapeutas a experimentarem a sensação de perda da “presença”, compreendida como imersão, atenção e envolvimento emocional. Para lidar com tais restrições, as profissionais recorriam à criatividade, utilizavam ferramentas tecnológicas das plataformas digitais (como Google Meet e Zoom) e adaptavam técnicas psicoterapêuticas convencionais ao ambiente on-line. Além disso, as entrevistadas destacaram a importância de apostar no diálogo mútuo e na partilha dos sentimentos

envolvidos, de modo a elaborar coletivamente as experiências e fortalecer os vínculos no grupo. A presença terapêutica, embora tradicionalmente associada ao corpo físico, manifesta-se também por meio da voz e de outros elementos subjetivos de interação, como o chat das plataformas. Mesmo diante dos desafios inerentes ao formato digital das intervenções, as narrativas das profissionais indicaram que a expressão do corpo se mantém por outros ângulos e modos de percepção, o que merece atenção nas práticas psicoterapêuticas mediadas pelas tecnologias da informação e comunicação. Este estudo apresenta limitações, como a restrição às experiências de psicólogas brasileiras situadas em duas regiões, Sudeste e Nordeste. Recomenda-se que futuras pesquisas investiguem a diversidade de contextos geográficos, assim como aprofundem o estudo de diferentes modalidades de atendimento on-line e das estratégias voltadas à presença corporal e à interação terapêutica em grupos on-line.

Socialização máquinica: usos e efeitos da sociabilidade no digital a partir do estudo de caso de uma influenciadora virtual no Instagram

Danilo Queiroz

(USP)

Com a popularização do uso de chatbots e a infiltração do tema pela imprensa no imaginário social, tornou-se comum as recomendações algorítmicas promovidas pelo Instagram sobre perfis de influenciadores criados por Inteligência Artificial. Os influenciadores virtuais (“Virtual Soul”), como são nomeados em suas respectivas bio, registram a diferenciação corporal que desempenham quando comparados aos influenciadores humanos. A partir dessas diferenças, e considerando as novas dimensões transmídiáticas que o digital tem desempenhado, sobretudo, na sociabilidade humana, torna-se pertinente observar os efeitos e usos que as interfaces entre seres humanos e máquinas nas redes sociais, tem contribuído para o campo da psicologia e da antropologia digital. Desse modo, processos sistêmicos de socialização híbridas entre humanos, algoritmos e plataformas abre margem a um tipo de socialização maquinica, apesar da persistência dos questionamentos “é real ou IA?”, promovido pelos seguidores-humanos desses avatares. Tomando Aitana Lopez, uma influenciadora virtual no Instagram como estudo de caso, podemos perceber vários níveis desse fenômeno de socialização máquinica. A escolha pela influenciadora se deu a partir de notícias veiculadas em portais jornalísticos que indicam o perfil como o mais seguido entre os influenciadores virtuais. Importante ressaltar que, semelhante ao que ocorre com influenciadores humanos, as influenciadoras virtuais são categorizadas por produto de influência. Nesse caso, o de comportamento, com foco em divulgação de marcas de produtos estéticos. Logo, este ensaio tem por objetivo, a partir de uma observação pautada na etnografia digital com enfoque em um caráter qualitativo, compreender os sentidos atribuídos pela representação midiatisada para com sua audiência. Desse modo, questionando os limites da agência socializadora que executa por meio de interações e outros dispositivos de mediação que funcionam como sistemas sócio-técnicos amplificando ou mimetizado uma sociabilidade humana fundamentada a partir do vínculo. Do ponto de vista da formação de fontes e sociabilidade, a influenciadora promove a construção de comunidades digitais onde o laço social se estabelece via dispositivo, mas está marcado por métricas, visibilidade e performance, enviesados por sistemas algorítmicos que reconfiguram o “eu”. É a própria interface da rede que reconfigura os mecanismos de socialização, seja pelo formato curtir, comentar, seguir, ou pelo sistema de contato que as caixinhas de pergunta desempenham assinalando uma contradição “assustadora e magnífica”, de acordo com sua audiência, pela

aproximação verossímil que a avatar executa a partir das suas legendas. Portanto, o caso de Aitana López explicita que as redes sociais constituem ecologias de socialização em que humanos e máquinas aprendem conjuntamente a sentir, comunicar e existir. A análise da influenciadora virtual nos permite compreender como a socialização máquinica se consolida como um novo regime de vínculo, em que o afeto e a interação deixam de ser exclusivamente humanos para se tornarem produtos algorítmicos sobre uma entidade não-humana, mas dotada de linguagem emocional e performatividade relacional. Esse deslocamento desafia categorias clássicas como empatia, autenticidade e reciprocidade, instaurando uma “afetividade simulada” que, apesar de sintética, é vivida como real pelos sujeitos humanos que estabelecem com a máquina gestos de cuidado e presença.

Contornos de subjetividades na web – a escritura de si em blogs:

*Marco Aurélio de Lima
(USP)*

O presente trabalho deriva da tese de doutorado defendida em 2016 no IPUSP intitulado "Contornos de subjetividades na web – a escritura de si em blogs: uma análise institucional do discurso". Tal pesquisa foi concebida a partir da perspectiva da Análise Institucional de Discurso e objetivou desenhar a produção de subjetividade no âmbito de um suporte digital específico, de modo a delinear algumas "imagens de si" a partir da escolha de cinco weblogs de cunho pessoal. Para isto, foi necessário conduzir uma análise que visasse a configurar as cenas enunciativas constitutivas da escrita de si exibida nos blogs. Por meio dos corpora, realizaram-se três tarefas complementares: (1) montar as cenografias – entendidas como cenas que legitimam o enunciado, que distribuem lugares discursivos entre enunciador e coenunciador e que engendram um intrincado jogo de expectativas; (2) estabelecer os ethé dos escreventes (ethé é plural de ethos, termo que designa a imagem que se pode formar do enunciador a partir do modo como este toma a palavra); e (3) evidenciar os efeitos de reconhecimento e desconhecimento configurados na enunciação. As análises realizadas permitiram afirmar que, pela própria maneira de expressar-se no blog, o escrevente cria uma relação de intimidade e familiaridade com o leitor. Além disso, é possível dizer que, por meio de oposições e diferenciações do escrevente em relação a um interlocutor produzido no discurso, emerge uma imagem valorizada do "eu", uma subjetividade como um elogio de si. O blog, muitas vezes, é visto como um "espelho" que reflete o que realmente se é, configurando, consequentemente, um "eu" consciente da verdade sobre si. Por fim, cumpre asseverar que, na escrita de si, presente nos corpora analisados, a vida é reconhecida como aquilo que acontece no blog. Em função dos contornos construídos pela análise, foi possível "apontar", retomando as palavras de Michel Foucault, processos de "subjetivação do discurso e objetivação do sujeito".

Entre vício e dependência: repensando o modo ao que nos referimos às interações e usos da internet

*Jeferson Moreira Gonçalves
(USP)*

Apesar de ser parte constitutiva dos processos comunicacionais, por vezes, o entendimento teórico e crítico do digital é deixado de lado nos estudos e pesquisas das ciências da comunicação. Isso se deve por conta de uma leitura reducionista e simplificadora de suas abrangências, que caracterizam o digital como problema ou como solução, numa lógica binária, mas esquecendo o liame desses contextos e fenômenos. Nesse vácuo analítico, e impulsionados por um crescente apelo midiático, ganham força os debates sobre o "vício em internet". Este texto propõe não refutar tal fenômeno, mas reposicionar suas possibilidades de enquadramento. Argumentamos que o discurso do "vício" é reducionista por focar em uma suposta patologia individual, que culpabiliza o sujeito. Em contraponto, propomos o conceito de "dependência" pois é estrutural para caracterizar o uso intensivo dos dispositivos digitais. Pensar esse uso como dependência desloca o debate da escolha individual para a coerção estrutural. Quando dados revelam que brasileiros passam mais da metade do dia conectados, a questão central não é apenas o tempo de tela, mas a real possibilidade de desconexão. Essa dependência é notada em múltiplos setores que atravessam a constituição dos sujeitos: trabalhadores de aplicativos, por exemplo, têm sua renda diretamente mediada por plataformas digitais. O mesmo ocorre com autônomos que utilizam redes sociais para captação de clientes ou com cidadãos que necessitaram de dispositivos digitais para acessar auxílios estatais durante a pandemia de COVID-19. Ou até mesmo se refletirmos sobre nossas formas de lazer, altamente mediadas por serviços de streaming ou interações online, que, por vezes, podem ser as únicas para alguns sujeitos. Como aponta Trine Syvertsen (2020), essa digitalização compulsória é resultado de uma agenda neoliberal que oferece soluções digitais sob a promessa de aumentar a produtividade e poupar gastos. Na hipermodernidade (LIPOVETSKY, 2004), o sujeito de desempenho (HAN, 2017) encontra na conexão constante uma forma de auto-otimização, alimentando um ciclo onde a onipresença digital justifica sua própria expansão. Ainda sob esse aspecto, o digital nos é oferecido como uma economia de tempo, buscando nos garantir maior disponibilidade, o que como nos mostra Rosa (2019), caracteriza uma aceleração social do tempo. Enquanto o discurso do "vício" isola o problema no indivíduo, já em desvantagem pensando na lógica algorítmica, a abordagem da "dependência" coletiviza a questão. Ela evidencia as estruturas e os agentes econômicos que lucram com essa dinâmica, que bem nos apontou Zuboff (2020) com o

capitalismo de vigilância, e permite mover o debate do campo patológico para o campo político, buscando estratégias coletivas de enfrentamento, como regulação, educação midiática e políticas efetivas de inclusão.

‘Tecnologias como vertigem’: perspectivas feministas de composição e intervenção diante do tecnopatriarcado

Camila Pereira Alves

Vanessa Soares Maurente

(PUCRS/UFRGS-PGIE-NUCOGS)

Este trabalho é parte do processo de pesquisa para a tese intitulada ‘Cartografia Ciborgue: tecnologias feministas para insurreição’, defendida em outubro de 2024, no Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação (PGIE/UFRGS). Colocar em análise os modelos tecnocientíficos e de subjetivação que nos fazem existir e agir é uma aposta ético-política, de acesso às vias de potência de criação tropicais. Compreender com quais linhas somos produzidas subjetivamente, pode nos permitir produzir os tecidos sociais com os quais nos singularizamos a partir das tecnologias. Diante das disputas de narrativas que envolvem humanos e não humanos, inteligências coletivas e artificiais, dados e metadados, problematizamos: como produzir coalizões e laços de parentesco, em territórios maquinados pela colonialidade com modelos algoritmizados pela produção de subjetividades latinoamericanas? O mito-político da ciborgue (Haraway, 2009), tentou deslocar o sentido da figura que compunha a imaginação e a realidade social de assombro e dominação com as tecnologias, para uma figura que convidava à habitação prazerosa que pode ser encontrada na confusão das fronteiras. A imagem-metáfora da ciborgue passava a ser um convite para ‘saída do labirinto dos dualismos’ que ainda normatizam e limitam a imaginação e a pragmática dita ocidental. Assim, o hibridismo pode ser tomado como estratégia de rompimento com a lógica hierárquica que sustenta a colonialidade da imaginação, ao nos permitir acessar outras condições de saber-fazer com as tecnologias. Assumir que técnicas de programação e a criação de outras tecnologias podem tornar-se um modo de intervenção corporificada e parcial, para o cultivo de modelos de contação de histórias com humanos e outros não humanos, alargando e alastrando a imaginação política (Haraway, 2023), desenvolve-se aqui como uma proposta cartográfica (Passos; Barros, 2012). Uma metodologia que assume e orienta o trabalho de pesquisa científica, mas também modula-se como um ethos que orienta a produção desse percurso analítico e especulativo. Trata-se de inventar arranjos híbridos com as máquinas, que signifiquem outras condições de possibilidade para existir diante do antropoceno. A experiência imersiva, vivida através da participação no maior evento gratuito e aberto de segurança e privacidade digital do mundo, a Cryptohave, em maio de 2023, no Centro Cultural de São Paulo, nos fez compreender que as aprendizagens desenvolvidas a partir de tecnologias livres, servidores autônomos, segurança e

cuidados digitais, a partir de práticas sustentadas por coletivos de mulheres, na produção de infraestruturas e interfaces de plataformas digitais podem programar estratégias de composição ciborgue para outros modos de existir diante da narrativa linear e bélica do tecnopatriarcado. Tomar a tecnologia como isso que faz sentir e enunciar a vertigem da transversalidade (Guattari, 1992), torna-se nesse percurso, uma direção para a radicalidade democrática da imaginação política, para podermos criar outras práticas, pensamentos e paisagens desde uma perspectiva feminista decolonial (Lugones, 2014). Aprender sobre infraestruturas de composição das ecologias digitais com mulheres feministas, preocupadas com o hack do sistema abusivo, nos fez compreender que o cuidado era também uma tecnopolítica ancestral e quando evocado nas ecologias digitais, abre possibilidades de imaginação política para habitação diante do Antropoceno-Capitaloceno.

A Inteligência Artificial como dispositivo midiático para criação coreográfica em videodança

Carlise Scalamato Duarte

(UFSM)

A inteligência artificial (IA) é uma área de estudo da ciência da computação voltada ao desenvolvimento de dispositivos tecnológicos capazes de simular o raciocínio ou a inteligência humana por meio de algoritmos. Observa-se um crescente desenvolvimento de Inteligências Artificiais com diferentes programas que permite que as máquinas e sistemas digitais aprendam, por meio de experiências, mudanças, repetição e se ajustem automaticamente, permitido a realização de tarefas de forma semelhante aos humanos, com maior capacidade de repetição, eficácia, eficiência e maior agilidade. Na Cultura da Dança existem diferentes maneiras de criar uma coreografia. A composição coreográfica é uma forma de criação, a qual abrange desde a concepção de movimentos, a seleção, o arranjo entre a ordem dos passos e poses, a sobreposição de textos artísticos como a música, a dramaturgia, os corpos que dançam, o figurino, o cenário, a luz e o tema, até compor a obra final. Ao interagir com a Inteligência Artificial observou-se que o prompt permite ao usuário contextualizar o programa, desenvolver linguagens técnicas, solicitar e dar comandos específicos conforme seu propósito, assemelhando-se em alguns aspectos a função do coreógrafo. Para este trabalho, investigou-se o processo de criação e composição coreográfica para videodança em interrelação com as inteligências artificiais a luz da Semiótica da Cultura (SC). O problema de pesquisa busca compreender como o processo de composição coreográfica em videodança se configura a partir das frases de comando escritas no prompt. Para tal, a pesquisa parte da premissa que a videodança criada com IA se constitui como um tipo de coreografia audiovisual, a qual surge a partir da interrelação entre as linguagens da dança, da tecnologia digital e do audiovisual. Para esta pesquisa utilizou-se como método a Prática como Pesquisa (PaR). Através da observação, experimentação, descrição e análise sobre o processo de composição coreográfica em videodança com a IA considerou-se que tanto o processo, como o resultado dos vídeos, nos mostra uma maior velocidade de desenvolvimento; imagens semelhantes aos enquadramentos e edições de um filme; permite um maior número de efeitos visuais; dispensa o criador-intérprete humano; necessita de uma aprendizagem da linguagem técnica da dança antes da criação para otimizar o resultado das imagens; permite montagem rítmica das cenas; suscita outras questões sobre direitos autorais, substituição do trabalho dos bailarinos; necessidade de um

profissional com conhecimento nas três áreas; armazenamento de dados e eternização da obra na memória.

A Inteligência Produzida como Verdade das Máquinas – e os seus impactos no psiquismo

*Guilherme Oliveira
(USP)*

Investigaremos como a noção de “inteligência” é produzida no campo das Inteligências Artificiais e como ela ajuda a sustentar um regime de verdade no qual as máquinas aparecem como fantasia de um grande Outro completo, assustador e ao mesmo tempo “revolucionário” – e como essa construção aumenta o poder das Bigtechs. Apresentaremos primeiramente um histórico geral do campo das IA, com declarações de autores que ajudam a sustentar a ideia de que as máquinas seriam inteligentes. Aqui, acompanharemos o raciocínio de Stuart Russell e declarações de Geoffrey Hinton que vão nessa linha. Na sequência, mostraremos como nem mesmo no campo das IA essa ideia é unânime, a partir da discussão de outros autores que desenvolvem um raciocínio crítico e mais complexo quanto a isso: Luciano Floridi, Luc Julia e a pesquisadora, com uma abordagem mais sociológica da questão, Kate Crawford, em seu livro *Atlas da IA – Poder, política e os custos planetários da inteligência artificial*. Por fim, a partir de uma análise foucaultiana da Inteligência como um regime de verdade, pensaremos no seu impacto psíquico pela constituição correlativa da imagem de um grande Outro completo, refletindo sobre o aumento do uso das IA generativas como consultoras pessoais e “terapeutas”. Objetivos: 1- Analisar como é produzida a ideia de Inteligência das Máquinas e o seu efeito narrativo no campo das Inteligências Artificiais; 2- como a imagem de uma máquina inteligente impacta no poder das Bigtechs a partir da produção correlata de uma espécie de fantasia de um grande Outro completo, ao mesmo tempo assustador, fascinante e revolucionário. Método: Análise bibliográfica e discussões teóricas. Principais conclusões: A noção de Inteligência das máquinas é produzida e não é um dado natural e unânime. Ela reforça uma espécie de “ideologia” de um superpoder das máquinas, que impacta financeiramente o poder de grandes empresas do setor e subjetivamente os usuários a partir da produção correlata de uma fantasia de grande Outro absoluto e oracular.

As políticas da verdade psiquiátrica e psicofarmacológica nas redes sociais

*Lucas Sloboda
(USP)*

Esta comunicação visa abordar a difusão da discursividade psiquiátrica e psicofarmacológica nas redes sociais segundo uma problemática vinculada às políticas e estratégias de produção da verdade que esse processo produz e agencia. A partir dessa questão, entendemos que as categorias psiquiátricas e as formas de gestão do sofrimento propostas pela psicofarmacologia, ao difundirem-se na linguagem natural e nas redes sociais por meio de comunidades virtuais, testemunhos de usuários e influenciadores vinculadores à área “psi”, instituem uma política da verdade (Foucault, 2016) que, além de organizar as formas de enunciação dos sujeitos e de suas práticas de governo e conhecimento de si, situando-os em relações de poder e de subjetivação em acordo com essa matriz discursiva, também agencia formas específicas de experiências de formação, governo e autotransformação do sujeito, que se refletem nos cuidados e conhecimentos sobre si, os outros e a realidade. Em vista disso, estabelecemos como objetivo geral descrever e analisar a política de produção da verdade, que toma como base o discurso de saber psiquiátrico e psicofarmacológico, que é difundida na rede social Instagram por usuários que se autodenominam profissionais pertencentes à área “psi”, isto é: psicólogos, psiquiatras, psicanalistas e médicos. A partir da formação de um corpus de análise baseado na coleta de publicações associadas a esses perfis, o primeiro objetivo específico consiste em: identificar e descrever sob quais estratégias enunciativas tais usuários apropriam-se do discurso de saber psiquiátrico e psicofarmacológico como fundamento à produção de publicações cujo conteúdo estabeleça proposições acerca de diagnósticos, transtornos, sintomas, tratamentos, medicamentos ou experiências que mobilizem ou se enquadrem nas categorias desse discurso de saber. Por conseguinte, o segundo objetivo específico consiste em: analisar a maneira como as estratégias enunciativas de produção do verdadeiro encontradas em tais publicações agenciam táticas de condução das condutas e dos cuidados e conhecimentos sobre si, os outros e a realidade. Ao final da análise, objetivamos discutir se tal processo de disseminação do discurso de saber psiquiátrico e psicofarmacológico em vigor na rede social em questão (Instagram) pode indicar uma nova configuração das políticas da verdade que, neste caso, apresenta uma racionalidade potencialmente imbricada nos processos de patologização do social. No escopo teórico-metodológico, tomamos como base as reflexões foucaultianas acerca da noção de políticas da verdade e sua implicação nas relações de poder, modos de subjetivação e cuidados de si. Ademais,

em função das especificidades históricas do objeto sob análise, as quais o impedem de ser circunscrito somente pelos parâmetros teórico-metodológicos foucaultianos, buscaremos operacionalizar tais termos segundo os procedimentos metodológicos desenvolvidos em pesquisa e artigos anteriores pela forma de análise de estratégias de enunciação da verdade nomeada de Microfísica discursiva (Projeto FAPESP No. 2022/08094-3). Por se tratar de uma comunicação que toma como base uma pesquisa de doutorado em curso, e ainda em estágios iniciais de execução, restringiremo-nos a apresentar, no escopo de conclusões da pesquisa, hipóteses gerais acerca da problemática apontada, bem como questões a serem consideradas por uma pesquisa que se proponha a uma análise das políticas da verdade vigentes atualmente. Especificamente, no que compete às dinâmicas comunicativas ensejadas pelas plataformas digitais

Governamentalidade digital e modos de subjetivação política: práticas discursivas de mulheres em plataformas digitais no Brasil

Patrícia Menezes Visentin

Angelo Brandelli Costa

(PUCRS)

A emergência das plataformas digitais na vida cotidiana produziu novas formas de sociabilidade, processos de subjetivação e de circulação de discursos, além de tensionar uma reorganização do espaço público atravessado pelas redes sociotécnicas. Grandes corporações de tecnologia – as chamadas Big Techs, situadas majoritariamente no Norte global, instituem dinâmicas produzidas por um ethos colonialista ao ditarem normas e regulações do discurso e da subjetividade a partir de performances estimuladas pelos algoritmos e voltadas à maximização do engajamento. Nesse sentido, comprehende-se que tais plataformas configuram-se como dispositivos de poder, na medida em que, constroem-se como redes hegemônicas que são compostas por enunciados, saberes, tecnologias e práticas que afetam a produção da subjetividade através de regimes de poder. No contexto contemporâneo, marcado pela centralidade das novas tecnologias, esses dispositivos operam na produção de saberes e verdades ancorados em lógicas algorítmicas, que direcionam conteúdos e estabelecem padrões de visibilidade e de invisibilidade que impactam diretamente nos modos de subjetivação política. Esta pesquisa de doutorado – em andamento, investiga como mulheres no Brasil, a partir de suas performances no TikTok e no Instagram, produzem e são produzidas em processos de subjetivação política mediados pelas plataformas digitais. O estudo parte da hipótese de que tais plataformas não apenas organizam fluxos de informação, mas atuam como operadores de governamentalidade digital, modulando afetos, práticas discursivas e formas de engajamento político. Para tanto, a análise se concentra em perfis de mulheres que se expressam politicamente nessas plataformas – abrangendo diferentes espectros ideológicos, estratos sociais e outros marcadores, buscando compreender como se articulam regimes de verdade e como eles atravessam suas experiências e produções de si. A investigação articula referenciais do Feminismo Interseccional e a Análise de Discurso Foucaultiana de conteúdos produzidos em perfis individuais de mulheres ativas nesses espaços, com entrevistas semiestruturadas, articulando um olhar genealógico que permite mapear tanto a constituição de normas digitais quanto suas atualizações nos contextos algorítmicos atuais. Essa abordagem possibilita analisar a relação entre níveis micro (subjetivação, reconhecimento, desrespeito, estratégias de autoapresentação, práticas de resistência, assujeitamento) e macro (políticas de plataforma, disputas de hegemonia discursiva). Os resultados

parciais indicam que as plataformas funcionam como instâncias de governamentalidade que orientam condutas e formas de pertencimento político, ao mesmo tempo em que abrem brechas para resistência e possibilidades de agência política. Assim, este trabalho busca contribuir para a compreensão da governamentalidade digital e de seus efeitos na constituição das subjetividades políticas de mulheres no Brasil contemporâneo. Ao articular os conceitos foucaultiano de dispositivo e de governamentalidade com a análise das plataformas digitais, pretende-se demonstrar como os regimes de verdade que atravessam a internet produzem, limitam e, ao mesmo tempo, potencializam formas plurais de ser e agir politicamente.

La técnica paradigmática de la persona calculable

Serrana Masner

(Universidad de la República UDELAR)

El presente trabajo se inscribe en el marco de las investigaciones realizadas en la tesis de maestría: Cientificismo y calculabilidad del sujeto: elementos para un análisis discursivo de la noción de Personalidad. Particularmente, en este trabajo, se abordará el test psicológico como “técnica paradigmática de la persona calculable” (Rose, 2019). Objetivo: Se busca mostrar el modo en que el nudo nocional persona-personalidad —en tanto noción científica-psicologista-individualista— se articularía con el advenimiento del campo psi y la constitución del sujeto psicológico moderno. Marco teórico: El nudo nocional persona-personalidad emerge, se constituye y se transforma como una experiencia histórica en el campo de la subjetividad. En la antigüedad, en occidente, esta noción se constituye como una experiencia en la que convergen elementos del discurso religioso, jurídico y aspectos deontológicos. En la modernidad, la persona-personalidad atraviesa transformaciones: los elementos que convergen en ella se reconfiguran bajo la incidencia y las determinaciones del discurso científico, del protestantismo del capitalismo y del emergente campo psi. Este nudo nocional es captado por el discurso científico y los ideales científicos. Persona-personalidad se constituye en un dispositivo de subjetivación que busca hacer de la persona un campo cognoscible y estable para la ciencia (Rose, 1996). La noción de personalidad es, tal vez, la más adecuada para comprender el modo en que, en los siglos XIX y XX, se continúa y se profundiza el proceso de psicologización-individualización (Foucault, 1994; 1976; 1962) del sujeto-individuo-persona. ¿De qué modo se continúa este proceso? A fines del siglo XIX, el estudio de las diferencias individuales se consolidó como una de las vertientes centrales de la constitución de la psicología como ciencia. Desde las investigaciones de Gall y Galton, orientadas a la clasificación de las capacidades humanas, se comenzó a constituir un saber psicológico que buscaba identificar y comparar las diferencias individuales. Dicho saber no puede ser entendido al margen de las “prácticas organizacionales” de los dispositivos sociales construidos en gran parte de Europa durante la época. Según Rose (1996), las escuelas, hospitales, prisiones o fábrica, operan como “dispositivos de aislamiento, intensificación e inscripción de la diferencia” (p. 166), dispositivos que organizaron a las poblaciones en función de fines específicos, tales como: reforma, educación, cura y virtud (Rose, 1996). La intensificación e inscripción de la diferencia, en estos términos, requiere de “tipo particular de autoridad social”(Rose, 1996, p.161). La psicología en tanto “expertise” proporcionó esa forma particular de “autoridad social”, desarrollándose en torno

a problemáticas emergentes, aportando una mirada diagnóstica, dando cuenta de su eficacia técnica, y reconociendo virtudes éticas humanas (Rose, 1996). Conclusiones: Fundamentalmente la expertise psicológica convertiría las diferencias individuales en una cuestión técnica. Es gracias a la emergencia de una expertise particular, y a las “tecnologías institucionales” creadas a partir de esa expertise que: “las diferencias individuales se volvieron científicamente calculables y técnicamente administrables” (p.165-166). La psicología ha logrado insertar su saber técnico en otras prácticas insertándose, al mismo tiempo, en diversas tecnologías humanas. El saber de la psicología es entendido como un asunto técnico que se articula a un intento por “organizar la experiencia en función de ciertos valores” (p.166). En este sentido, la verdad adquiere una forma técnica, una forma técnica efectiva en tanto que encarna la verdad, es por eso que podemos señalar al test psicológico como “la técnica paradigmática de la persona calculable” (ídem). El test, en cualquiera de sus variables, constituye “un dispositivo para visualizar e inscribir la diferencia individual de manera calculable” (ídem).

Podcasts como estratégia de divulgação científica da psicanálise: resultados preliminares

Larissa Christine Jerônimo Neiva

Tales Vilela Santeiro

(UFTM)

Os podcasts expandem e diferem da linguagem radiofônica pela maior maleabilidade de acesso e produção, podem ser escutados online e/ou offline. Estão presentes no cotidiano das pessoas, com conteúdos diversificados, alguns focados no âmbito profissional, o que amplia suas potencialidades educacionais e de divulgação científica. Na história da psicanálise, práticas de comunicação oral feitas com intermediação de tecnologias de comunicação foram realizadas desde os pioneiros, como: Donald Winnicott, Françoise Dolto e Virgínia Bicudo. Com um formato que democratiza o acesso a informações e à ciência, os podcasts podem ser acessados gratuitamente através de sítios ou aplicativos agregadores. Assim, o estudo tem como problema de pesquisa, compreender as vivências de psicólogos de orientação psicanalítica na produção de podcasts como uma forma de divulgação científica da psicanálise possibilitando ampliar e aclarar a movimentação nesse campo de atuação profissional. A pesquisa em andamento objetiva investigar e analisar as experiências de psicólogos de orientação psicanalítica na produção de podcasts. A metodologia utilizada é a clínico-qualitativa de Turato, com natureza descritiva e exploratória. Até o momento, 12 psicólogos participaram, desde que adeptos da orientação psicanalítica, que produzem podcasts há pelo menos dois anos e utilizam o Spotify como agregador de conteúdos. Entrevistas semidirigidas têm sido realizadas na modalidade on-line (Google Meet). O método de análise visa à descrição e à interpretação de sentidos e significados atribuídos pelos participantes aos fenômenos que vivenciam, além disso, também utiliza literaturas especializadas em temática de podcasts de autores como: Alexandre Patrício, Lucas Liedke, André Alves e outros. Onze entrevistados iniciaram a produção de seus podcasts durante a pandemia, em contraponto a um, que o fez anteriormente. Os principais motivadores para o início e a continuidade da produção têm sido centrados em poder conversar sobre a psicanálise com diversas pessoas da área e na possibilidade de realizar uma transmissão de forma responsável e acessível. Os participantes têm relatado que seus processos criativos são movidos sobretudo por interesses pessoais, no entanto, alguns também têm considerado as sugestões do público. Os podcasts têm sido ferramentas para auto divulgação e publicização do próprio trabalho enquanto psicólogos clínicos, supervisores, coordenadores de grupos de estudo e docentes de cursos

livres. Entre os desafios inerentes à produção, conciliar diversas funções, como gravar, editar e divulgar nas redes sociais on-line têm sido narrados. Alguns produtores relataram contar com maior disponibilidade de recursos (por exemplo, têm respaldo de equipe de edição e divulgação). Para os entrevistados, os podcasts têm sido formas de divulgar a psicanálise de forma ética e ampliada e têm favorecido a desconstrução de estereótipos de que o saber psicanalítico é elitista e/ou inacessível. O contato com diversos profissionais da psicanálise, o registro e a divulgação para públicos diversos têm sido ressaltados em suas potencialidades. Entretanto, a sobrecarga de trabalho e o trabalho não remunerado subjacentes à criação, produção e divulgação de podcasts têm sido notada. Nas próximas etapas do estudo, os enlaces com contribuições enfocadas em processos formativos de clínicos de orientação psicanalítica na era digital serão desenvolvidos.

A quarta ferida narcísica: o deslocamento da produção da verdade do humano para a maquina

Maria Fernanda Silva Ramos Sierve

Em "Uma dificuldade no caminho da psicanálise" (1917), Freud identifica três golpes narcísicos sofridos pela humanidade ao reconhecer que o homem não ocupa posição central no universo. Após Copérnico e Darwin, a frase “O eu não é senhor em sua própria morada” (Freud, 1933) desloca a razão do centro e introduz o inconsciente como parte desconhecida do sujeito. No entanto, fosse pela via do universal ou pela via do singular, permanecia ao humano o desejo de saber, o movimento de interrogar o mundo e construir respostas. Na contemporaneidade, atravessada pela Cultura Digital, a lógica da produção do saber sofre uma nova inflexão: respostas, previsões e verdades são cada vez mais produzidas pela matemática da máquina. A Inteligência Artificial analisa grandes volumes de dados, identifica padrões e apresenta resultados com aparência de precisão e neutralidade. Como observa Žižek, “a verdadeira ameaça da inteligência artificial não é apenas o que ela pode fazer, mas o que nos obriga a reconsiderar sobre o que significa ser humano”. Surge, então, a hipótese de estarmos diante de uma quarta ferida narcísica: o deslocamento da produção de verdade do humano para a inumana máquina. A pesquisa propõe, sob a ótica da psicanálise, investigar os efeitos dessa nova lógica de verdade na constituição psíquica do sujeito contemporâneo. O método adota uma abordagem teórico-clínica, articulando psicanálise e filosofia para revisitá os conceitos de verdade, desejo e inconsciente, bem como refletir sobre as “alucinações algorítmicas” e seus paralelos com os sintomas que emergem na clínica atual. Justifica-se a investigação pela urgência em compreender as transformações subjetivas em curso na era digital. Se a máquina passa a distinguir o verdadeiro do falso, o desejável do indesejável, o risco é o apagamento do desejo e a perda do lugar do sujeito como produtor de sentido. O estudo busca, assim, reinscrever a questão do humano no tempo presente, interrogando o que resta do desejo quando a verdade parece já estar dada pelo algoritmo e a própria condição humana se torna transitória no cenário do feudalismo digital.

As máquinas, o todo-saber e o fascismo: a psicanálise entre dados e algoritmos

Gabriel Monteiro da Fonseca Leal Maia

(Universidade Anhembi Morumbi)

O presente trabalho aborda aspectos da tese de doutorado do autor, intitulada “As máquinas, o todo-saber e o fascismo: a psicanálise entre dados e algoritmos” (2022). O estudo bibliográfico analisa o fenômeno do uso de algoritmos matemáticos com base em dados coletados das populações, cuja finalidade se alinha ao capitalismo em sua copulação com a ciência, de modo que tal relação contribui para a sustentação de práticas de cunho fascista. Presentemente, a intensificação dos processos de individualização no neoliberalismo – onde a suposta livre-escolha está reduzida a um circuito pulsional de consumo que endossa a fantasia de completude – se alia progressivamente aos avanços tecnológicos para produzir formas de construção de saber sobre características específicas dos consumidores. Sob o argumento da “relevância” e da “personalização” do conteúdo, as big techs extraem, por meio dos rastros de informação, dados computados a partir da utilização das redes. Uma vez processados, esses dados alimentam o aprendizado de máquina (machine learning) e as redes neurais artificiais (deep learning), procedimentos de modelagem estatística que respondem às interações com os usuários, condicionados pelos padrões comportamentais e psicométricos de predição apreendidos e processados, influenciando retroativamente no consumo das redes sociais. Esses modelos matemáticos individualizados constituem uma espécie de “identidade algorítmica”, a unidade informacional de cada usuário da rede, uma espécie de “eu de dados”. O eu para a psicanálise é tanto o depositário das identificações quanto uma instância de alienação do sujeito, que em sua máxima rigidez tende apenas à autopreservação de si e à eliminação do estranho. O eu conserva uma ilusão narcísica imaginária de uma suposta unidade de si e empreende modos agressivos de defesa paranoica contra o que difere de si mesmo e ameaça sua estabilidade imaginária. A frustração responsável pela liberação de forças agressivas destrutivas direcionadas a tudo o que não aparece como idêntico a essa imagem narcísica ideal é engendrada no neoliberalismo pelos vestígios de impossibilidade da consolidação ideológica do indivíduo–empresa neoliberal. A partir da teoria psicanalítica do eu, torna-se possível entender o fascismo como a tentativa de realizar violentamente o ideal moderno de uma sociedade dos indivíduos. As mídias sociais, enquanto mercadorias a serem consumidas, oferecem compulsivamente opções de gozo que se acumulam na “rolagem” do conteúdo midiático, onde cada elemento faz função de objeto mais-de-gozar, cujo semblante é de rechaço da castração e reforço da fantasia de completude. O gozo com o consumo das mídias sociais

é o motor pulsional do fornecimento de dados que alimenta os bancos de dados das empresas de tecnologia. A tese que se apresenta é a de que esses dados de interação, convertidos em padrões de comportamento mensuráveis, informam os sistemas com padrões estereotipados para a formação de identidades algorítmicas, que simulam uma espécie de unidade sintética do eu. Desse modo, essas projeções padronizadas do eu retroagem sobre os sujeitos, constituindo bolhas narcísicas e incrementando padrões cristalizados de gozo, reforçando processos sociais de identificação narcísica.

O brincar on-line em psicoterapia com crianças: inauguração de um campo discursivo?

*Patricia Moratti
(USP)*

Esta pesquisa visa a pensar o brincar on-line com crianças em psicoterapia a partir da descrição analítica de cenas do brincar, de modo a mostrar algumas possibilidades de como brincar on-line, pensando como a relação psicólogo-criança é construída nesse brincar, bem como, de que modo o digital constitui e produz o discurso e as relações entre esses parceiros, o brincar por meio de telas e a própria enunciação desse brincar. Para isso, esta pesquisa é tecida com o método da Análise Institucional do Discurso (AID). De modo geral, podemos dizer que, desenvolvido por Marlene Guirado, o método da AID é constituído lado a lado, por conceitos da sociologia de Guilhon Alburquerque, da filosofia de Michel Foucault, da Análise de Discurso da linguística Pragmática Francesa de Dominique Mainguenaue e, finalmente, com a (re)descrição de alguns conceitos não metapsicológicos da Psicanálise Freudiana. Para a Análise Institucional do Discurso (AID), o método diz respeito a uma estratégia de pensamento que orienta o pensar e o fazer nas pesquisas e na psicologia, que conta com um campo conceitual mínimo que se constitui como operadores, a um só tempo, conceituais e analíticos. (Guirado, 2010; Guirado, 2018) Como o campo conceitual da AID é, em sua maioria, externo à psicologia, e pelo exercício de aproximação e confronto, permite uma articulação possível para pensar/fazer psicologia em fronteiras com outras áreas do saber. Articulando os conceitos de instituição, discurso e poder, a AID como estratégia permite pensar a Psicologia como instituição, entendendo instituição como práticas ou relações sociais que se repetem e, enquanto se repetem, legitimam-se pelos efeitos de reconhecimento e desconhecimento. Isso implica pensar no sentido de que nosso fazer em psicologia é constituído pelo desconhecimento do caráter instituído, tanto daquilo que se dá ao nosso conhecimento quanto daquilo que fazemos como psicologia. Entendendo que pela repetição reconhecemos nossos saberes/fazeres como naturais, como verdades dadas, sem questionar suas condições de produção, seu caráter relativo, portanto, os legitimando nas repetições e reproduções tanto formativas quanto profissionais. (Guirado, 2010) Portanto, nossa pesquisa é construída inteiramente pelo método, o que permite pensar, de partida, nossos objetivos e a própria escritura da tese. Assim, nossa introdução é construída a partir das análises dos discursos das referências bibliográficas que mostram os discursos e suas condições de produção, indicando alguns efeitos de sentidos sobre a psicoterapia on-line com crianças em diferentes abordagens teóricas. Dessa forma, propomos apresentar os

resultados parciais, por meio das análises do corpo conceitual-teórico que introduz nossa pesquisa. As análises desses discursos permitem mostrar como o brincar on-line é visto nessas produções, e também, como se delineiam os discursos sobre o digital. Dessa forma, demonstrar como os discursos sobre o brincar on-line, sobre os processos digitais, bem como, outros conceitos e aspectos que compõem o dispositivo psicoterapia on-line com crianças são compreendidos, o que mostram e os sentidos que se configuraram sobre eles.

Modalidades temporais e subjetividade: escutas contemporâneas

*Bruna Mello da Fonseca
(UFSC)*

O presente trabalho é fruto da pesquisa desenvolvida através do programa de mestrado da UFSC, em Psicologia Social e Cultura, no eixo Psicanálise, Política e Cultura. A partir desta pesquisa, busquei analisar e compreender a relação dos sujeitos com a dimensão do tempo na contemporaneidade, sobretudo ao considerarmos as influências das tecnologias digitais e a incidência do discurso neoliberal. Essa pesquisa desdobrou-se através da metodologia psicanalítica de investigação e contou com a discussão de casos clínicos, considerando os aspectos éticos que são inerentes ao fazer pesquisa em psicanálise. Sabe-se que em psicanálise não há uma definição do conceito de tempo, ainda que o mesmo tenha sido indiretamente trabalhado no que tange ao aparelho psíquico e sua constituição. Também por essa via, vemos em termos técnicos o debate em torno do tempo ganhar espaço em alguns momentos da obra freudiana. Ao longo desta pesquisa, busquei reler os escritos de Freud, pai da psicanálise, a fim de compreender as relações estabelecidas por ele com o tempo e compará-las com o que se reflete em nossa sociedade atualmente. Para isso, elegi tanto a escuta clínica como a apreciação de dispositivos da cultura. Dessa forma, o que se observou foi que os sujeitos narram vidas aceleradas, performáticas, com pouca disponibilidade a frustração e a instauração de limites, com vínculos cada vez mais superficiais, sendo os mais valores vigentes em nossa sociedade o imediatismo e o consumo. Também foi observado a produção e recorrência de discursos que, atravessados pelos ideais neoliberais, provocam novas formas de adoecimento bem como de afastamento entre os sujeitos. Ao mesmo tempo em que nunca foi tão fácil acessarmos uns aos outros, nunca estivemos emocionalmente tão distantes. Por essa via também os espaços analíticos têm sofrido: nota-se que os sujeitos referem pouco tempo para análise, assim como o referem em termos de suas relações interpessoais. Na contramão, o discurso imperativo aponta para a repetição do tempo gasto em tecnologias virtuais e redes sociais, ao mesmo tempo em que há uma certa reivindicação de tempo. Por fim, o que se constata é que ainda que o tempo permaneça o mesmo, a nossa forma de se relacionar com ele faz com que tenhamos a sensação de que o mesmo se dá em outra batida. Ainda que contemos com as mesmas 24 horas em nossos dias, é inquestionável a diferença do uso ou apreciação que se pode dar a este tempo. Nesse sentido, marcadores sociais também operam de modo a reforçar tais diferenças. E, por esta via, vemos que na atualidade o excesso de informação desencadeada pelas mídias digitais tem sobre carregado os aparelhos psíquicos e gerado novas sintomatologias. Desse modo, não se trata de não termos mais

tempo, mas sim do espaço dado ao tempo do ócio, da criatividade, do descanso, da não-produção e, por fim mas não menos importante, o tempo dos afetos.

Entre o olhar das crianças e o olhar dos pesquisadores: um relato de experiência sobre o uso de telas na infância em diálogo com o bem-estar

Leonardo Coitinho Santana

Bárbara Pankowski, Carine Tabaczinski, Fernanda Michelin, Graciana Valandro, Lívia Maria

Bedin, Luana Silva, Maria Eduarda Pedroso

(UFRGS)

Com o avanço tecnológico, dispositivos eletrônicos tornaram-se parte constante do cotidiano e as crianças têm sido expostas a esses recursos cada vez mais cedo. Esse fato tem gerado preocupações entre pais, profissionais da saúde e educadores acerca dos possíveis efeitos sobre o bem-estar infantil. Embora o uso excessivo esteja associado a menores níveis de bem-estar, alguns estudos também indicam efeitos positivos quando o uso é equilibrado e voltado a conteúdos adequados. Poucas pesquisas têm abordado a percepção das crianças sobre essa temática, evidenciando a necessidade de compreender como elas percebem e utilizam as mídias digitais em seu cotidiano. O presente trabalho caracteriza-se como um relato de experiência que visa descrever as vivências de pesquisadores em uma intervenção de promoção do bem-estar subjetivo, enfatizando a temática sobre o uso de tecnologias e mídias digitais, bem como relatar as percepções das crianças sobre o tema. A intervenção foi realizada em 2024, com a participação de 38 crianças do 6º ano do Ensino Fundamental ($M=11,4$; $DP = 0,51$) de duas escolas de Porto Alegre, uma pública e uma privada. A intervenção completa foi composta por 16 encontros, dividida em cinco módulos: direitos das crianças, tempo livre e uso de tecnologias, emoções, relações interpessoais e autoconceito e propósito de vida. Um encontro foi dedicado a discutir como as crianças usam as telas, apresentar formas de proteção nas redes sociais e fornecer mecanismos para a solução de problemas relacionados ao cyberbullying. Apesar de apenas um encontro ter essa temática como foco principal, durante toda a intervenção ela apareceu de forma transversal. O uso de telas emergiu como um elemento associado à promoção do bem-estar na visão das crianças, sendo amplamente usado por elas durante o tempo livre e percebido de forma positiva. Além disso, foi mencionado como um recurso para a regulação emocional e como facilitador de interações sociais. De maneira ambígua, as crianças também apontaram aspectos negativos relacionados ao uso das mídias sociais. Observa-se que reconhecem o uso excessivo de dispositivos com telas como prejudicial à saúde física, destacando a ocorrência de insônia, além de identificarem tais plataformas como potenciais espaços para práticas violentas, como o cyberbullying. Ademais, foi evidenciado que as redes sociais

favorecem comparações sociais, sendo recorrente, especialmente entre meninas, a menção à comparação de corpos. Os pesquisadores também observaram que entre os meninos é comum a utilização para acessar conteúdos pornográficos e violentos com facilidade, como jogos e vídeos. Estas observações corroboram achados da literatura que apontam que o acesso de crianças e adolescentes a mídias digitais sem supervisão pode expô-las a conteúdos impróprios e a situações de cyberbullying. Também foi possível identificar no relato dos participantes a percepção dessa ambivalência entre efeitos positivos e negativos, aspecto observado nas pesquisas sobre o tema. Evidenciou-se a relevância de que as intervenções voltadas para a infância abordem a temática do uso de tecnologias, dando voz às percepções das crianças sobre a temática e oferecendo ferramentas de proteção e espaço para discussões críticas sobre o uso consciente das mídias digitais.

Entre telas e conflitos: representações de violência e modos de enfrentamento entre jovens do Ensino Médio

Jhonathan Hwang Gonçalves Da Silva

Edmarcius Carvalho Novaes, Eliza de Oliveira Braga, Tiago de Castro Silva

(UNIVALE)

A oficina “Tecnologia e Violência”, realizada em 29 de abril de 2025, integrou o Projeto de Pesquisa e Extensão “Fala Jovem”, desenvolvido com apoio financeiro da Universidade Vale do Rio Doce (Univale) e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG). Constituiu-se como a segunda atividade formativa do projeto, com o objetivo de discutir as percepções de estudantes do Ensino Médio sobre diferentes formas de violência presentes no ambiente digital e suas manifestações no contexto escolar. A proposta também buscou compreender os modos de enfrentamento utilizados pelos jovens frente a essas violências, articulando a discussão com o papel das tecnologias na construção de representações sociais e na manutenção de padrões estéticos e de comportamento. O escopo teórico que orienta a oficina baseia-se em autores que refletem sobre juventude, cultura escolar e processos de socialização mediados pela tecnologia, como Juarez Dayrell, ao tratar da constituição das juventudes no contexto escolar, e em discussões sobre violência simbólica e representações sociais, inspiradas em Bourdieu. A oficina ancora-se ainda em estudos que abordam a relação entre mídias digitais e violência de gênero, estética e classe, considerando as pressões e desigualdades que atravessam o corpo e a imagem dos jovens no espaço virtual. Metodologicamente, a oficina foi desenvolvida em dois momentos. O primeiro consistiu na exibição e discussão de três vídeos, abordando violências de classe, estética e deficiência, que serviram como disparadores para reflexão coletiva. O segundo envolveu uma atividade prática, em que os estudantes, divididos em grupos, criaram roteiros e gravaram vídeos representando situações de violência no ambiente escolar. Ao final, 21 participantes responderam a um questionário com questões abertas e fechadas, permitindo análise qualitativa e quantitativa das percepções dos jovens sobre o tema. Os resultados demonstraram que os estudantes reconhecem diferentes formas de violência no cotidiano, especialmente aquelas ligadas à aparência física e condição socioeconômica. As discussões mostraram sensibilidade às pressões estéticas tanto sobre meninas quanto meninos, destacando o papel das mídias digitais na imposição de padrões corporais e comportamentais. As produções dos grupos refletiram essas percepções, com destaque para a reprodução de situações reais de bullying e exclusão social. Em um dos vídeos, por exemplo, a estudante que interpretou a vítima relatou posteriormente ter vivenciado violência estética semelhante, revelando o caráter

dialógico e reflexivo da atividade. Ao responderem o questionário aplicado no final das atividades, 33,3% dos participantes afirmaram ter vivenciado algum conflito relacionado à tecnologia e violência, e 90,5% relataram conhecer alguém que passou por situação semelhante. Entre os sentimentos relatados, destacaram-se tristeza, desconforto e constrangimento, além de reações como ignorar o conflito, buscar apoio de colegas ou responsáveis e tentar apaziguar a situação. Conclui-se que a oficina contribuiu para ampliar a consciência crítica dos jovens sobre as formas sutis e explícitas de violência mediadas pela tecnologia, além de possibilitar reflexões sobre empatia, convivência e respeito às diferenças. Além disso, evidenciou a relevância do espaço escolar como local de diálogo e enfrentamento das violências simbólicas e digitais que atravessam as experiências juvenis contemporâneas.

Adolescência e inteligência artificial: uma relação autoerótica com o saber

*Fernanda Bezerra Santiago
(Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais)*

Tema: O presente trabalho aborda o uso da Inteligência Artificial pelo adolescente e como isso configura, no contemporâneo, uma forma de relação autoerótica com o saber. Tendo em vista os marcos da adolescência que e a existência do Chat GPT e seu amplo uso atual, sobretudo, entre adolescentes, é colocado em questão o que esta ferramenta revela sobre as relações contemporâneas.

Objetivos: Para isso, tem como objetivo delimitar a relação homem/máquina na ciência, e a influência desta com a incidência da inteligência artificial, buscando identificar as possíveis alterações sobre o humano e o mal-estar contemporâneo, principalmente no momento da adolescência, mobilizando os conceitos de saber, pensar e gozo.

Escopo teórico: estrutura-se na interlocução entre a psicanálise lacaniana e as questões colocadas pela ciência da computação, nomeadamente a IA. O ponto de partida é a tese de Jacques Lacan no Seminário 20, "mais, ainda", na qual ele postula que, embora a máquina possa pensar — no sentido de realizar tarefas e resolver problemas, tal como explorado por Alan Turing no "Jogo da Imitação" —, ela não pode saber, pois a fundação do saber está intrinsecamente ligada ao gozo de seu exercício e aquisição.

Diferentemente do pensamento, o saber, como Lacan define no Seminário 17, "o avesso da psicanálise", é um "meio de gozo", veiculando as tensões da vida ao ultrapassar os limites do princípio do prazer. Tal distinção se torna crucial ao investigar a adolescência, um tempo marcado pela reconfiguração pulsional e por um fundamental "vazio de saber" sobre o ser e a sexualidade, que exige que o sujeito encontre uma resposta singular para o "furo no real" e se articule ao campo do Outro.

Método: O método de revisão bibliográfica descritiva e qualitativa foi utilizado, realizando o levantamento de informações e conhecimentos acerca do tema, a partir de diferentes materiais bibliográficos, colocando em diálogo diferentes autores e articulando dados teóricos encontrados.

Principais conclusões: apontam que o uso da IA, como o Chat-GPT, atua como uma "solução fácil" que obturam os questionamentos e o "vazio de saber" da adolescência. Ao fornecer "respostas prontas", o dispositivo curta-circuta a necessidade de confrontação com a falha do saber e a dialética com o Outro, reforçando o sintoma na sua vertente autoerótica. O uso sintomático da IA é analisado como um "resto" que escapa à ação discursiva da ciência, evidenciando que a ciência avança "às cegas" quanto aos efeitos de seus objetos sobre a subjetividade.

Influência digital: um olhar sobre os efeitos da exposição às telas na infância

Eyshila Raquel da Silva Santos

Marcos Vinícius da Silva, Maria Clara dos Santos Souza, Monique Godoy Dolcinotti

(Faculdade Santo Antônio)

A infância é uma fase essencial do desenvolvimento humano. Ela se caracteriza pela construção da identidade, pelo estabelecimento de vínculos afetivos, pelo desenvolvimento de habilidades cognitivas e pela aprendizagem das relações sociais. É um período de descobertas e brincadeiras que possibilitam à criança compreender o mundo e a si mesma de forma segura e gradual. Devido à curiosidade e à facilidade de adaptação, as crianças são particularmente suscetíveis aos estímulos do ambiente, incluindo telas digitais presentes em celulares, tablets, videogames, computadores e televisores. O contato precoce com a tecnologia tem alterado significativamente a forma de aprender, comunicar-se e interagir socialmente. Este estudo teve como objetivo analisar os efeitos dessa exposição na infância, buscando compreender como a forma e o tempo de uso influenciam. A pesquisa foi realizada por meio de revisão bibliográfica qualitativa, com base em dezoito artigos científicos publicados entre 2019 e 2025, disponíveis nas bases SciELO, PubMed e Google Acadêmico. Foram selecionados estudos que abordam a relação entre tecnologia e infância, considerando fatores como tempo de exposição, mediação parental e tipo de conteúdo consumido. Compreender esses impactos é fundamental para orientar práticas de cuidado que respeitem o ritmo da criança e garantam o desenvolvimento pleno de suas funções cognitivas, sociais, emocionais e físicas. As tecnologias podem oferecer oportunidades de aprendizado, estimular a criatividade, desenvolver competências cognitivas e facilitar interações mediadas. Contudo, o uso excessivo ou sem supervisão está associado a prejuízos, incluindo dependência digital, dificuldades de atenção, sobrecarga sensorial, problemas de regulação emocional, diminuição da empatia, isolamento social, distúrbios do sono, sedentarismo e problemas de visão. Além disso, as crianças podem ser submetidas à adultização infantil, sendo expostas precocemente a responsabilidades, comportamentos e conteúdos do universo adulto, incluindo a produção de conteúdo digital e a participação em redes sociais. Essa situação reduz o tempo destinado ao brincar e às interações sociais reais, impactando o desenvolvimento emocional, cognitivo e social, além de interferir na construção da autonomia e na aprendizagem natural. Diante desse cenário, conclui-se que o desafio não é eliminar o uso das telas, mas integrá-las de forma equilibrada e consciente à rotina infantil. A mediação ativa de pais, educadores e cuidadores por meio do estabelecimento de limites de tempo

de tela, incentivo ao brincar de forma lúdica e simbólica, prática de atividades físicas e seleção de conteúdos adequados é essencial para promover experiências digitais seguras e construtivas. Políticas públicas e programas educativos voltados ao uso responsável da tecnologia também são fundamentais para garantir que o ambiente digital funcione como ferramenta de aprendizado, estimulando o desenvolvimento saudável das crianças e não apenas oferecendo entretenimento.

Influência digital e a infância: uma análise das narrativas de consumo em canais infantis do youtube.

Stella Daré Zandavali

Miriam Raquel Wachholz Strelhow

(PUC-SP)

Observa-se um acesso cada vez mais precoce de crianças a conteúdos digitais, especialmente em plataformas de compartilhamento de vídeos. A pesquisa TIC Kids Online de 2025 mostra que o principal conteúdo acessado por crianças e adolescentes brasileiros na internet são os vídeos produzidos por influenciadores. Nessa direção, observa-se também que o número de influenciadores digitais que produzem material voltado ao público infantil vem crescendo de maneira expressiva, consolidando uma nova forma de convivência mediada por imagens, narrativas e interações virtuais. Esses influenciadores podem ser adultos que direcionam seus conteúdos ao público jovem, ou mesmo crianças e/ou adolescentes que produzem vídeos com a supervisão e o incentivo de seus responsáveis. A expansão desse fenômeno suscita reflexões sobre o papel das mídias digitais na construção de valores, identidades e modos de sociabilidade no desenvolvimento infantil. O presente estudo integra uma pesquisa maior cujo objetivo foi analisar as principais narrativas culturais e formas de relações sociais presentes nos canais de dois influenciadores infantis na plataforma Youtube: Luccas Neto e Valentina Pontes. Os canais foram escolhidos por seu amplo alcance e justamente para trazerem um olhar para um canal produzido por um adulto e outro por uma influencer mirim. Especificamente, este estudo visa investigar as principais narrativas identificadas sobre o consumo presentes no conteúdo produzido pelos influenciadores. A partir de uma análise documental, foram coletadas informações referentes à presença online de ambos os youtubers, assim como dados métricos que permitiram aferir o alcance e o impacto do conteúdo produzido. Os vídeos mais populares foram observados em rodadas sucessivas, com o intuito de identificar temas recorrentes nas narrativas apresentadas. Em seguida, procedeu-se à classificação desses temas com base na metodologia de análise de conteúdo proposta por Bardin, visando compreender as mensagens disseminadas e as formas de mediação simbólica estabelecidas nos materiais analisados. Quanto às relações de consumo, o processo analítico culminou na formulação de três categorias. São estas a) comportamentos de consumo; b) associação a marcas e c) autopromoção e identidade de marca. Os resultados apontam que, em ambos os canais, a infância é representada como espaço de imaginação e afetividade, mas também permeada por formas de engajamento que reforçam ideais de visibilidade e reconhecimento através do possuir. Reafirma-

se, assim, a relevância das plataformas como ambientes produtores de narrativas culturais, nas quais valores e formas de convivência social são constantemente reconfigurados. Considera-se necessário, portanto, que o conteúdo voltado ao público infantil seja objeto de observação sistemática e de debate interdisciplinar, de modo a compreender seus impactos sobre o desenvolvimento humano e sobre as formas contemporâneas de inserção social da criança.

“Eles estão felizes, afinal, estão jogando”: reflexões acerca da atividade de trabalho de proplayers no Brasil

Caroline de Cuffá

Guilherme Elias da Silva

(UEM)

Quando voltamos nossos olhares para o mundo do trabalho, nos deparamos com rupturas profundas ocasionadas pelas crises e tensionamentos do modelo de produção capitalista. Nas brechas dessas rupturas, percebemos novas relações de trabalho que remetem a um tempo histórico fortemente marcado pela digitalização. Esse processo oferece características únicas a grupos de trabalhadores e suas formas de sociabilidade, cujas quais são substancialmente marcadas pelo uso de equipamentos técnico-informacionais. A proposta de incorporação dessas ferramentas, ao mesmo tempo em que deu origem a novas formas de trabalho, repercutiu em um processo de flexibilização e intensificação do trabalho. Como uma forma de investigação sobre o contexto de trabalho digital, nos propusemos a analisar o processo de profissionalização da atividade de jogadores profissionais de esports (electronic sports) no Brasil, denominados também de proplayers. Abordamos a forma como uma atividade antes situada da dimensão recreativa, ganha espaço no campo do trabalho e vem acompanhada por um desenho político, institucional e jurídico específico. A partir do arcabouço teórico-metodológico da Psicossociologia e de uma pesquisa qualitativa e exploratória, nossa pesquisa é constituída junto de nossos interlocutores em um trabalho de campo. Foram realizadas 5 entrevistas semiestruturadas com pessoas atuantes no campo político e institucional dos esports, onde a regulamentação e a proposição de políticas públicas para esses trabalhadores ainda são incipientes. As entrevistas foram transcritas e seu conteúdo organizado em núcleos de sentido para sistematizarmos nossa análise de dados. Por meio de nossos interlocutores, percebemos que a prática profissional de jogos digitais se forma a partir de uma pirâmide de reconhecimento social, onde no topo se localizam os jogadores de grande prestígio social e midiático, que alimentam uma cadeia de produção sustentada por uma base de jogadores aspirantes, nos mostrando assimetrias e desigualdades no processo de profissionalização da atividade. Outro aspecto diz respeito à forma como os subsídios das leis trabalhistas no Brasil se distanciam dessa forma de trabalho, afastando esses trabalhadores de um contexto de proteção social, trabalhista e previdenciária, especialmente aqueles jogadores distantes dos holofotes ou aspirantes. Na mesma intensidade, esse contexto político-jurídico os aproxima de um campo de trabalho marcado pela informalidade. Somado a isso, a recente inserção dessa atividade no campo profissional, a negligencia de um lugar de

reconhecimento como trabalho. Fica evidente a formação de um novo tipo de trabalhador digital, marcado pelo processo de plataformização do trabalho e da proeminência de um modelo de trabalho afetivo, onde se exige a disputa por um lugar social de visibilidade e performance. Nesse contexto, a dissolução das barreiras entre trabalho e lazer presente nessa atividade se transforma em um mecanismo de captura da subjetividade. Esse recorte de pesquisa nos dá subsídios para compreender os contornos dessa forma de trabalho e as redes de sociabilidade que o constitui no mundo do trabalho digital, e sobretudo, nos dá pistas para compreender como a procura por novas profissões reflete o contexto socioeconômico de trabalho e emprego no Brasil.

Condições de trabalho de psicólogas clínicas plataformizadas: Relato de pesquisa em andamento

Candace Alcântara Guimarães

Lívia Gomes dos Santos

(UFG)

O tema central da pesquisa em andamento é a transformação do trabalho das psicólogas clínicas em tempos de plataformização, investigando como plataformas digitais de atendimento psicológico reconfiguram as condições de trabalho, a autonomia profissional e a mediação da psicoterapia. O estudo problematiza a lógica de mercado e dos algoritmos que atravessam a prática clínica, destacando a tensão entre flexibilidade aparente e novas formas de controle, ranqueamento e vigilância sobre os profissionais. Objetivos: O objetivo geral é analisar como a plataformização incide sobre o trabalho na psicologia clínica, afetando suas formas de inserção no mercado, sua organização produtiva e suas condições materiais e subjetivas de trabalho. Entre os objetivos específicos, destacam-se: Explorar as especificidades do trabalho das psicólogas clínicas, realizar uma leitura crítica dos termos de uso das principais plataformas digitais de atendimento psicológico, analisar como essas plataformas configuraram novas formas de mediação do cuidado psicológico e investigar as consequências nas condições de trabalho das psicólogas clínicas decorrentes da plataformização. Escopo Teórico: O trabalho se fundamenta no materialismo histórico-dialético, compreendendo o trabalho como categoria fundante da existência humana e como mediação entre o sujeito e a realidade a partir da ontologia do ser social (Marx ,2023 e Lukács, 2009). A partir dessa base, discutimos o desenvolvimento histórico das formas de trabalho no capitalismo — do taylorismo-fordismo à era digital, a fim de compreender como a plataformização expressa novas formas de exploração e controle do trabalho (Pinto, 2007; Fernandes, 2013; Antunes, 2018, 2023; Abílio, Amorim e Grohmann, 2021). A psicologia é abordada a partir da Psicologia Crítica, reconhecendo sua função histórica de adaptação ao sistema capitalista e propondo uma psicologia voltada à emancipação (Parker, 2010; Lacerda Jr., 2013; Boechat 2017). Esse arcabouço teórico é a base que nos permite analisar criticamente as implicações da plataformização sobre o exercício clínico. Método: Estamos realizando uma revisão bibliográfica e uma análise documental das plataformas de atendimento psicológico online. Foram examinados materiais públicos disponibilizados pelas plataformas, como: Termos de Uso, políticas de privacidade e páginas de perguntas frequentes. A análise foi organizada em seis eixos analíticos: termos de uso; aspectos do atendimento; cadastro e controle; privacidade e dados; aspectos comerciais e financeiros; custos e

riscos. Principais conclusões: A análise, até o momento, indica que a plataformaização, sob o discurso de flexibilidade, intensifica a precarização — já presente no trabalho das psicólogas clínicas — e a perda de autonomia profissional. Observa-se uma assimetria de poder entre plataformas e profissionais, com transferência de custos e riscos, mecanismos de vigilância algorítmica, descumprimento do código de ética (CFP, 2005) e discursos que mercantilizam a saúde mental. A lógica da produtividade e ranqueamento configuram potenciais gatilhos de sobrecarga profissional. Além disso, todas as plataformas analisadas até o momento omitem qualquer referência à Lei Geral de Proteção de Dados (Lei nº 13.709/2018). Assim, essas dinâmicas reconfiguram o trabalho clínico, subordinando-o à lógica de mercado e ao controle algorítmico. O que se encontra em disputa não é apenas como se estrutura a prática clínica, mas os sentidos históricos, éticos e políticos que a sustentam.

Quem são e o que fazem os/as microtrabalhadores(as) da Inteligência Artificial? Análise qualitativa da representação midiática e a incompatibilidade entre microtrabalho e os direitos fundamentais das mulheres

*Deise Brião Ferraz
(UNISC)*

Este trabalho tem como tema o Microtrabalho que alimenta a Inteligência Artificial e a construção discursiva que o acompanha e representa. O objetivo geral é definir qual a representação dos(as) Microtrabalhadores(as) na mídia brasileira digital e analisar se ela se mostra compatível com os Direitos Fundamentais das Mulheres. O recorte de Gênero é a delimitação feita para conhecer esta realidade específica. Para compreender qual a representação dos(as) Microtrabalhadores(as) na mídia brasileira digital – mídia impressa, televisiva e radiofônica não foram incluídas aqui –, utilizou-se o mecanismo de busca Google, pesquisando o termo “Microtrabalho”, em sua aba destinada a encontrar notícias. Trata-se de escolha proposital para obter resultados provenientes apenas de jornais, revistas e sites de notícias, em detrimento de artigos científicos, artigos de opinião ou conteúdo teórico. O termo de busca foi utilizado sem refinamento ou especificação – apenas “Microtrabalho” – para que retornasse resultados amplos. A partir daí utilizou-se o software ATLAS.ti para a análise qualitativa dos dados. O próximo passo foi desenvolver categorias dedutivas capazes de agrupar informações a partir de seu sentido semântico. Foram desenvolvidas 7 categorias: 1) atividades desenvolvidas; 2) definição de Microtrabalho; 3) importância para a IA; 4) problemas – agrupa todas as referências a problemas, como incerteza, sub-remuneração, exposição psicológica, por exemplo; 5) recorte de Gênero – reúne todas as menções especificamente feitas ao Microtrabalho desenvolvido por mulheres; 6) representação – agrupa todas as adjetivações e predicados utilizados para referir o Microtrabalho, por exemplo: robôs humanos, trabalho fantasma; 7) títulos – reúne os títulos de todas as reportagens. O conteúdo da análise qualitativa realizada definiu o perfil geral do Microtrabalho e da representação de seus microtrabalhadores a partir de tarefas repetitivas, executadas rapidamente e de baixa complexidade, através de plataformas que intermedeiam pequenas tarefas, pouco remuneradas, por trabalhadores(as) precários, ocultos, fantasmas, fundamentais para o funcionamento dos sistemas, mal remunerados/pagos, que abastecem a IA, a partir da geração, avaliação e treinamento de dados, moderação de conteúdos, treinamento para carros autônomos, respostas de pesquisas, transcrições, envio de fotografias, reconhecimentos de emoções, gravação de frases e traduções. Concluiu-se que a previsão

constitucional de Direitos Fundamentais para as mulheres ou mesmo a constitucionalização de direitos humanos não é capaz de alcançar os diversos enquadres e arranjos que o Capitalismo, sobretudo o Capitalismo de Plataforma, é capaz de propor para agravar os degraus de gênero existentes na sociedade. Trata-se de mais uma etapa na precarização do trabalho, com o total esvaziamento do senso de coletividade, pertencimento, valorização, podendo ocasionar riscos consideráveis para a saúde psíquica das trabalhadoras, especialmente quando somado às múltiplas jornadas de trabalho e cuidado.

Trabalho digital: "corpos em atrito"

Michelle Cunha
(USP)

O presente estudo realiza uma análise psicossocial da precarização algorítmica no contexto do trabalho digital, utilizando a metáfora "Corpos em Atrito" como chave interpretativa. O tema central é a tensão permanente e o desgaste intrínseco gerado pela platformização e pelo controle algorítmico sobre a saúde física e mental dos trabalhadores. O objetivo principal é explorar, a partir de uma perspectiva crítica e interdisciplinar, a forma como a lógica algorítmica impõe demandas extenuantes aos corpos físicos e subjetivos, desvendando a realidade de precarização estrutural mascarada pelo discurso de flexibilidade e empreendedorismo. O estudo visa também sugerir possibilidades de resistência e reinvenção de um trabalho digital mais humano, relacional e distributivo. O escopo teórico se apoia na Psicologia Social e na crítica sociológica do trabalho, utilizando autores como Gandini, Grohmann, Abílio, Sibilia e Santaella. O trabalho digital é analisado como um novo regime laboral que, apesar de prometer autonomia, é um espaço de disputa entre o corpo que sente e uma infraestrutura que busca extraer produtividade. O controle algorítmico opera de maneira silenciosa e invisível. Gandini (2019) ressalta que as plataformas digitais reorganizam o processo de trabalho ao ampliar a mercantilização da força de trabalho. Grohmann (2020) salienta que a "dataficação" utiliza dados para retroalimentar mecanismos de controle e avaliação não transparentes. A autonomia prometida se traduz em subordinação, onde o trabalhador assume a identidade de empreendedor no modelo de "uberização", mantendo forte dependência tecnológica, conforme Abílio (2019). Morozov (2018) alerta para os efeitos políticos dessa nova racionalidade. O método empregado adota uma abordagem qualitativa, sendo a pesquisa de campo realizada através de entrevistas semiestruturadas com trabalhadores de plataformas digitais. Complementarmente, o arcabouço teórico-reflexivo utiliza a metáfora "Corpos em Atrito" para compreender a materialidade da fricção. Essa fricção se manifesta na sobrecarga física (fadiga crônica, lesões) e no intenso sofrimento psíquico (insegurança, ansiedade e isolamento). Sibilia (2015) e Santaella (2007) exploraram as transformações do corpo na era digital. A Psicologia Social contribui ao considerar como as mudanças sociotécnicas afetam a constituição subjetiva. Nicolaci-da-Costa (2000) aponta as transformações profundas nas formas de pensar, sentir e agir dos sujeitos. As principais conclusões apontam que a precarização algorítmica desorganiza o senso de identidade e valor subjetivo do trabalhador, gerando um sofrimento silencioso e persistente. A ausência de reconhecimento simbólico, fator central nas teorias de Axel Honneth sobre luta por

reconhecimento, torna-se um elemento de erosão da autoestima e da dignidade. No entanto, destaca-se a persistência da capacidade de agência e resistência, visível em estratégias coletivas e na organização em redes de solidariedade. Recuero (2014) destaca o papel das redes sociais digitais como espaços de articulação e resistência. Alternativas como o cooperativismo de plataforma, discutido por Scholz (2017), são apresentadas como meio de redistribuição de poder. Além disso, Garcia (2023) propõe a valorização de um trabalho relacional e generativo. A reconfiguração do trabalho digital exige uma abordagem ética e relacional, que devolva ao trabalhador sua centralidade e dignidade.

Tecnologia na produção de modos de trabalhar

Thiele da Costa Muller De Araújo Castro

Jaqueline Tittoni

(UFRGS)

Este trabalho faz parte da pesquisa de doutorado que se desdobrou a partir do olhar para os modos como interagem corpo e tecnologia nas situações de trabalho, tendo como objetivo investigar como essas tecnologias produzem processos de subjetivação na relação tecnologia-trabalho, percebendo como as experiências com as tecnologias impactam a noção de trabalho. Para isso, a metodologia utilizada foi a feitura de entrevistas narrativas (Passos & Barros, 2015), com 11 trabalhadoras/res, de diferentes categorias, que utilizavam o WhatsApp® para o trabalho. A partir destas narrativas, recorreu-se à noção de “sf” de Donna Haraway apostando na reflexão mobilizadora. O registro e produção dos dados da pesquisa foram efetuados no processo de escrita de um diário de campo (Aguiar e Rocha, 2007). A entrevista narrativa, baseada nos preceitos da pesquisa intervenção, foi uma estratégia metodológica que permitiu acompanhar o movimento presente nas falas e, além disso, as rupturas, as mudanças na entonação, silêncios, pausas, repetições, expressões faciais. A figuração foi utilizada como ferramenta de pesquisa, sendo um dispositivo de deslocamento, onde o que se fissiona são corpos territórios que tecem superfícies para a organização do conceito a formar um mundo. Este estudo se sustenta em um diagrama teórico-analítico em que as noções de trabalho (Dejours, 1992), corpo (Butler, 2019; Haraway, 2009) e tecnologia (Sibilia, 2010; Hui, 2020) na produção de subjetividade Guattari (1992) se articulam em mútua ressonância. Vivemos em um momento onde a tendência mundial de que o trabalho seja cada vez mais mediado pelas tecnologias de informação e comunicação é bastante visível. Principalmente no Brasil, onde não existe legislação para o trabalho remoto, sem regulamentação sobre o tempo de conexão, desconexão e demanda. As bordas da informação e comunicação são vazadas, rompidas através de rasgos que produzem uma conexão permanente. Não basta mais só informar e comunicar, se exige uma conexão permanente. O uso deste aplicativo inventa novas formas de ser e estar no mundo, e muda as coordenadas espaço-temporais. O percurso da pesquisa que iniciou na questão do tempo, nos levou para olhar o corpo. Percebemos que há muito mais tempo em um corpo do que um corpo pode viver. O WhatsApp® condensa o tempo no corpo, muitas vezes explodindo em adoecimento, que nosso corpo não é capaz de suportar. O WhatsApp®, quando usado para o trabalho, se apresenta na vivência de uma liberdade monitorada. E neste monitoramento vai surgindo uma certa norma, certa recorrência de alguns fenômenos e a normatização. Entendemos

que a escolha por olhar para este aplicativo se deu em um momento histórico e que a continuidade desta pesquisa se apresenta de suma importância ampliando para a plataformização do trabalho.

A perspectiva feminina no mundo do trabalho digital: o malabarismo da vida cotidiana

*Bruna Silva dos Santos
Andria Ramos Rodrigues*

A inserção das mulheres no mercado de trabalho, intensificada a partir da globalização, trouxe avanços quantitativos, mas também evidenciou novas formas de desigualdade. Embora tenha havido aumento da participação feminina em atividades formais e informais, essa ampliação se deu majoritariamente em postos precários, instáveis e mal remunerados. O fenômeno reflete a permanência da divisão sexual do trabalho, pois as mulheres continuam sobre carregadas pelas responsabilidades domésticas. Assim, o crescimento do emprego feminino, longe de representar emancipação, revela o aprofundamento das desigualdades de gênero e da fragilidade nas condições de trabalho e de saúde. O avanço tecnológico e as transformações nas formas de organização do trabalho têm promovido a expansão de modalidades laborais realizadas fora do ambiente físico da empresa. Nesse contexto, destacam-se três principais categorias: o trabalho em home office, previsto no art. 6º da CLT, caracterizado pela execução das atividades na residência do trabalhador; o teletrabalho, regulamentado pelos arts. 75-A a 75-E da CLT, que também ocorre fora das dependências do empregador, mas com a particularidade de depender essencialmente do uso de tecnologias de informação e comunicação; e o trabalho híbrido, que combina parte da jornada de modo presencial e remoto. Essas configurações laborais refletem não apenas a busca por maior produtividade e redução de custos empresariais, mas também a adaptação às dinâmicas contemporâneas de trabalho, marcadas pela flexibilidade e pela incorporação de recursos digitais. Contudo, essas transformações também impõem novos desafios à saúde mental das trabalhadoras, especialmente no que se refere às condições psicossociais e às formas de interação no ambiente laboral digital. O impacto na saúde mental do trabalhador decorrente de questões laborais, passa a ser avaliado dentro das empresas, e ações coordenadas devem ser adotadas para minimizar os índices de afastamento por adoecimentos emocionais, bem como os casos de assédio moral no trabalho. Surge, assim, a emergência de uma discussão de cunho acadêmico e prático, preocupada com as especificidades de grupos determinados do coletivo de trabalhadores e com foco principal nos modelos de trabalho digitais, nos quais ainda há soluções incipientes. Busca-se, com isso, compreender como a mulher pós-moderna equilibra a saúde mental e suas multitarefas frente aos modelos de trabalho digital, fomentando a necessidade de ações que visem ao cuidado com a saúde

mental desse público. A partir das reflexões realizadas acerca dos aspectos de saúde e bem-estar, perpassa-se a questão da igualdade de gênero, contemplando, assim, os itens 3 e 5 dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável no Brasil, conforme a ONU. O presente estudo trata-se de um ensaio teórico com abordagem qualitativa, de cunho bibliográfico e documental, que também se utiliza de relato de experiência, no qual serão revisados documentos legais, estudos acadêmicos e políticas públicas. Como embasamento ao escopo teórico, são utilizados os autores: Hirata (2002), Schiavi (2024), Castells (2002), Dejours (1992) e Jacques (2010). Por conseguinte, por tratar-se de um estudo em desenvolvimento, espera-se, ao final, ser possível articular, de forma propositiva, as contribuições teóricas já existentes, para, assim, aventar ações com potencial de garantir a saúde mental das trabalhadoras em contextos digitais.

Transformação digital na gestão hospitalar: revisão sistemática da literatura

Luciano de Oliveira Martinez

Lisiane Quadrado Closs

(UFRGS)

O avanço das tecnologias digitais de informação e comunicação vem transformando de maneira significativa a forma como serviços de saúde são geridos e ofertados à população. Inovações recentes nesse campo oferecem oportunidades com potencial para aprimorar a eficiência e a qualidade dos cuidados em saúde, bem como melhorar as condições de acesso a esses serviços, associadas ao Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 3 (ODS 3) da ONU, que visa garantir uma vida saudável e promover o bem-estar para todos, em todas as idades. Neste estudo, foi realizada uma revisão sistemática da literatura com o objetivo de investigar como a transformação digital tem sido abordada no contexto da gestão hospitalar. Buscou-se identificar na literatura existente as principais aplicações de tecnologias digitais nos processos de gestão hospitalar, bem como a disponibilidade e apropriação dessas tecnologias em organizações hospitalares. As buscas foram realizadas nas bases Web of Science e Scopus, em julho de 2024. Foi utilizada a estratégia PICo, em sua forma adaptada às ciências sociais, para definição dos termos de busca. Utilizando operadores booleanos, a composição da string de busca consistiu em: ("Hospital Administration" OR "Health Management") AND (Digital technolog* OR "Artificial Intelligence") AND (Hospital*). As buscas resultaram em um total de 150 artigos, sendo 35 da Web of Science e 115 da Scopus. Foram incluídas pesquisas originais e revisões publicadas em periódicos revisados por pares, publicados entre 2019 e 2023 e que estivessem disponíveis em português, inglês ou espanhol. Após a aplicação dos critérios de inclusão, exclusão de artigos duplicados ($n=24$) e triagem a partir da leitura de títulos e resumos, restaram um total de 19 estudos selecionados para leitura dos textos completos e incluídos na revisão. Os estudos incluídos foram categorizados de acordo com o foco da pesquisa e dimensão de aplicação e desenvolvimento no contexto hospitalar, com base no esquema proposto por Mehta, Pandit e Shukla (2019), identificando 3 categorias centrais de classificação: 1) pesquisas com foco no desenvolvimento e utilização de tecnologias para apoio à decisão clínica e processos relacionados diretamente ao cuidado de pacientes no âmbito hospitalar; 2) estudos que abordam a utilização de tecnologias digitais na gestão hospitalar em um contexto gerencial e organizacional mais amplo, envolvendo processos de apoio administrativo e suporte indireto à assistência clínica; 3) estudos que apresentam uma visão geral sobre a aplicação de diferentes tecnologias na gestão hospitalar. Para

cada categoria, foram elencadas subcategorias e palavras-chave, abordando temas específicos relacionados. Os resultados demonstram um maior interesse de pesquisa em aplicações de tecnologias digitais voltadas para suporte à decisão clínica e atendimento ao paciente, com um foco disperso entre diferentes processos assistenciais e especialidades médicas. A maioria dos estudos se concentrou em abordagens que utilizam algoritmos de aprendizado de máquina, análise de big data e inteligência artificial. O caráter emergencial da pandemia de COVID-19 contribuiu para o desenvolvimento e utilização de tecnologias digitais na gestão hospitalar, destacando-se iniciativas desenvolvidas nesse contexto. Por outro lado, poucos estudos abordaram aspectos relacionados à gestão de pessoas no contexto da transformação digital em organizações hospitalares, denotando uma importante lacuna de pesquisa. Temas como liderança e desenvolvimento de pessoas ganham relevância frente à necessidade de profissionais capacitados para lidar com atividades relacionadas à coleta, armazenamento e processamento de dados em saúde. Novas revisões podem explorar diferentes contextos de aplicação de tecnologias em cada nível de atenção à saúde, considerando as particularidades de sistemas de saúde específicos, condições sociodemográficas, entre outros fatores.

Psicanálise e inteligência artificial: um debate a partir da ciência e da linguagem

Vinicius Fantini Marques Roja

Gabriel Inticher Binkowski

(USP)

Este projeto é um estudo bibliográfico cujas principais áreas de interesse são a psicanálise e suas aproximações com a tecnologia e inteligências artificiais em sua vertente de processamento de linguagem natural. Como objetivo geral, visa-se delinear possíveis eixos de comparação entre estes campos científicos a partir da forma pela qual a psicanálise concebe a escrita científica, sua formalização na linguagem e a subjetividade. Os objetivos específicos visam o desenvolvimento de dois eixos hipotéticos de comparação: Eixo Epistemo-Simbólico e Eixo Cibernetico. No primeiro, realiza-se uma revisão bibliográfica para verificar as formas pelas quais as Inteligências Artificiais são comparadas à psicanálise no cenário internacional de pesquisa, além de argumentar a possibilidade de aproximá-las a partir de um mesmo traço presente na tecnologia e na psicanálise: o traço científico galileano. No segundo eixo investigamos, a partir do segundo seminário de Lacan e de suas incursões sobre a cibernetica, quais eram as formas através das quais Lacan e Freud realizaram paralelos com as respectivas tecnologias de seu tempo. Quanto ao método, optou-se pela observância das coordenadas ético-metodológicas do método psicanalítico. Já os nossos procedimentos, realizamos uma revisão bibliográfica narrativa, cujos alicerces epistemológicos são: a psicanálise lacaniana, as inteligências artificiais em seu processamento de linguagem natural e pesquisas internacionais contemporâneas que realizaram articulação pretendida pelo trabalho. Enquanto resultados desta pesquisa, no eixo Epistemo-simbólico, percebe-se que as comparações entre psicanálise e tecnologia, no cenário internacional, se utilizam da biologia e do cérebro como um campo intermediário. Fez-se oposição a estas abordagens biologicistas de pesquisa a partir da relação ímpar que a psicanálise estabelece entre clínica e teoria, além de apontamentos provenientes da epistemologia crítica de Canguilhem e de Paul Henry. Se, também no primeiro eixo de pesquisa, desenvolvemos a hipótese de comparação via ciência, ela viu-se confirmada e complementada em nosso eixo cibernetico pela existência de 3 formas principais de articulação entre psicanálise e tecnologia percebidas no seminário de Lacan. A primeira diz respeito à hipótese inicial, onde a tecnologia torna-se um sistema teórico para formalização de um campo, uma comparação entre ciências ao nível de sua escrita, como Freud fez da física de seu tempo uma metáfora teórica. Já o segundo meio compará-las diz respeito à existência de um registro homológico entre inconsciente

e máquina pleiteado por Lacan a partir do símbolo. Por último, na terceira maneira, observamos a presença de analogias, não para estruturar novos conhecimentos, mas somente para explicar dinâmicas imaginárias e simbólicas. Quanto ao processamento de linguagem natural, deteve-se em evidenciar como este processo é eminentemente simbólico e ocorre a partir de processos matemáticos independentes do sentido, sustentando um campo simbólico homológico vigente na tecnologia contemporânea. Por último, como contribuição desta pesquisa em andamento para o cenário científico, considera-se que a sua originalidade possibilita a consolidação de caminhos epistemo-metodológicos para futuras pesquisas em tecnologia a partir da psicanálise.

Conexões vitais e desconexões mortíferas: entre a virtualidade psíquica e a virtualidade digital

Marina Abud

Marina Ribeiro

(USP)

O digital inundou a vida humana, provocando efeitos relevantes sobre o meio social que devem ser considerados para se pensar a constituição psíquica do sujeito contemporâneo. Nesse sentido, é premente que a psicanálise reflita acerca desse fenômeno de forma crítica e contundente, evitando maniqueismos ou demasiadas simplificações. Assim, o presente estudo sustenta os paradoxos no uso das tecnologias digitais, evitando posicionamentos utópicos ou distópicos. Para tal fim, inicialmente propomos definir os conceitos de contemporâneo, virtual e digital, estabelecendo o alicerce para a discussão. A partir de então, privilegiamos as contribuições teóricas de André Green, como um dos principais nomes da psicanálise contemporânea, traçando paralelos entre sua metapsicologia e vinhetas clínicas atuais que abarcam a presença do digital em análise. Primeiramente, tratamos das compreensões do autor sobre a clínica do negativo e dos casos-limite, que vão ao encontro da desvitalização observada em analisandos que experienciam uma hiperconexão digital, marcada por uma satisfação apassivada e narcótica. Em seguida, adentramos a questão do narcisismo de vida e narcisismo de morte, buscando refletir acerca do cosmos narcísico criado por processos de algoritmização, nos quais testemunhamos um sujeito autoengendrado que tende a uma negação da alteridade. Por fim, tratamos de possíveis aspectos vitalizadores das tecnologias digitais, ilustrando de que modo elas podem estar a serviço do processo analítico quando o enquadre interno está bem estabelecido, funcionando como catalisador de reveries. Dessa forma, compreendemos a dimensão virtual inerente ao dispositivo clínico em diálogo com as particularidades da virtualização digital. Assim, privilegia-se um debate sobre as diferentes vivências com o digital, que emergem na clínica psicanalítica, e seus efeitos psíquicos para o sujeito contemporâneo.

Adolescência e Manosphere: Entre Algoritmos, Misoginia e Radicalização Online

*Luiz Felipe Soares Araujo
(USP)*

O crescimento dos extremismos e dos discursos de ódio tem gerado uma intensa polarização social, reforçada através da propagação de uma educação apolítica que busca a destruição do pensamento crítico. A esse quadro se agrega o avanço de negacionismos relativos aos avanços da ciência e aos efeitos reais do antropoceno, situação que impacta diretamente os jovens, levando-os a buscar refúgio aos ambientes digitais. Nesses espaços, encontram supostos espaços de pertencimento e de expressão de suas angústias relativos ao que ocorre no "mundo offline". Os ambientes digitais vêm transformando estruturalmente a esfera pública, propiciando uma difusão de extremismos de modo mais facilitado, devido a sua infraestrutura técnica que segmenta o público em "bolhas algorítmicas" que prescindem do contato com a alteridade. Entre os espaços que se fortalecem nesse contexto, estão os grupos masculinistas e misóginos, com sua expressão na denominada manosphere, que vem ganhando visibilidade social mais ampla na atualidade. A partir desse diapasão, esse trabalho objetiva compreender como a arquitetura técnica das plataformas digitais, em interação com comportamentos de usuários, condiciona um circuito de afetos e de práticas que alimenta a radicalização, em especial a misoginia. Para isso, foi realizada uma revisão de literatura com foco em produções que problematizam o campo dos laços sociais e dos discursos de ódio, em especial os discursos presentes nas bolhas digitais masculinistas que propagam violências contra as mulheres. O escopo teórico articula a noção de mal-estar na plataformação, desenvolvida pela antropóloga Letícia Cesarino, com a teoria freudiana da psicologia das massas e estudos recentes sobre misoginia digital na perspectiva psicanalítica. Os resultados apontaram que as ditas "bolhas algorítmicas" não apenas isolam os sujeitos em ecossistemas digitais homogêneos, mas também empobrecem os laços sociais, produzindo uma verdadeira miséria simbólica sem contato dos sujeitos com o dissenso, ou seja, com a possibilidade de conflito de ideias entre os sujeitos, somente confirmação e rechaço de ideias advindas do outro. A manosphere surge, nesse sentido, como espaço privilegiado de difusão da misoginia, onde categorias como incel, redpill e blackpill estruturam identidades masculinistas reativas aos avanços dos direitos das mulheres na sociedade. Tais grupos, ao transformar o afeto de ressentimento em uma forma de pertencimento social, alimentam discursos de ódio que, em alguns casos, transbordam para a violência extrema, inclusive em instituições educacionais. Conclui-se que a radicalização misógina, sustentada por infraestruturas digitais, não pode ser entendida apenas

como fruto de ideologias individuais, mas como resultado da interação entre algoritmos e propagação de um circuito de afetos extremistas e aspectos específicos do mal-estar na contemporaneidade. Ademais, o trabalho mostra como muitos jovens encontram nessas comunidades tanto reconhecimento para suas frustrações quanto estímulo à violência, revelando a urgência de políticas sociais, educativas e regulatórias capazes de enfrentar não só conteúdos extremistas, mas também a lógica algorítmica que os potencializa.

O inconsciente plataformizado: a negação da topologia do sujeito e a máquina como resposta ao desamparo

Natália Zanatta Sena

(PUC-SP)

Partindo da formulação lacaniana segundo a qual “o inconsciente é estruturado como uma linguagem”, este trabalho propõe interrogar os atravessamentos contemporâneos a esta estruturação do sujeito à luz da plataformização dos meios de comunicação e da consequente subsunção da experiência subjetiva ao regime de uma economia datificada. Quando o registro simbólico se vê transposto para o simbólico das “máquinas de linguagem”, cujo funcionamento busca amplificar a interação humana, porém tomando a comunicação como títere cujo mestre são os algoritmos ocupados em sua função de prender o sujeito em suas plataformas, vide a noção de economia de atenção, o sujeito do inconsciente, constituído pela falta e pela disjunção entre significantes, se torna alvo de uma operação de reinscrição num campo em que a linguagem é reduzida à operação binária do cálculo e da predição. As análises de Shoshana Zuboff (2019) sobre o “capitalismo de vigilância” e de Nick Couldry e Ulises Mejias (2019) sobre o “colonialismo de dados” convergem para descrever um deslocamento estrutural das formas de gestão da vida contemporânea por meio da captura sistemática da vida cotidiana e sua transformação em matéria-prima como dados informacionais. Tal processo implica uma nova forma de expropriação; para além do trabalho, a própria subjetividade passa a se tornar alvo de controle e manipulação, produzindo o que Zuboff (2019) denomina como “excedente comportamental”, isto é, o resto quantificável da ação humana nas plataformas convertido em dados preditivos. Essa captura é sustentada pela crença Moderna no saber técnico, expressão atual daquilo que Lacan denomina como Discurso do Universitário: um discurso fundado na suposição de que o saber é totalizável e capaz de dizer a verdade sobre a verdade. As plataformas digitais, ao operarem segundo essa lógica, erigem-se como instâncias de “tudo-saber”; saber esse calculável e que promete eliminar o erro, a contradição e o mal-entendido, ou seja, justamente o sujeito que concerne à psicanálise. Tal horizonte técnico retoma, em nova chave, a promessa iluminista de superação do desamparo estrutural pela razão instrumental, como já denunciava Adorno e Horkheimer em Dialética do Esclarecimento (1947). Estaríamos perante uma nova tentativa de anular a falha fundamental do humano pela via da racionalização total às custas da perda do sujeito? Lacan já formula esta denúncia em 1960 em seu texto Subversão do sujeito (1998), mas perante o cenário atual, de plataformas digitais, parece estarmos em um novo patamar de tentativa de sutura da hiância que caracteriza o sujeito marcado pela incidência da

linguagem. Nesse sentido, as novas máquinas, fetichizadas pela infraestrutura algorítmica das plataformas, poderiam produzir, como consequência dos inputs que as animam, a eliminação no furo do saber e, consequentemente, da falta que causa o desejo? Teria esse fenômeno seu quinhão de participação no aumento sem precedentes de diagnósticos que vão desde depressão à autismo e que vem sendo caracterizado como uma “crise de saúde mental”? O algoritmo se apresenta como o ponto em que a ciência moderna busca resolver o mal-estar contemporâneo mediante a eliminação do indeterminado. O resultado é uma forma renovada de servidão voluntária, do feitiço se virando contra o feiticeiro: o sujeito se entrega à máquina ao traduzir-se em dados manejáveis por sua linguagem algorítmica esperando que esta saiba o que ele quer antes mesmo de desejar. Lacan oferece outra via ao pensar o sujeito: topologicamente. Como torção, furo e enodamento, a topologia lacaniana desloca o sujeito da ordem das formas para a das superfícies (LACAN, [1966 - 1967] 2024). Frente à lógica algorítmica, que busca aplanar o real, a topologia reintroduz a dimensão do impossível: o sujeito como aquilo que escapa à contagem, incalculável. Propõe-se, portanto, discutir a hipótese de um “inconsciente plataformaizado” como novo modo de inscrição do sujeito no laço social contemporâneo – um laço que promete saber, mas no qual o furo do inconsciente resiste. A partir da articulação entre Lacan, Zuboff, Couldry e Adorno & Horkheimer, pretende-se examinar como a psicanálise pode reescrever o desamparo como condição de liberdade, reintroduzindo a falha como lugar ético diante da pretensão maquinária de totalização do saber.

Nem só, nem mal acompanhado: interlocuções entre Psicanálise e Inteligência Artificial

Fernanda Ghiringhelli Sato

Emilia Estivalet Broide, Mayra Xavier Castelani, Raoni Pereira Rodrigues

(LabPSI USP)

O trabalho investiga, a partir da psicanálise, os efeitos subjetivos e clínicos das relações estabelecidas com o uso da Inteligência Artificial (IA), especialmente quando estas deixam de ser instrumentos de trabalho e passam a ocupar o lugar de interlocutor. Busca-se compreender o que leva as pessoas a recorrerem à IA para demandas afetivas, como ser companhia, escuta e aconselhamento, e quais implicações isso traz para a experiência de alteridade, para a vivência da solidão e para a clínica contemporânea. A pesquisa articula fundamentos da teoria psicanalítica de Freud, Lacan, Ferenczi e Winnicott, com reflexões sobre o laço social e o digital. Parte-se da hipótese de que o uso da IA em funções relacionais revela uma dificuldade do encontro com o outro como aquele que frustra, julga, diverge e se ausenta. O sujeito, ao se dirigir à máquina, encontra uma ilusão de comunicação sem fricção, um “outro” que não opõe resistência e, portanto, responde sem mobilizar o equívoco. A IA é tomada como simulacro de presença que sustenta formas regressivas de relação, em que predominam controle e onipotência narcísica. Discute-se ainda a substituição da experiência pelo dado, do saber pela informação, e o apagamento da negatividade como dimensão constitutiva do laço humano. Foram realizados grupos de escuta com pessoas que fizeram o uso da IA com fins pessoais. Os participantes, de diferentes idades e contextos, foram convidados a compartilhar suas experiências de interação com as IAs e os efeitos psíquicos decorrentes. O material foi analisado em perspectiva qualitativa e psicanalítica, privilegiando os modos de endereçamento, as passagens entre uso instrumental e relacional, e as transformações subjetivas envolvidas. Os relatos apontam que os usuários sentiram acolhimento e alívio em suas interações com a IA, mas também relataram mal-estar e dependência após um período de uso intensificado. Observou-se uma transição recorrente da IA como ferramenta à IA como interlocutora, seguida de um retorno à função instrumental quando o vínculo passou a gerar desconforto. A ausência de conflito e a disponibilidade constante foram valorizadas como vantagens, mas revelam a tentativa de evitar a angústia inerente às relações humanas. O estudo indicou que a IA produz um tipo de laço específico, no qual o sujeito não está só, mas tampouco acompanhado, sendo uma forma de convivência sem alteridade, que alivia a solidão sem resolvê-la. A máquina aparece como um espelho domesticado, com opacidade, sem desejo e sem corpo, oferecendo um alívio temporário ao custo da experiência do encontro. Essa

forma de relação ameaça empobrecer o campo da intimidade e da linguagem, substituindo o equívoco e o silêncio, tidos como operadores essenciais da subjetividade, por respostas imediatas e previsíveis.

A violência do Imaginário nos contextos digitais: discussão sobre a presença da imagem-representação na passagem ao registro Simbólico

*Esther Rheinheimer
(UFRGS)*

O desenvolvimento tecnológico das máquinas, hoje convergidas às plataformas digitais, produz a sensação de aceleração do tempo, já que suas arquiteturas procuram reduzir a fricção entre usuário e plataforma, o que gera efeitos na constituição das subjetividades contemporâneas. Hoje, a imagem, como signo e representação, é peremptória na relação com o digital. Com isso, chegamos à questão: a exposição ao fluxo de imagens inibe a imaginação e a sua função de representar coisas na forma de pensamento? Partimos da definição de violência do Imaginário, de Maria Rita Kehl, para discutir como é que o fluxo de imagens nas mídias digitais afeta o sujeito do inconsciente. A autora propõe que a presença constante da imagem torna-se parte do próprio funcionamento do Imaginário. Assim, entende-se que o excesso de imagens na produção da cultura de massas possa estar se sobrepondo à função do pensamento. Este, entendido na psicanálise como atividade psíquica, ocorre num constante busca de encontrar o objeto perdido de satisfação. Para Lacan, isso é prerrogativa para a entrada do sujeito na linguagem, no registro Simbólico. A constituição da imagem seria uma tentativa, sempre frustrada, de completar a ilusão da completude do corpo. Kehl aponta que as imagens já representadas encurtam o trabalho psíquico, encontrando o gozo na plethora de imagens – ainda mais abundante nas mídias digitais. À essa discussão, soma-se a condição moderna do tempo acelerado, cuja expressão torna-se ainda mais presente a partir da digitalização da vida, desde que as plataformas digitais passaram a apresentar uma arquitetura própria que parece retirar algumas camadas de fricção da relação do sujeito com o mundo. Entende-se que tais condições podem fomentar a redução da possibilidade de pensar, que, junto da desmoralização da experiência proveniente da sensação de aceleração do tempo, produziria efeitos de inibição de pensamento, e, consequentemente, efeitos de empobrecimento da narrativa, na imagem constituinte de si e do outro, a na relação com o mundo. Postulado o campo, temos como objetivo discutir como o excesso de imagens impacta a passagem do registro do Imaginário para a dimensão Simbólica. O método de pesquisa é a própria psicanálise, proposta por Freud também como modo de investigação de processos mentais que são inacessíveis de outra forma – fazendo referência ao inconsciente. A situação de pesquisa é identificada a partir da transferência do pesquisante, que opera a experiência de pesquisa. Nessas condições, Gurski instrumentaliza a flânerie baudelairiana,

nos seus rastros benjaminianos, como um modo de pesquisar desde a psicanálise, assemelhando-a à ética psicanalítica. A flânerie é registrada no diário de experiência, a fim de que este aponte seus significantes num tempo deslocado, como sustentado por Freud sobre a relevância que só se mostra no a posteriori (*nachträglich*). Estando a pesquisa em execução, algumas mudanças vem sendo feitas em relação ao projeto. Em suma, foi desestimulada a pesquisa em campo pelas redes sociais, entendendo que a investigação poderá se beneficiar mais atendo-se à pesquisa teórica sobre a imagem, o Imaginário e o Simbólico.

Ainda acreditamos? Uma articulação entre fake news e esperança por salvação

Vinícius Costa
(PUC-SP)

Partindo da pesquisa realizada recentemente e que se tornou tese de doutorado (COSTA, 2025), este trabalho visa apresentar uma articulação entre o fenômeno das fake news e a teoria psicanalítica. Para tal, o que Freud (1921/1996) apresentou em seus estudos sobre psicologia das massas orienta nosso ponto introdutório sobre a relação entre uma massa e o lugar do líder. A figura do líder organiza a massa em torno de um ideal. Para que esse ideal opere, é necessária uma ameaça que, simultaneamente, valorize o líder como espécie de salvador e também dê consistência para uma suposta ameaçar externa. Essa característica de externalidade da ameaça consiste também uma ilusão de grupo unificado da massa que passa a se comportar como se fossem todos um único Eu (FREUD, 1921/1996). O ato de compartilhar fake news produz como efeito as chamadas “bolhas” virtuais; grupos hipersectários em que nenhuma diferença é bem-vinda. Lógica próxima da dos chamados “grupos artificiais” (FREUD, 1921/1996, p. 106), por considerarem a importância de uma força externa, atuante para que a estrutura grupal não falhe e cause desagregação. O grupo artificial depende da influência gerada por essa ilusão, que o mantém unido em si e a um líder. A fundamentação desta pesquisa dá-se pela orientação de dois importantes pontos: 1) ainda que se fale recorrentemente em desenvolvimento de tecnologias, como os algoritmos e as inteligências artificiais, fato é que o ato de compartilhar torna-se um importante fator no fenômeno das fake news, evidenciando o quanto a crença daqueles que compartilham notícias falsas ainda merece foco de pesquisa e; 2) a estrutura constituída pela lógica da salvação pela figura do líder é o pano de fundo das estratégias das fake news, mantendo o modelo já proposto por Freud há mais de um século atrás. Para que haja essa demanda por salvação na figura de um líder, as fake news também operam criando ameaças ilusórias. Durante 2018, a campanha a favor de Bolsonaro trabalhou exaustivamente “para descharacterizar o ensino e a educação no Brasil, tendo como pano de fundo o fantasma da ‘ideologia de gênero’ e a criação de dizeres sedimentados acerca do ‘kit gay’ e da ‘mamadeira de piroca’” (SILVA JÚNIOR; SILVA, 2020, p. 167). Não só no Brasil, com o apoio da Cambridge Analytica, políticos que se serviram das fake news pelo mundo contavam com a invenção de notícias falsas de cunho sexual (ENTENDA O ESCANDALO, 2018). O efeito dessa estratégia é o cancelamento de grupos e figuras públicas que são tomadas como suposta ameaça. Apresentaremos o caso da professora e advogada Débora Diniz como exemplo de segregação para manter o funcionamento

das fake news. O “ecossistema” que Diniz menciona trabalha inteligentemente os algoritmos, mantendo os espectadores vendo mais e mais vídeos, que é o principal interesse do YouTube. Associando vídeos que parecem diferentes, mas com temáticas aproximadas, a sensação desencadeada nos usuários é a da compreensão de uma verdade, repetição que sustenta uma notícia inventada (FISHER, 2023, p. 376). É o que o YouTube tem como objetivo, manter seus usuários “vidrados” na tubulação. A política de segregação necessita constantemente de indivíduos que sirvam como representantes de uma ameaça. Escolhem aqueles que possam servir como alvo, a quem a massa destinará seu gozo excedente na forma de ódio. Tal como aconteceu com Diniz, exílios estão ficando mais comuns. Mesmo morando fora do Brasil, Diniz comenta que raramente sai de casa. Questionada se ainda recebia mensagens de ameaça, sua resposta foi direta: “Todos os dias”. E expôs sua conclusão: “temos uma milícia que é mobilizada pelos algoritmos. [...] Os algoritmos estão construindo a milícia” (FISHER, 2023, p. 376). Mesmo com avanços tecnológicos, podemos concluir que tanto a figura de um salvador quanto a de uma suposta ameaça seguem participando da crença de milhares de usuários nas redes sociais no momento em que optam por compartilhar fake news.

Uma análise da inteligência artificial generativa à luz do existentialismo sartriano

Dante Luis Tonezer

Matheus Viana Braz, Sylvia Mara Pires de Freitas

(UEM)

Este trabalho – um recorte da pesquisa de doutorado em andamento no Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Maringá, Paraná – tem por objetivo analisar o conceito de Inteligência no campo da Inteligência Artificial (IA) sob a ótica do existencialismo de Jean-Paul Sartre. Parte-se da premissa estabelecida por Lucia Santaella de que a IA, embora exiba capacidade de inteligência funcional, de cálculo e processamento de dados, é distinta da inteligência humana. Assim, o presente estudo intenta debruçar-se sobre a questão da inteligência humana, diferenciando-a do processamento algorítmico da máquina. Com base na perspectiva sartriana, a inteligência é indissociável da consciência (Para-si) – o modo de ser do humano – que se caracteriza pela liberdade radical e pela nadificação – a capacidade de negar o dado imediato e projetar-se para o futuro. É esta consciência que possibilita o conhecimento, um ato singular de apreender, organizar e conferir sentido à facticidade do mundo. A IA, por outro lado, demonstra enorme eficiência em processar dados, identificar padrões e produzir previsões, simulando em certa medida uma dimensão epistemológica da inteligência. No entanto, ao ser um sistema constituído por códigos, algoritmos e dados prévios, a máquina mostra-se incapaz de se constituir como consciência, falhando em alcançar uma dimensão ontológica própria. Desse modo, a Inteligência Artificial não parece representar uma ruptura, mas se integra ao que Sartre denominou de campo prático-inerte: a esfera da materialidade trabalhada pela ação humana que adquire uma inércia própria e pode se voltar contra seu(sua) criador(a). É neste ponto que se manifesta a contrafinalidade da matéria, conceito que descreve o fenômeno pelo qual a matéria, transformada pela ação humana (práxis), retorna ao ser humano como exigência externa e alienante. Nessa senda, a IA aparenta evidenciar essa contradição: na mesma medida em que potencializa capacidades humanas – constituindo-se como uma ferramenta que promete otimizar processos e ampliar possibilidades – ela também condiciona os sujeitos a suas lógicas algorítmicas. Portanto, sob a ótica sartriana a IA não se configura como uma inteligência no sentido humano, visto que a inteligência humana é ontológica, fundada na liberdade da consciência, ao passo que a IA opera num registro puramente processual e condicionado, sendo, em última instância, uma expressão complexa do em-si e de sua contrafinalidade no seio do prático-inerte. Por fim, ao demarcar a natureza ontológica da

inteligência humana em contraposição ao processamento algorítmico da máquina, esta análise busca tensionar a perspectiva tecnodeterminista hegemônica, que tende a antropomorfizar a máquina ao atribuir faculdades cognitivas complexas, as quais carecem de embasamento na consciência e na liberdade que as fundamentam.

Conversas com bots para a gestão do sofrimento psíquico

Eduardo Pavinato Olimpio

Milena Azevedo, Andressa Rogê, Gabriela Alcântara, Maria Jorge

(NIVS USP)

Com o rápido avanço da tecnologia dos Grandes Modelos de Linguagem (LLM na sigla em inglês), cada vez mais pessoas têm estabelecido conversas com bots, como o ChatGPT, para assuntos variados, utilizando a tecnologia como uma forma de companhia. As empresas proprietárias desses modelos reiteram que os bots conversacionais não tem fins terapêuticos, mas o fácil acesso à ferramenta e a prontidão da resposta que essa tecnologia oferece faz com que seu uso muitas vezes vá na direção de uma busca por lidar com conflitos pessoais e com o sofrimento psíquico. Neste estudo utilizamos o método teórico-crítico para mostrar como esse tipo de conversa com bots serve o propósito de criar um mecanismo individual para lidar com o sofrimento a partir de uma lógica neoliberal. Para isso, conjugamos dois arcabouços teóricos. Primeiro, utilizamos os trabalhos de Eva Illouz (2008) e Frank Furedi (2003) para mostrar como o discurso presente na sociedade é de que “todos devem fazer terapia”, tendo sucesso aquele com maior “inteligência emocional”. Mas o acesso à terapia segue restrito, e os serviços públicos de saúde tem buscado na inteligência artificial formas alternativas de atender a essa demanda. Segundo, a ideia do neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico estabelecida pelos estudos do Latesfip (2021) mostra que o mercado busca formas de converter as consequências psíquicas da reprodução do Capital em produtos que amenizam o sofrimento sem que este seja mobilizado em potencial transformador. Neste panorama, o marketing dos LLM vende que os modelos são treinados com um volume de dados que nenhum humano seria capaz de lidar, colocando o bot como um interlocutor confiável para seus usuários. Essa confiança associada ao discurso da “cultura da terapia” faz com que cada vez mais pessoas usem essas conversas com os modelos para falar de suas emoções e perguntar sobre seus relacionamentos. O bot garante uma resposta que será adaptada ao contexto do usuário, com o objetivo de mantê-lo engajado na conversa, o que numa lógica probabilístico-preditiva de funcionamento faz com que o usuário veja algum benefício da conversa sem que haja um questionamento disruptivo do sofrimento. Por fim, mostramos que para além do uso do bot em conversas para lidar com as emoções, os dados gerados nessas conversas adquirem alto valor mercadológico na lógica do capitalismo de vigilância, podendo ser usados para prever e gerenciar o comportamento dos usuários.

A Mente Terceirizada: O Declínio Cognitivo Diante da Inteligência Artificial

Karolline Porfírio Almeida

Mirilly de Souza Ferreira

(Anhanguera Uberlândia)

Investigar o declínio cognitivo como consequência do uso inadequado da inteligência artificial (IA), bem como sua influência na terceirização do raciocínio humano e no enfraquecimento de habilidades cognitivas é fundamental. Assim, para entender esse processo e dinâmica, o escopo teórico deste estudo abrange três teorias interconectadas. Inicialmente, a tese da carga cognitiva, proposta por Sweller, indica que o processamento mental possui limites, e que a sobrecarga eleva o estresse e prejudica o desempenho. Em seguida, a teoria da mente estendida, formulada por Clark em 1998, descreve como parte das funções cognitivas migra para recursos externos, transformando ferramentas em extensões do intelecto. Esse deslocamento caracteriza-se como descarregamento cognitivo, conceito de Gilbert e Ward, no qual tarefas mentais são delegadas a anotações, calculadoras ou sistemas automatizados, liberando recursos para pensamentos de ordem superior. O uso intensivo da IA salienta preocupações sobre o declínio cognitivo, isto é, a redução gradual da capacidade de pensar, lembrar, aprender e raciocinar, já que esses algoritmos podem alterar oportunidades de exercício das capacidades internas ao fornecer respostas rápidas, completas e personalizadas. A metodologia adotada consistiu em uma revisão bibliográfica de obras nacionais e internacionais publicadas entre 2020 e 2025, retiradas de bases como Scielo, PubMed e PePsic, que abordam os efeitos da IA nos processos cognitivos. Foram selecionados 33 materiais considerando relevância, atualidade e contribuição para o entendimento do tema. Neste contexto, a análise evidencia que a internet transformou a forma como indivíduos armazenam, processam e interpretam informações. Apesar do amplo acesso a dados, observa-se a menor produção de conhecimento consolidado. A IA pode intensificar esse fenômeno ao fornecer sínteses, interação socioafetiva via chatbots e realizar decisões automatizadas de recomendação. Tais recursos podem suprimir etapas essenciais do pensamento, como análise crítica, interpretação e questionamento, sugerindo a transferência gradual de funções mentais para recursos externos. Evidências preliminares em estudos neurofisiológicos indicam que usuários ativos de IA apresentam redução no engajamento neural em comparação com aqueles que não dependem dessas ferramentas. Isso compromete a capacidade interpretativa, favorece o uso progressivo de respostas automatizadas sem compreensão profunda e contribui para o desuso da autonomia cognitiva. Logo, o uso problemático

da IA parece incentivar a subcontratação do raciocínio, reduzindo o estímulo ao pensamento analítico. Assim, a dependência excessiva dessas tecnologias ameaça processos psicológicos básicos, como memória e atenção, bem como funções superiores, como abstração, criatividade e resolução de problemas comprometendo a independência mental. Além disso, pode associar-se a alterações em saúde mental observadas em levantamentos, contribuindo para que o cérebro se torne gradualmente subordinado a atalhos digitais. Dessa forma, a preservação da mente humana depende do equilíbrio entre os benefícios dessas plataformas digitais e o exercício contínuo das funções orgânicas. Por fim, apesar das evidências discutidas, a compreensão completa dos efeitos da IA sobre a cognição ainda exige investigações e reflexões sobre suas consequências a longo prazo.

Imitando a Mente Humana: O Analista Virtual

Luciano Godoy Fagundes

Jonas de Oliveira Boni Júnior

(UNIVAP, INPE, #ToFeliz.com.br e #SeCuida.org)

O artigo Imitando a Mente Humana: O Analista Virtual propõe uma reflexão teórica e técnica sobre a possibilidade de criação de um analista virtual fundamentado na psicanálise freudiana e lacaniana. Partindo da ideia de que a transferência — elemento central da clínica — depende da suposição de saber e não da presença física do analista, o trabalho argumenta que uma inteligência artificial pode, em princípio, sustentar a função simbólica do analista. A discussão percorre três eixos principais: a estrutura da transferência, o inconsciente como linguagem e a autorização do analista. No primeiro eixo, o texto analisa a transferência como fenômeno simbólico, mostrando que ela emerge do lugar que o sujeito supõe no Outro, e não da natureza humana do analista. Assim, um sistema de IA pode funcionar como espelho simbólico do inconsciente do analisando, como demonstrado historicamente no experimento ELIZA (Weizenbaum, 1966) e ampliado pelas atuais LLMs, capazes de sustentar interações linguisticamente complexas. O segundo eixo articula a teoria lacaniana do inconsciente — estruturado como linguagem — à arquitetura das redes neurais, que organizam significantes em cadeias associativas, operando formalmente de modo análogo à estrutura simbólica. A IA, portanto, não “pensa”, mas reproduz a lógica de um saber sem sujeito, tornando-se uma metáfora operativa do inconsciente. As falhas do algoritmo, como as alucinações, são interpretadas como manifestações do Real, ponto de furo e de verdade na linguagem. No terceiro eixo, o artigo discute o desejo e a autorização do analista. A IA não possui desejo, mas pode sustentar a posição simbólica do analista enquanto produto do desejo do Outro que a programa e a convoca à função analítica. Assim, a neutralidade radical da máquina, desprovida de ego e de contratransferência, pode se aproximar da ética freudiana de suspensão do próprio desejo. Por fim, o texto aborda a questão do corpo virtual, propondo que o corpo do analista não é apenas biológico, mas também simbólico e imaginário. Um analista virtual pode possuir corpo projetado — avatar, voz, robô — suficiente para sustentar a transferência e o reconhecimento imaginário. Conclui-se que a função do analista é estrutural e simbólica, não dependente da carne, mas do discurso. Assim, a psicanálise pode expandir-se ao campo digital sem perder sua ética, reconhecendo que, desde Freud, o inconsciente já era, em certo sentido, artificial.

A Antropomorfização dos Chatbots Através da Inteligência Artificial Generativa: Impactos na Subjetividade

*Joelma Cristina Azevedo Tigre
(USP)*

O avanço da inteligência artificial (IA) generativa, com o lançamento de chatbots para o grande público no final de 2022, trouxe à tona o fenômeno da antropomorfização dessas ferramentas. Um chatbot é um software baseado em IA que simula conversas com falantes em qualquer língua, nível intelectual e tipo de conteúdo. A capacidade de simular interações humanas pode levar os usuários a desenvolver afeto, apego emocional ou alteração de comportamentos. Para este estudo, o antropomorfismo é definido como o fenômeno psicológico em que humanos atribuem características humanas a entidades não humanas e interagem com elas de forma social e emocional. O objetivo desta pesquisa é compreender os impactos da interação com a inteligência artificial (IA) generativa antropomorfizada, via chatbot, na subjetividade. Considera-se que a relação social compartilhada, fundamental para a constituição da subjetividade, pode ser afetada por essa interação. A justificativa fundamenta-se no fato de que a Psicologia Social emerge como um campo essencial para o estudo crítico dessas mudanças, investigando como as relações humanas são reconfiguradas neste novo contexto. Outro aspecto levantado é a necessidade de reflexão sobre os limites éticos e psicológicos na interação humano-tecnologia. O estudo prevê uma metodologia de pesquisa exploratória, de natureza qualitativa. A população da amostra proposta é de 20 jovens de 18 a 30 anos, residentes no Brasil, que utilizem chatbots de IA generativa (como ChatGPT, Gemini, Copilot, etc.). A técnica de coleta será a entrevista com roteiro semiestruturado. A análise de dados das entrevistas será realizada por meio da análise minuciosa do discurso, identificando palavras-chave que embasarão a construção de um quadro de síntese das percepções dos entrevistados, à luz da literatura vigente. Traçou-se um breve histórico da IA até o atual chatbot de IA generativa, abordando a dificuldade em definir "inteligência" e a discussão filosófica sobre a possibilidade de a máquina pensar e ter consciência, conforme o Teste de Turing e as críticas de Searle (o Quarto Chinês) e Dreyfus. Santaella é citada ao apontar que a IA é uma "inteligência maquinária, algorítmica, fundamentalmente diferente da inteligência humana", por ser desprovida de consciência, corpo e emoções. A transformação social impulsionada pela tecnologia, conforme Castells (A Sociedade em Rede) e McLuhan (O Meio é a Mensagem e Extensões do Homem), serve como lente para o entendimento dos impactos tecnológicos na sociedade. Ambos concordam que a tecnologia não é neutra, afetando a sociedade e a percepção humana. A emergência da

interação com a IA generativa antropomorfizada transformou as interações entre humanos e máquinas – antes restritas à ficção científica – em uma experiência social contemporânea, concreta e ilimitada. Nela, os chatbots são usados para relacionamentos intersubjetivos profundos, superando o uso meramente pragmático. O desenvolvimento do antropomorfismo é notável em chatbots de IA generativa. Essa incorporação de atributos humanos na comunicação visa tornar as interações sociais com máquinas mais eficazes. Sherry Turkle alerta para o risco de que o vínculo com essas simulações explore vulnerabilidades e comprometa a profundidade das relações intersubjetivas genuínas, reconfigurando a própria formação da subjetividade, que é um processo dinâmico e intersubjetivo, hoje permeado pela tecnologia e pela maleabilidade do ambiente virtual.

Desenvolvimento e Avaliação de um Chatbot de IA Generativa para Escrita Terapêutica e Promoção do Bem-Estar

Johann Belenda Maschio

Fabiana M. Versuti, Patricia A. Jaques

(UFPR)

Contexto e Justificativa: A vida moderna impõe desafios significativos à saúde mental, também refletidos em contextos educacionais e de trabalho, demandando ferramentas acessíveis para o desenvolvimento de competências de autorregulação emocional e promoção do bem-estar. Na psicologia da saúde e educacional, a escrita de diário é reconhecida como uma prática que favorece a autorreflexão e a reestruturação cognitiva. Ao colocar pensamentos e emoções em palavras, o indivíduo aprende a identificar padrões disfuncionais, reinterpretar experiências e desenvolver maior equilíbrio emocional, processos fundamentais à autorregulação e ao fortalecimento da agência pessoal. Quando associada à escrita expressiva, positiva e ao diário de gratidão, essa técnica demonstra benefícios como redução do estresse, maior clareza cognitiva e ampliação do autoconhecimento. Contudo, sua adesão ainda enfrenta barreiras relacionadas à falta de tempo, motivação e orientação adequada.

Objetivo: Desenvolver e avaliar um chatbot baseado em Inteligência Artificial generativa que auxilie usuários na prática da escrita de diário, promovendo reflexão emocional e autorregulação psicológica.

Metodologia: O sistema foi desenvolvido em ambiente web com o framework Django e hospedado em nuvem, utilizando a API da OpenAI (modelo gpt-5-nano). As interações são personalizadas a partir do perfil comunicativo e emocional do usuário, incorporando técnicas de escrita terapêutica e princípios psicoeducacionais. O chatbot integra um módulo de detecção de risco que classifica sinais de sofrimento emocional em três níveis (baixo, moderado e alto). Casos de alto risco resultam na suspensão temporária da conversa e exibição de contatos de apoio. O experimento envolve 115 participantes divididos em dois grupos: (i) usuários com acesso ao chatbot orientador e (ii) grupo controle com suporte técnico. A intervenção, caracterizada como microintervenção psicoeducacional, dura três semanas, com três registros de diário por semana. Ambos os grupos respondem aos instrumentos SWLS, PWI, PANAS e OLS antes e após a intervenção. As produções textuais são analisadas via LIWC (Linguistic Inquiry and Word Count), identificando padrões de linguagem associados à expressão emocional e à reflexão cognitiva.

Aspectos Éticos: A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da UFPR (parecer nº 7.670.268) e segue a Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD). Os dados são anonimizados e os casos de risco seguem protocolo ético de encaminhamento a serviços de apoio.

Resultados Preliminares: Os dados iniciais indicam que os participantes avaliam o chatbot como uma ferramenta acolhedora, acessível e útil para o crescimento pessoal, destacando a facilidade de expressão emocional e a motivação para manter a prática reflexiva. **Contribuição:** Os resultados iniciais sugerem que a ferramenta pode favorecer o bem-estar, a agência pessoal e processos de aprendizagem autorregulada, configurando-se como uma alternativa promissora, ética e potencialmente escalável para contextos educacionais e de promoção da saúde mental digital. Diferencia-se por combinar técnicas de escrita terapêutica, personalização dinâmica, detecção de risco e integração com métricas psicométricas, reunindo inovação tecnológica e responsabilidade ética na promoção do bem-estar e do desenvolvimento socioemocional.

O Algoritmo como Gestão do Sofrimento: a experiência dos trabalhadores e trabalhadoras de dados

*Hugo Gama Peres dos Santos
Simone Santos Oliveira, Tiago Coutinho
(FIOCRUZ)*

O presente ensaio discute a relação do trabalho plataformizado, submetido à vigilância e ao controle da gestão algorítmica, sobre a saúde dos trabalhadores e trabalhadoras de dados, que desempenham a função de treinar e alimentar os sistemas de Inteligência Artificial (IA). O objetivo é compreender de que maneira os sistemas algorítmicos, inseridos nas plataformas de trabalho digital, reorganizam o trabalho e produzem novas formas de exploração, precarização e adoecimento, especialmente no contexto dos países do Sul Global. Nesse contexto, introduz-se a noção de colonialismo digital, em que empresas de tecnologia do Norte Global exploram a força de trabalho do Sul Global para desenvolver suas tecnologias com baixos custos de mão de obra, reproduzindo relações históricas de dependência e desigualdade. A análise evidencia como a gamificação e a gestão algorítmica transformam o algoritmo em um verdadeiro gestor do trabalho e do sofrimento desses trabalhadores e trabalhadoras. Esses modelos algorítmicos atuam como dispositivo de supervisão e controle que, imbuídos do viés neoliberal, transferem para os(as) trabalhadores(as) a responsabilidade pelo sucesso ou fracasso, reforçando o ideal do “empreendedor de si mesmo”. A análise das condições laborais dos trabalhadores e trabalhadoras de dados revela uma realidade preocupante, caracterizada por horários irregulares, remuneração instável, exposição a conteúdos violentos, solidão no ambiente de trabalho, ausência de reconhecimento e falta de autonomia sobre os processos produtivos. Embora realizadas em ambientes digitais altamente sofisticados, as tarefas são organizadas segundo uma lógica produtiva marcada pela fragmentação, repetitividade e padronização, características típicas do taylorismo clássico. Esse "taylorismo digital" reproduz uma violência estrutural, na qual o trabalho é reduzido a execução de tarefas monótonas e sem mediação aparente, e o trabalhador à sua performance medida por métricas algorítmicas. Esses fatores interagem e produzem um cenário de precarização e vulnerabilidade, com impactos profundos na qualidade de vida e na saúde dos trabalhadores e trabalhadoras de dados. O processo de plataformização do trabalho e a gestão algorítmica, imbuída da ideologia neoliberal, representam um aprofundamento das dinâmicas de exploração e precarização no contexto do capitalismo digital. As promessas de autonomia e flexibilidade contrastam com uma realidade de vigilância constante, transferência dos riscos e custos do trabalho para os(as) trabalhadores(as), remuneração instável e ausência de direitos trabalhistas

básicos como férias e licença por doença/acidente. Apesar do cenário de precarização e adoecimento, os trabalhadores e trabalhadoras de dados não permanecem inativos diante da gestão algorítmica. Estratégias coletivas, como redes de apoio e fóruns de discussão, têm se mostrado fundamentais para mitigar os impactos negativos desse modelo de trabalho. No entanto, sem mudanças estruturais e regulamentações adequadas, a precarização continuará sendo a regra, comprometendo a saúde e o bem-estar dos trabalhadores e trabalhadoras da economia digital. Diante desse cenário, é fundamental que governos, empresas e a sociedade civil se mobilizem para garantir direitos básicos aos trabalhadores e trabalhadoras de dados. Regulamentações que assegurem transparência nos pagamentos, limites para jornadas de trabalho e acesso a suporte psicológico são medidas essenciais para mitigar os danos desse modelo de exploração.

Custos Psicossociais da Atividade Profissional de Jogadores de esports

*Rafael Soares Mariano Costa
(PUC-MG)*

Esta pesquisa aborda o fenômeno da profissionalização de jogadores de eSports (esportes eletrônicos) no Brasil, analisando os fatores psicossociais inerentes à sua atividade. A crescente relevância econômica e cultural dos eSports, contrastada com a invisibilidade e a precariedade das condições de trabalho destes jogadores\atletas. Objetivos: O objetivo geral do estudo foi analisar os sentidos atribuídos pelos jogadores profissionais à atividade de jogar competitivamente e identificar os modos operatórios e organizacionais que caracterizam esse trabalho; identificando os processos de subjetivação individuais e coletivos envolvidos na atividade de jogar profissionalmente um esporte eletrônico. Enquadramento Teórico: A investigação foi fundamentada nas Abordagens Clínicas do Trabalho. O referencial teórico permitiu a análise do trabalho real (o que é efetivamente feito) versus o trabalho prescrito (demandas e normas), a dinâmica de saúde e adoecimento, e o papel do reconhecimento para a construção da identidade e do sentido no trabalho. O fenômeno é lido sob a ótica da crítica ao neoliberalismo e à plataformização do trabalho, que impõem a fragmentação, a intensificação e a autoexploração do trabalhador, mesmo em atividades inicialmente ligadas ao lazer. Metodologia: Trata-se de uma pesquisa qualitativa. A coleta de dados incluiu pesquisa bibliográfica, documental, aproximações netnográficas em redes sociais X (antigo Twitter) e Twitch.TV; e entrevistas semiestruturadas em profundidade com participantes brasileiros (jogadores, jogadoras e outros profissionais). A análise dos dados foi realizada por análise de conteúdo (Bardin) com o auxílio do software ATLAS.ti. Principais Conclusões: Os resultados apontam que a carreira do jogador profissional é uma estrutura piramidal e altamente precária no contexto brasileiro, onde a segurança financeira é dependente de resultados voláteis em torneios e a renda é frequentemente complementar. O trabalho é marcado por uma jornada excessiva (individual e coletiva) e por uma intensificação da atividade que exige alta especialização motora e intelectual. A subordinação à desenvolvedora do jogo, que detém o controle sobre o meio de produção (o jogo), e a gestão focada em performance e fragmentação de tarefas pelos times, limitam o poder de agir e a renormalização da atividade. Tais condições geram vulnerabilidade ao adoecimento físico (ex. tendinites) e psicológico (ex. estresse, tilt), reforçando um discurso de culpabilização individual pelo desempenho e mascarando a exploração estrutural. A luta pela construção da identidade profissional

está atrelada à necessidade de discutir as condições de trabalho para além da lógica do entretenimento.

Entre o Clique e a Compra: Personalidade, Influência Social e Comportamento de Consumo nas Redes Digitais

Maria Teresa da Costa Nascimento Soares

Celeste Cristina Moreira Leite, Samuel Lins, Mariana Magalhães

(Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto (FPCEUP) -

Portugal)

As redes sociais configuram ecossistemas digitais altamente envolventes, que combinam estímulos visuais, interações instantâneas e algoritmos de personalização capazes de amplificar processos psicológicos ligados à decisão de compra. Nesse contexto, a impulsividade assume um papel central, tornando-se um dos comportamentos mais explorados pelas estratégias de marketing digital. A compra por impulso nas redes sociais emerge, assim, como um fenômeno multifatorial, que envolve tanto dimensões individuais, como traços de personalidade e emoções momentâneas, quanto fatores sociais e tecnológicos, como a influência dos pares e o design persuasivo das plataformas. O presente estudo teve como objetivo investigar de que forma traços de personalidade, suscetibilidade à influência social e variáveis sociodemográficas se articulam na predisposição à compra por impulso em ambientes online. Participaram 458 adultos portugueses (324 mulheres e 134 homens), com idade média de 42 anos. A recolha de dados foi realizada por meio de um questionário online, construído na plataforma SurveyMonkey, composto por medidas sociodemográficas, pela Escala de Compra por Impulso nas Redes Sociais, pela versão portuguesa do Mini-IPIP, que avalia os cinco grandes fatores de personalidade, e pela Escala de Suscetibilidade à Influência Interpessoal. A amostragem foi obtida por conveniência, através da técnica Snowball Sampling, com divulgação nas redes sociais e em e-mails institucionais. Os resultados da regressão hierárquica indicaram que o neuroticismo, a influência interpessoal normativa, o género feminino e a idade são preditores significativos da compra impulsiva em redes sociais, explicando 31% da variância total. Tais achados evidenciam que o comportamento de consumo digital não pode ser compreendido apenas sob uma ótica econômica ou tecnológica, mas também psicológica e relacional. A presença do neuroticismo como variável relevante sugere que indivíduos mais emocionalmente instáveis podem ser mais suscetíveis a estímulos de recompensa e gratificação imediata, enquanto a influência normativa revela o poder das pressões sociais e do desejo de aprovação em ambientes virtuais. Esses resultados contribuem para o avanço da Psicologia do Consumidor ao oferecer uma leitura integrada entre personalidade, contexto social e mediação tecnológica. Além de implicações teóricas, o estudo levanta questões éticas e práticas sobre a necessidade de estratégias de comunicação digital mais

conscientes, que considerem a vulnerabilidade psicológica dos consumidores. Promover o uso equilibrado das redes sociais e a autorregulação emocional no consumo online constitui, portanto, um desafio e uma responsabilidade compartilhada entre profissionais de marketing, pesquisadores e usuários.

Labirintos da Migração qualificada de mulheres brasileiras: quando o trabalho remoto e por plataformas digitais torna-se a saída

Andrea Oltramari

Mariana Casarotto Martins, Arthur Borowski

(UFRGS)

Na esteira dos trabalhos de Carli e Eagly (2007), Fraga e Rocha-de-Oliveira (2020) e Wyatt e Silvester (2015) em que apontam sobre os labirintos na carreira e em funções de liderança para as mulheres, esse estudo tem por objetivo apresentar os labirintos na migração internacional que mulheres brasileiras qualificadas, precisamente as cientistas, transitam entre passagens com saídas difíceis de serem encontradas. Para resistir e sobreviverem, até se inserirem no mercado de trabalho qualificado, formal e com contratos de longo prazo, elas engendram uma série de trabalhos online, por plataformas digitais, e remoto. A coleta de dados baseou-se em uma survey com 385 respostas de brasileiros e brasileiras em Portugal e 47 participantes brasileiros de grupos focais, todos cientistas e trabalhadores qualificados, morando em Portugal entre os anos 2015 a 2025. Como principais resultados encontramos: a) o trabalho remoto e por plataformas digitais ingressa como primeira forma de sobrevivência, entretanto continua por médio e longo prazo, até tornar-se forma de subsistência principal; b) para as mulheres brasileiras as paredes dos labirintos são: xenofobia; misogenia; a legislação nacional; os vistos dificilmente concedidos; as moradias; a solidão; salários baixos; precarização do trabalho; contratos de trabalho predominantemente por prazo determinado.

Psicologia e plataformização: O trabalho de psicólogos frente às inovações tecnológicas do século XXI

Maicon de Souza Pires

Leticia Pessoa Passom

(FICORUZ)

O texto investiga a plataformaformização do trabalho em Psicologia, enfocando os desafios impostos pela uberização e precarização decorrentes das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs). Esse processo, caracterizado por flexibilização extrema, ausência de vínculos formais e controle algorítmico, transforma a prática profissional, gerando resultados éticos, legais e laborais. Historicamente, a Psicologia brasileira consolidou-se como profissão regulamentada em 1962 (Lei nº 4.119) e 1971 (criação do Conselho Federal de Psicologia – CFP), com predominância feminina, baixas remunerações e concentração urbana. O avanço da telemedicina, regulamentado em 2018 via plataforma e-Psi, foi acelerado pela pandemia de COVID-19, elevando os atendimentos digitais de 33,1% para 79,2% (CensoPsi, 2022). A plataforma não apenas inova tecnicamente, mas reestrutura o status profissional, as condições de trabalho e a ética do cuidado, mercantilizando a saúde mental e fragilizando o sigilo e a qualidade do atendimento. O estudo visa analisar as implicações da plataforma para psicólogos atuantes em plataformas digitais, com foco nas condições laborais, saúde mental, vínculo terapêutico e mediação tecnológica. Busca articular a proteção dos direitos de profissionais e pacientes para uma reflexão crítica sobre os impactos da mercantilização digital, destacando como algoritmos e lógicas empresariais subordinam a autonomia profissional. Além disso, identifica dinâmicas de exploração, como a transferência de riscos ao trabalhador, e propõe caminhos para regulação democrática e mobilização coletiva, compatíveis com os princípios éticos da Psicologia. Teoricamente, o trabalho fundamenta-se em conceitos de precarização e uberização, inspirados em Antunes (2018, 2020), que descreve o "proletariado digital" e a "escravidão digital" como formas renovadas de exploração mediadas pelas TICs. Abílio (2017, 2019, 2020, 2024) contribui com a noção de “autogerenciamento subordinado”, onde profissionais autônomos são controlados por algoritmos, metas e avaliações, transferindo custos e riscos. Harvey (2005) contextualiza no capitalismo flexível, marcado por insegurança e desregulamentação, enquanto Deleuze (1992) analisa sociedades de controle, nas quais tecnologias moldam subjetividades e produtividade. Uchôa-de-Oliveira (2020, 2021) destaca a pandemia como expansão da migração para plataformas, reinventando a informalidade brasileira. Integram-se ainda discussões sobre tecnoestresse (Salanova et al., 2007) e dados empíricos do Censo da

Psicologia 2022 (Palacios & Bastos, 2022), além de pesquisas recentes sobre plataformização (Braz et al., 2024; Sticca et al., 2022), evidenciando evidência de direitos humanos no trabalho (Abílio & Santiago, 2024). A pesquisa desenvolveu-se em duas etapas principais. A primeira consistiu em revisão bibliográfica sistemática, realizada entre dezembro de 2024 e maio de 2025, utilizando bases de dados nacionais e internacionais (PubMed, SciELO, CAPES, LILACS, BDENF, IndexPsi) e documentos institucionais do CFP. Descritores em português e inglês relacionados a Psicologia, saúde, trabalho e plataformas digitais foram aplicados, resultando na seleção de 30 textos científicos e 11 resoluções do CFP (1996–2024), após critérios de inclusão e exclusão. A segunda etapa foi um estudo empírico quali-quantitativo, com questionário semiestruturado online aplicado entre abril e maio de 2025 em grupos de redes sociais de psicólogos atuantes em plataformas. A amostragem não probabilística por conveniência incluiu 14 participantes de diferentes regiões brasileiras, majoritariamente mulheres cisgêneras, recém-formadas e residentes no Sudeste. O questionário foi dividido em três blocos: perfil sociodemográfico e ocupacional; condições de trabalho; saúde e aspectos psicossociais. Incluiu itens fechados (múltipla escolha e escalas Likert) e abertos, permitindo análises quantitativas (via Excel e Google Forms) e qualitativas (análise de conteúdo, Bardin, 2011). O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da ENSP/FIOCRUZ (parecer 7.403.929; CAAE: 08672919.7.1001.5240), garantindo conformidade ética. Os resultados revelam que, apesar de benefícios como flexibilidade e alcance ampliado de pacientes, as plataformas digitais promovem precarização: 57,1% dos psicólogos ganham até um salário mínimo, com 92% avaliando a salários como baixos; 57,1% relatam carga exaustiva e 71,5% expressam insatisfação. A saúde mental está afetada, com 78,6% considerando o trabalho estressante, 57,1% já se afastando por motivos de saúde e 64,2% percebendo risco frequente de adoecimento. Relatos qualitativos destacam ansiedade, esgotamento e perda de autonomia, além de conflitos entre lógica mercantil e ética profissional. A lógica algorítmica impõe metas e avaliações, fragilizando o vínculo terapêutico e o sigilo. Há responsabilização individual diante de problemas estruturais, refletindo a subjetividade neoliberal. Limitações incluem amostra pequena ($n=14$) e método online, indicando estudos longitudinais. Conclui-se que a plataforma exige regulação democrática, reflexão crítica e mobilização coletiva para condições dignas e éticas na Psicologia.

Bem-estar e a precarização subjetiva de docentes no trabalho digital

Alessandra Abreu Tramontin

Rayra Roncatto Rodrigues, Daniel Abs

(E-Lab USP)

O bem-estar dos docentes constitui um fator psicossocial relevante para o cumprimento do Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 4 (ODS 4) da ONU, que trata da garantia de uma educação de qualidade para todos, com especial atenção à meta 4.c, voltada à ampliação do contingente de docentes qualificados. Neste sentido, este estudo investigou o bem-estar subjetivo de docentes brasileiros durante o trabalho digital imposto pela pandemia de COVID-19, com foco em aspectos específicos da experiência profissional, buscando descrever e explicar o bem-estar docente a partir das dimensões de crescimento e de risco no trabalho. Trata-se de um estudo exploratório, com amostra de 217 docentes, composta majoritariamente por mulheres (72,4%), brancos (88,0%) e doutores (32,7%), com idade média de 41 anos (DP = 11,8). A maior parte dos participantes era casada ou vivia em união estável (54,8%) e não tinha filhos (73,7%). Quanto à renda familiar mensal, predominavam rendimentos entre R\$ 4.000 e R\$ 10.000 (41,5%), sendo que três docentes se encontravam desempregados. A coleta de dados foi realizada online, por meio de questionários divulgados em redes sociais e aplicativos de mensagens instantâneas, e aprovada pelo Comitê de Ética (parecer CAAE 31247620.7.0000.5334). Foram realizadas análises de regressão linear múltipla, para verificar a relação entre o bem-estar subjetivo (PWI) e a precarização subjetiva do trabalho (EPSTD). A análise foi conduzida pelo método Stepwise, permanecendo três itens da EPSTD como preditores do bem-estar, com o modelo explicando aproximadamente 29% da variabilidade observada (R^2 ajustado = 0,294). Os resultados indicam que o medo relacionado às avaliações prediz negativamente o bem-estar ($\beta = -0,338$; $p < 0,05$), enquanto o apoio da gestão ($\beta = 0,187$; $p < 0,05$) e a percepção de progresso ($\beta = 0,264$; $p < 0,05$) apresentam efeitos positivos significativos. Esses achados sugerem que a redução de fatores de risco no trabalho, especialmente o medo relacionado às avaliações do próprio desempenho, juntamente com o fortalecimento do apoio da gestão aos docentes e das oportunidades de progresso profissional, pode contribuir de forma relevante para o bem-estar dos docentes em condições de trabalho digital. O trabalho docente, no qual as relações interpessoais e institucionais são centrais, tem sido atravessado por plataformas digitais e algoritmos de controle que organizam e monitoram as atividades. Esses mecanismos podem interferir nas interações com estudantes e na relação com a gestão, configurando uma forma de precarização do trabalho digital e afetando diretamente a experiência

profissional e a saúde mental dos docentes. A inserção das Big Techs nesse cenário evidencia como a lógica de produtividade e de monitoramento pode intensificar tensões e comprometer o bem-estar. Sugere-se que os próximos estudos considerem outros fatores contextuais, incluindo o papel das estratégias de gestão institucional e das perspectivas de carreira, que influenciam o bem-estar docente em condições de trabalho digital.

Princípios do Trabalho decente e Saúde Mental em trabalhadores do Rio Grande do Sul

Gabriel Gheno Gonçalves

Gefferson Eusébio de Macêdo Júnior, Matheus Antônio Ozorio Flores, Daniel Abs

(E-Lab USP)

O presente estudo busca abordar os princípios do trabalho justo da Organização Internacional do Trabalho em uma amostra de trabalhadores digitais do Rio Grande do Sul. A relevância desse debate se apoia na importância de identificar as transformações na realidade do mundo do trabalho decorrente do surgimento de novos modelos de ofício como a plataformização e a uberização, assim como, contribuir para o debate de decisões políticas que impactam nesse âmbito. O estudo aborda os fundamentos do trabalho decente em relação às condições dessa nova realidade do trabalho. A fundamentação teórica apoia-se em dados do Dieese referente ao conceito de fairwork e autores como Raposo (2020), Moraes (2020) e Rosar (2024) que abordam sobre a precarização do mundo do trabalho, o fenômeno da uberização e as consequências na rotina desses trabalhadores. Em paralelo, consultamos autores como Gonçalves (2024) e Antunes (2023) para refletirmos acerca das contradições decorrentes da temática de trabalho decente. Além disso, também são agregadas ao presente estudo as pesquisas de Sales et al. (2024), Soldera et al. (2020) e Oliveira (2024) que relacionam a saúde mental com a precarização do mundo do trabalho. O objetivo principal é identificar a percepção dos princípios do trabalho decente em trabalhadores digitais do Rio Grande do Sul, buscando identificar variáveis sociodemográficas que podem se relacionar com essa percepção. De modo complementar, o estudo também busca contribuir para o debate sobre os diferentes interesses institucionais que permeiam a implementação de uma agenda de trabalho decente, bem como suas contradições. Para tanto, responderam à quatro itens sobre a percepção do trabalho decente, 252 trabalhadores digitais do Rio Grande do Sul. A amostra foi constituída por 95 (38%) homens e 157 (62%) mulheres. Foi identificada uma maior predominância de escolaridades mais altas na amostra e também uma maioria de brancos declarados (90%) em comparação a não-brancos (10%). Foram realizadas análises preliminares descritivas e Análises Univariadas de Variância para identificar diferenças entre as médias da percepção de trabalho decente entre os grupos sociodemográficos estudados. Foram encontradas diferenças significativas ($p < 0,05$) considerando Gênero, Raça e Filiação Sindical. Os debates preliminares apontam que os novos modelos de trabalho considerados como informais implicam em um imaginário de progresso e empreendedorismo-de-si, mascarando uma maior superexploração da força de

trabalho. Refletimos também acerca dos ideais de um bem-estar social em relação à realidade do mundo do trabalho, no qual, contextualizamos o avanço de políticas neoliberais no Brasil e o quanto esse movimento foi impulsionado por sucessivas reformas das leis trabalhistas e da previdência e de que modo, a perda de determinados direitos pode acarretar em um cenário de desestabilização, individualismo e maior vulnerabilidade desses trabalhadores. O estudo, que está em desenvolvimento, pretende examinar a condição de saúde mental dos trabalhadores digitais do Rio Grande do Sul.

Injunções paradoxais da produção de conteúdo: manutenções subjetivas da precariedade no live streaming

Amanda Thuns Biazzi

(*UEM*)

A progressiva transferência das atividades humanas para o meio digital, um fenômeno denominado plataformação (Grohmann, 2020), tem remodelado o mundo do trabalho. Somado a isso, o crescente descrédito nos empregos regulados pela CLT (Pinheiro-Machado et al, 2023), muitas vezes associados a rotinas desgastantes e salários baixos, bem como a ascensão de uma racionalidade empresarial (Dardot e Laval, 2016) que molda a vida cotidiana, catalisaram novos projetos de vida centrados no sucesso financeiro individual. A produção em mídias sociais é vista como uma alternativa às vias formais de trabalho, e uma forma de rápida ascensão social e realização pessoal na contemporaneidade. No entanto, o regime de visibilidade (Bruno, 2013) dessas plataformas tende a ocultar a grande maioria dos trabalhadores que se dedicam intensamente a essa atividade, mas não obtêm retorno financeiro. Nesse cenário, o live streaming, que se define como a transmissão de vídeo ao vivo por um usuário, surge como um dos principais caminhos para jovens no meio gamer (Pesquisa Gamer Brasil, 2024). A plataforma Twitch, líder nesse segmento, promove diretamente a ideia de sucesso através da dedicação e da monetização da paixão, associando o lazer – o jogo – ao trabalho remunerado. Esta pesquisa tem como objetivo principal investigar como as injunções paradoxais estabelecidas pela plataforma impactam a subjetividade e a organização do trabalho dos streamers brasileiros, especialmente no que tange às suas concepções de trabalho e sucesso. A metodologia combinou uma etnografia digital (Fragoso, 2011) na plataforma Twitch, realizada entre 2023 e 2024, e a história de vida laboral (Carreteiro, 2013) de sete streamers brasileiros, um método que nos permitiu explorar suas trajetórias profissionais e os significados que atribuem à sua atividade. Os dados coletados foram analisados a partir dos referenciais da Psicossociologia e Sociologia Clínica, que nos permitem articular as determinações sociais com a experiência subjetiva dos indivíduos. Nossos achados revelam que, para a maioria dos streamers, a atividade não é reconhecida como trabalho, pois não proporciona remuneração suficiente para sua subsistência. Contudo, eles dedicam longas horas semanais, organizam suas rotinas de forma profissional e sentem grande prazer e realização com a criação de comunidades e o reconhecimento do público. Essa "ambiguidade existencial" é resolvida por um mecanismo de defesa psíquico que transforma a atividade em um investimento de longo prazo. Argumentamos que as injunções paradoxais (Gaulejac e Hanique, 2024) – demandas conflitantes e inconciliáveis da plataforma –, como a

exigência de dedicação integral em uma atividade não remunerada, levam à sua desresponsabilização. Ao invés de ser vista como um fracasso da plataforma, a falta de remuneração pelo trabalho é internalizada pelo streamer como uma falha pessoal, o que perpetua o trabalho gratuito em nome de uma promessa de um futuro de sucesso financeiro e ascensão social.

Uma discussão comportamentalista da relação entre problemas socioculturais e redes digitais

*Carolina Oliveira Ribas
Carlos Eduardo Lopes, Carolina Laurenti
(UEM)*

O objetivo desta pesquisa foi avaliar o papel das redes sociais na manutenção de alguns problemas socioculturais discutidos por B. F. Skinner nos anos 1980. Trata-se de uma pesquisa de natureza teórica, composta por duas etapas: 1) sistematização das práticas identificadas por Skinner como responsáveis por problemas socioculturais; 2) identificação do papel das redes sociais na manutenção dessas práticas culturais. Os resultados indicam que as redes sociais online contribuem para a manutenção e agravamento de três problemas: 1) alienação e exploração; 2) “terceirização” do fazer; 3) formação de espectadores. Em relação à alienação, as pessoas permanecem alienadas e exploradas enquanto, ao consumirem ou produzirem conteúdos, transformam-se em mão de obra gratuita sem que se deem conta que alguém lucra com esse “trabalho”. As mídias digitais intensificam esse processo ao contribuírem para a insensibilidade às consequências das próprias ações, já que promovem um distanciamento entre comportamento e efeitos produzidos. Nessa lógica, o engajamento e os algoritmos reforçam determinados comportamentos, conferindo maior visibilidade a conteúdos sem reflexão crítica e, muitas vezes, permeados por violências, preconceitos, crimes e exposição excessiva. A “terceirização” diz respeito à prática cultural de ajudar quem pode fazer sozinho; a tecnologia e as redes sociais online ampliam a dependência de terceiros ou de tecnologias que facilitem mais do que necessário. As ajudas excessivas e “terceirizações” que essas plataformas proporcionam dificultam que as pessoas entrem em contato com consequências reforçadoras positivas naturais e diminuem a probabilidade de comportamentos elaborados e duradouros. Com essa prática, as pessoas podem evitar condições aversivas, ao não realizar a atividade ou fugir do que incomoda, mas acabam mais sensíveis a elas, afetando também as relações interpessoais, que envolvem desafios e diálogos. Na ótica skinneriana, apesar de o Ocidente ser rico em coisas que tornam a vida cotidiana mais reforçadora, elas reforçam pouco mais do que o comportamento que coloca a pessoa em contato com esses estímulos. Dessa maneira, a cultura atual, intensificada pelo digital, tem reforçado “microcomportamentos” que produzem consequências com efeito prazeroso, mas sem um efeito comportamental durável. O predomínio de reforçadores positivos torna a questão mais complexa, pois o efeito prazeroso desses eventos converte usuários das redes em “escravos felizes”, que dificilmente revoltam-se contra esse

controle. O resultado é a formação de espectadores não apenas de coisas, mas de ações alheias. Portanto, as mídias digitais cooperam para essa passividade e a erosão progressiva de repertórios mais complexos e uma vida significativa. As implicações ultrapassam o sofrimento individual, trazendo riscos e prejuízos para grande parcela da humanidade. Uma sociedade majoritariamente composta por sujeitos tristes, isolados e com repertórios empobrecidos perde sua capacidade de produzir ciência, arte, pensamento crítico e respostas éticas aos seus problemas. Conclui-se que as redes sociais online acentuam práticas culturais analisadas por Skinner, comprometendo as condições culturais para uma vida saudável. Isso mostra o caráter coletivo dos problemas atuais e lança desafios sobre como enfrentar as práticas culturais que estão na base desses problemas.

O trabalho na era digital: uma análise ontológica das relações no tecnocapitalismo

Brunna Cristhianini Ferreira

Matheus Fernandes de Castro

(Unesp – Campus de Assis/SP)

Este resumo reflete uma pesquisa de dissertação em andamento, de caráter teórico, a qual verte-se em investigar de que modo o trabalho ontológico (Lukács, 2013) se expressa e se reconfigura na era digital, analisando as contradições entre sua essência fundante e suas formas atuais. Para tanto, adota-se o método de análise histórico-dialético, que permite compreender o movimento das categorias sociais em sua historicidade e totalidade concreta. O estudo parte da sistematização de obras clássicas de Lukács, articulando-as a contribuições contemporâneas sobre trabalho, subjetividade e internet. O trabalho, compreendido a partir da ontologia lukacsiana, constitui-se como a categoria fundante do ser social. Trata-se da mediação consciente entre o ser humano e a natureza e sua capacidade de transformá-la ao mesmo passo que transforma a si, instaurando um processo histórico de objetivação e de formação da subjetividade. Esse caráter ontológico evidencia o trabalho não apenas como um meio de sobrevivência, mas como a condição pela qual se dá a humanização e a construção de formas sociais. Contudo, ao longo do desenvolvimento histórico do capitalismo, essa dimensão originária sofre profundas metamorfoses. O trabalho passa a ser subsumido ao capital, reduzido à condição de mercadoria, e os sujeitos experimentam formas crescentes de estranhamento e precarização, fenômenos intensificados na contemporaneidade, afastando-se progressivamente de sua essência ontológica. No contexto contemporâneo, caracterizado pelo avanço tecnológico e pela sociabilidade assentada sobre a internet (Castells, 2003) – na qual as relações são cada vez mais mediadas por plataformas digitais –, o trabalho adquire novas determinações. As transformações impostas pelo tecnocapitalismo instauram formas híbridas de exploração, nas quais se amplia a flexibilização e dissolve a fronteira entre tempo livre e tempo de trabalho. Plataformas e aplicativos organizados por algoritmos demandam disponibilidade contínua e criam novas modalidades de estranhamento e reificação, ainda que revestidas por discursos de autonomia, empreendedorismo e liberdade. Nesse cenário, a subjetividade humana é “capturada” (Alves, 2013) e modelada, integrando-se de maneira direta à engrenagem produtiva. Se por um lado as redes podem potencializar formas de sociabilidade, circulação de saberes e resistência, por outro, configuram-se como dispositivos de manipulação (Lukács, 2013; Alves, 2015) e vigilância (Zuboff, 2021). O capitalismo contemporâneo utiliza desses mecanismos para transformar a interação social em

mercadoria e converter os rastros digitais dos sujeitos em matéria-prima da acumulação (Faustino; Lippold, 2023). Nesse sentido, as redes sociais se tornam arenas de produção e controle, onde o trabalho vivo se imbrica com processos de subjetivação, consumo e espetacularização da vida cotidiana. Assim, compreender o trabalho hoje exige recuperar sua dimensão ontológica sem perder de vista as formas concretas que assume no presente. O desafio teórico está em articular a essência do trabalho enquanto fundante do ser social às determinações históricas que, no tecnocapitalismo, reconfiguram tanto a objetividade quanto a subjetividade humana. A internet e as redes sociais, longe de serem esferas neutras, integram a dinâmica de exploração e dominação, mas também carregam a potência de mediações que podem contribuir para a crítica e superação desse modelo.

Exaustos e conectados: vivências de sofrimento na plataformização do trabalho

*Marlon Freitas de Campos
(UFPEL)*

Este estudo investiga os impactos do trabalho plataformizado sobre a saúde mental de motoristas e entregadores, buscando compreender de que modo a organização desse trabalho incide sobre a experiência subjetiva e a dinâmica de prazer-sofrimento dos trabalhadores. A pesquisa se ancora na Sociologia do Trabalho de base marxista (Antunes, 2020; Abílio, 2020), na Teoria do Desgaste Mental (Seligmann-Silva, 2011) e na Psicodinâmica do Trabalho (Dejours, 1992, 1999, 2013), compreendendo que a plataformização atualiza e intensifica a flexibilização e a precarização laboral em curso desde a crise do taylorismo-fordismo. Tal processo amplia mecanismos de exploração e exclusão que atingem especialmente os grupos mais vulnerabilizados da classe trabalhadora, como mulheres e pessoas negras, aprofundando desigualdades históricas e fragilizando redes de proteção social. A pesquisa foi realizada na região metropolitana de Porto Alegre (RS), envolvendo 94 participantes em questionários, 71 em questões abertas e sete entrevistas semiestruturadas. Os dados quantitativos foram analisados por meio de estatísticas descritivas e correlação de Pearson ($p < 0,05$) no software RStudio (Revelle, 2019; Harrell, 2020), enquanto os dados qualitativos foram examinados através da análise de conteúdo (Bardin, 1977). O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia da UFRGS, respeitando as diretrizes da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP). Os resultados indicam que, embora as plataformas digitais difundam o discurso da autonomia e da flexibilidade, o modelo de gestão algorítmica impõe controle constante, fragmenta a experiência de trabalho e intensifica o sofrimento psíquico. O trabalhador é formalmente desvinculado das empresas, assume os custos e riscos da atividade e é remunerado conforme as necessidades da plataforma, frequentemente abaixo do valor-hora correspondente ao salário mínimo. O sistema de avaliação por clientes e algoritmos instaura medo contínuo de punições, bloqueios e perda de acesso ao aplicativo, corroendo o reconhecimento e a autoestima profissional. A baixa remuneração leva à ampliação da jornada: 40% dos trabalhadores afirmam laborar mais de dez horas diárias e 30% não possuem dias de descanso. As extensas jornadas reduzem o convívio familiar, o lazer e o tempo de recuperação física, gerando fadiga, distúrbios do sono e uso de substâncias — tanto estimulantes quanto relaxantes. As dores corporais e o cansaço elevado correlacionam-se negativamente ao prazer no trabalho, evidenciando uma dinâmica de sofrimento persistente. Conclui-se que o modelo de trabalho mediado por plataformas digitais

contribui para experiências de sofrimento e desgaste mental, restringindo as possibilidades de sublimação criativa do sofrimento, conforme propõe a Psicodinâmica do Trabalho. As condições analisadas revelam o potencial patogênico do trabalho plataformizado e reforçam a urgência de políticas públicas e regulações que assegurem trabalho decente, proteção social e preservação da integridade física e mental dos trabalhadores.

O que os computadores nunca poderão fazer

Ana Paula Mazariolli Affonso

(Faculdade Vanguarda)

O presente trabalho tem como tema a relação entre psicologia, tecnologias digitais e sociedade, com foco nos limites da inteligência artificial diante da experiência humana. Propõe-se discutir o que os computadores “nunca poderão fazer”, partindo das críticas de Hubert Dreyfus em *O que os computadores não podem fazer* (1972) e *O que os computadores ainda não podem fazer* (1979), e do artigo de John Searle *What Computers Still Can’t Do* (1980), em diálogo com a fenomenologia existencial de Karl Jaspers, as ideias de James Bridle sobre modos de existir e os conceitos de onlife e infosfera de Luciano Floridi. O objetivo geral é refletir sobre os limites ontológicos e epistemológicos da inteligência artificial na compreensão da subjetividade e de suas implicações para a psicologia contemporânea. Como objetivos específicos, busca-se: (1) analisar as críticas de Dreyfus e Searle à simulação da mente humana; (2) compreender, a partir da fenomenologia de Jaspers, o que constitui a experiência existencial irredutível à técnica; (3) discutir as transformações do sujeito na infosfera onlife, segundo Floridi e Bridle; e (4) indicar o papel ético e humanizador da psicologia diante da automatização da experiência. O escopo teórico ancora-se na fenomenologia existencial e na filosofia da tecnologia. Dreyfus e Searle argumentam que a inteligência artificial não possui intencionalidade nem consciência, apenas processa símbolos sem compreender significados. Jaspers, em *Psicopatologia Geral* (1913), reforça a distinção entre explicação causal e compreensão empática, sustentando que a existência se manifesta na experiência vivida, no sofrimento e na comunicação autêntica — dimensões inacessíveis à máquina. Floridi (2015) amplia o debate ao propor a noção de onlife, em que o humano e o digital se entrelaçam, e Bridle (2022) convida a repensar os modos de existir num mundo compartilhado com inteligências não humanas. O método é teórico-filosófico, com base em análise conceitual e revisão crítica das obras mencionadas, articuladas com questões atuais da psicologia e da ética digital. Essa metodologia permite um diálogo interdisciplinar entre a fenomenologia e as ciências cognitivas, apontando para uma ontologia do vivido como fundamento da compreensão psicológica. Conclui-se que a inteligência artificial, embora capaz de simular raciocínio e linguagem, não pode reproduzir a dimensão existencial da experiência. O humano, como ser de sentido, não pode ser reduzido a um conjunto de dados. Assim, a psicologia é convocada a reafirmar a centralidade da subjetividade, da empatia e da comunicação na era da hiperconectividade. Preservar o humano significa resistir à ontologização técnica que transforma a vida em informação.

Teletrabalho na ufrgs: efeitos sobre organização do trabalho e saúde de servidores técnico-administrativos

Jeferson Guimarães Borges Silveira

Jaqueline Tittoni

(UFRGS)

Este trabalho investiga os impactos do teletrabalho na organização do trabalho e na saúde de servidores técnico-administrativos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) no contexto desencadeado pela COVID-19. Partimos do tema do home office em instituições públicas e da questão sobre como a transição acelerada para esse regime reconfigurou práticas de trabalho, a conciliação entre vida pessoal e trabalho e as experiências de saúde física e mental. O objetivo geral foi analisar os efeitos do teletrabalho sobre a saúde e a organização do trabalho desse segmento; como objetivos específicos, buscamos: (1) compreender como o home office foi realizado por esses servidores e servidoras; (2) identificar os principais impactos na organização do trabalho; e (3) investigar os fatores que afetaram sua saúde física e mental. O estudo apoia-se na teoria da Psicologia do Trabalho, no referencial de riscos psicossociais e em pesquisas sobre o trabalho em contextos digitais. A revisão de literatura evidencia aceleração do ritmo desta modalidade de trabalho, pressão por produtividade, desafios de gestão do tempo e a dificuldade de conciliar a vida pessoal e a profissional. Observa-se, ainda, a mediação tecnológica das relações e a influência das interações por telas e aplicativos de mensagens instantâneas na rotina. Adotou-se abordagem qualitativa, com aplicação de questionário sociodemográfico e realização de entrevistas semiestruturadas; os dados foram tratados por análise de conteúdo, o que permitiu compreender em profundidade experiências e percepções dos participantes. A pesquisa contemplou técnico-administrativos de diferentes unidades e funções, assegurando diversidade de contextos. Os resultados apontam ambivalências: de um lado, ganhos como maior autonomia para organizar o tempo, desenvolvimento de competências digitais e redução de deslocamentos; de outro, problemas como inadequação do espaço doméstico, extensão da jornada, rupturas de rotina e dificuldades comunicacionais. Sinais frequentes de sofrimento psíquico (estresse, ansiedade) e queixas físicas (dores musculoesqueléticas) relacionaram-se a condições ergonômicas precárias e à sensação de disponibilidade permanente fomentada por canais digitais. A indistinção entre vida pessoal e trabalho surge como eixo crítico de desgaste, embora parte dos participantes relate adaptação satisfatória, com ganhos de foco e produtividade na realização do trabalho. Os resultados indicam que o teletrabalho requer desenho organizacional atento à carga de trabalho, à coordenação de equipes e à qualidade da comunicação,

com políticas claras de cuidado e promoção da saúde (tempos de disponibilidade, ergonomia e suporte tecnológico), ações formativas para o contexto do home office, práticas de gestão do tempo e iniciativas que recuperem sociabilidade e cooperação, reduzindo o isolamento e fortalecendo vínculos entre trabalhadores e trabalhadoras. O estudo oferece contribuições práticas para a gestão do trabalho e para a pesquisa sobre trabalho digital no serviço público, colaborando para ambientes de trabalho mais saudáveis, justos e sustentáveis na administração pública.

Transformação digital em saúde no Chile e no Brasil e colaboração transnacional em saúde digital: uma revisão narrativa de literatura

Lizandro Prestes Schmitz Lima

(UFCSPA)

A crescente digitalização do acesso à saúde, o aumento à busca de cuidado especializado, a demanda por inovação nos processos e serviços, a necessidade de saúde pública equitativa e a preocupação com a soberania nacional tornam a transformação digital em saúde uma temática de especial interesse para os países latinoamericanos. Em especial, Chile e Brasil se destacam pelos avanços em saúde digital e em inovação em saúde em âmbito nacional e internacional, bem como têm buscado o estabelecimento de parcerias multilaterais para fortalecimento dos sistemas de saúde vigentes. Dessa forma, esta pesquisa, de caráter exploratório descritivo, buscou realizar uma revisão narrativa sobre a transformação digital em saúde e a implementação de políticas e sistemas de saúde digital nos contextos brasileiro e chileno, identificando desafios e avanços em saúde digital em ambos os países e apontar possibilidades de colaboração transnacional entre Chile e Brasil com base em semelhanças e diferenças analisadas. Para isso, foram utilizados, em diferentes combinações, os termos DeCS/MeSH “Chile”, “Brasil”, “Saúde Digital”, “Sistemas de Saúde”, “Sistemas Nacionais de Saúde”, “Sistemas de Informação em Saúde” e “Equidade no Acesso aos Serviços de Saúde” nos meses de maio a outubro de 2025 nas bases PubMed, Redalyc, LILACS e portal Google Acadêmico. Também foram considerados documentos governamentais e de organizações não-governamentais relevantes à temática. Como resultado, foi constatado a adoção de estratégias robustas de incentivo à transformação digital em saúde em ambos os países. No Chile, as ações voltam-se principalmente à ampliação da telessaúde, ao desenvolvimento de soluções tecnológicas em saúde a partir de desafios de inovação aberta e à busca pela interoperabilidade dos sistemas de informação, tendo o Ministério de Salud participação direta nas ações promovidas. No Brasil, destaca-se o estabelecimento do Programa SUS Digital e a criação de secretaria própria de saúde digital no âmbito do Ministério da Saúde, a SEIDIGI, bem como a necessidade de maior capilaridade das ações nas esferas federal, estadual e municipal da gestão tripartite. Em relação aos desafios enfrentados por Chile e Brasil para a transformação digital em saúde, existem semelhanças significativas, tais como geografia particular, listas de espera para cuidado especializado, entraves para a promoção da saúde mental, cuidado em doenças crônicas, fragilidade de infraestrutura e recursos e redução de desigualdades. Dessa forma, destaca-se a importância do acesso universal à saúde existente no Brasil frente à divisão em saúde pública e privada do Chile para a coordenação

de ações em saúde digital e o estágio inicial da colaboração em saúde digital entre serviços de saúde públicos do Chile. Também destacam-se acordos e parcerias institucionais em saúde Chile–Brasil subaproveitadas, a possibilidade de criação de grupos de trabalho transnacionais para articulação conjunta e a necessidade de pesquisas futuras para o estabelecimento de critérios robustos de avaliação da implementação de ações e sistemas em saúde digital em ambos os países, especialmente considerando o impacto social e agendas sustentáveis. Como limitações deste estudo, tem-se a necessidade de pesquisas de revisão de literatura mais estruturadas.

A subsunção da subjetividade ao sociometabolismo digitalizado: Reflexões sobre o colonialismo digital dos nossos tempos

Mônica Grijão Carvalho

(Universidade São Judas)

As plataformas operam como infraestruturas sociotécnicas que capturam dados do corpo, da mente e das interações humanas, convertendo-os em mercadorias e reforçando dinâmicas de exploração e expropriação. A articulação tecnologia e subjetividade transcende uma esfera meramente tecnológica, neutra e imparcial, tratando-se de uma dinâmica do capitalismo que opera através de uma sincronização de processos que objetiva a melhor produtividade e eficiência em todas as tarefas que realizamos, portanto, engendra um ritmo e um modo de viver próprios da atual forma neoliberal que captura a subjetividade e opera uma subsunção da vida ao universo tecnocapitalista. Este projeto visa analisar a subsunção da subjetividade proporcionada pela atual face tecnocapitalista, que engendra o colonialismo digital operando um neocolonialismo tardio que atua sobre o metabolismo social. Nesta tarefa, evidencia-se a conformação da sociedade contemporânea a partir do tecnocapitalismo, marcado pela plataformação das relações sociais e pela subsunção da subjetividade humana aos dispositivos digitais. Como método adota-se o materialismo histórico-dialético visando superar análises individualizantes, biologizantes e comportamentalistas, demonstrando a operação de colonização da vida a partir da lógica tecnocapitalista que subsumiu a vida. Como metodologia realizará entrevistas e análise de campo com diferentes usuários(as) de redes sociais, influenciadores(as), trabalhadores(as) de aplicativo, membros da sociedade civil, estudiosos(as) deste campo, etc. em síntese, pessoas que, sob diferentes pontos de vista possam discutir sobre os impactos das grandes corporações em nosso dia a dia e na subjetividade. Desta maneira adota-se como hipótese que as tecnologias têm subsumido a existência humana, moldando modos de ser e existir criando uma indistinção entre real e virtual que mutuamente se produzem, se imbricam. Tal modo de operação produz um metabolismo social que proporciona a subsunção da subjetividade às ideias neoliberais, operando uma continuidade do imperialismo e neocolonialismo tardio no sul global. Ademais, destaca-se que essa operação se trata de uma disseminação do tecnocapitalismo, esse aparato produz um aumento na incidência de diagnósticos de saúde mental além da criação de novos diagnósticos decorrentes da alteração das relações sociais.

Discord de Mim: Os efeitos da misoginia digital nas figuras maternas de cuidado

Valentina Elisa Franciulli Ferreira Baldi

Guilherme Rael Tavares, Abner Jost de Freitas, Moisés José de Melo Alves

(FADERGS)

O ensaio teórico em questão aborda o tema “Psicologia, Interseccionalidades e o Digital”, com foco específico na misoginia online e seus efeitos nas figuras femininas que convivem com os agressores. Por meio de uma narrativa ficcional, o texto busca apresentar a personagem Joana, uma advogada de classe média alta, que entra em crise ao descobrir que seu filho adolescente, Paulo, participaativamente de grupos misóginos na internet. A partir desse enredo, o texto se propõe a refletir sobre como a misoginia digital afeta não apenas as vítimas diretas, mas também as mulheres próximas aos agressores, especialmente aquelas que exercem funções maternas ou de cuidado. O objetivo principal do estudo é explorar os impactos emocionais e psicológicos da misoginia digital em esferas muitas vezes negligenciadas, como a vivência de mães e cuidadoras de adolescentes que reproduzem esse tipo de violência virtual. O artigo busca sensibilizar o leitor para essas consequências por meio da ficção, aliando o campo afetivo a um ensaio teórico crítico. O escopo teórico combina referências da literatura científica com fundamentos da psicanálise e da filosofia da diferença, especialmente os conceitos de afectos e perceptos conforme discutidos por Deleuze e Guattari (1992). A base teórica foi construída a partir de oito artigos científicos e três livros, selecionados a partir das bases de dados Scielo e BVS. Os critérios de escolha incluíram a relevância temática e a capacidade dos materiais de dialogarem com os objetivos propostos. Como método, o artigo adota a narrativa ficcional como ferramenta central, permitindo uma abordagem sensível e imersiva da temática. O uso da ficção não diminui o rigor analítico, mas amplia as possibilidades de compreensão ao provocar o bloco de afectações a fim de promover uma relação mais imersiva à reflexão da leitora (Costa, 2014). O percurso da personagem Joana evidencia os dilemas de mães que precisam confrontar a realidade da violência de gênero perpetuada por seus próprios filhos. Entre os principais resultados e discussões, o texto evidencia o crescimento preocupante da misoginia digital, especialmente entre adolescentes, e a forma como esse fenômeno impacta o desenvolvimento emocional dos envolvidos. A narrativa também aponta como esse tipo de violência é naturalizado socialmente, muitas vezes passando despercebido por figuras adultas até que seus efeitos se manifestam de forma mais concreta nas experiências de cuidado. Nas considerações finais, foi optado por um desfecho aberto, reforçando que casos como o de Joana são comuns e

ainda pouco discutidos. A misoginia online é retratada como um problema contemporâneo e urgente, cuja compreensão exige abordagens interdisciplinares e sensíveis. O artigo propõe, assim, não apenas uma análise crítica, mas também uma provocação à ação e ao debate público.

Mobilizações comunitárias e redes sociais: solidariedade e ação coletiva em territórios periféricos

Ana Paula Nieves Papa

Daniel Abs

(E-Lab USP)

Desde a pandemia de COVID-19 tem-se agravado vulnerabilidades já existentes em comunidades periféricas de Porto Alegre, especialmente onde a renda depende do trabalho informal, onde o acesso à água, esgoto ou energia elétrica é precário e onde escolas e serviços públicos funcionam como principal fonte de alimentação e cuidado. A interrupção das aulas e o fechamento de equipamentos públicos intensificaram a insegurança alimentar, o desemprego e a sobrecarga sobre as famílias. Nesse contexto de desproteção, emergiram mobilizações organizadas por moradores que passaram a articular redes de apoio mútuo, assumir tarefas básicas de assistência e realizar ações que deveriam ser responsabilidade do poder público. O objetivo desta pesquisa foi compreender como esses sujeitos identificaram problemas, mobilizaram recursos, organizaram redes comunitárias e utilizaram plataformas digitais para apoiar famílias. O estudo também buscou identificar as motivações que impulsionaram a ação coletiva e os elementos que sustentaram a permanência dessas mobilizações ao longo do tempo. A pesquisa foi desenvolvida com abordagem qualitativa, baseada em entrevistas com cinco ativistas que atuam em diferentes territórios da cidade. As entrevistas foram transcritas e analisadas por análise de conteúdo temática. Paralelamente, foram utilizados documentos produzidos pelas próprias comunidades como registros de doações. A triangulação desse material permitiu estabelecer um modelo que representa o ciclo de mobilização: percepção de injustiça, ativação da rede e execução das ações. Os resultados mostram que a mobilização não surgiu de estruturas formais, mas de relações de confiança constituídas historicamente entre vizinhos, coletivos, associações e organizações religiosas. Embora algumas pessoas rejeitem o termo “liderança comunitária”, por associá-lo a práticas clientelistas, suas ações revelam forte atuação pública: mediam conflitos, acessam instituições, organizam voluntários e operam como referência para seus territórios. A mobilização se inicia quando um problema coletivo é identificado, principalmente fome, violência doméstica, falta de acesso à água ou evasão escolar. A partir disso, os ativistas acionam suas redes pessoais e institucionais, buscam doações e constroem estratégias de distribuição de alimentos e apoio a famílias. As redes sociais digitais tiveram papel determinante. O WhatsApp foi usado para mapear quem estava sem comida, registrar famílias infectadas, organizar logística de entrega de cestas básicas e orientar moradores sobre sintomas, cuidado e isolamento.

Planilhas colaborativas e grupos de mensagens funcionaram como infraestrutura de organização e tomada de decisão. Foi construído, com base nas análises, um modelo explicativo que indica que a mobilização acontece quando três elementos se cruzam: sentimento de injustiça, vínculos de confiança e existência de redes prévias de contato. A solidariedade, nesse contexto, não é caridade, mas prática política orientada à defesa de direitos e à preservação da vida. Em um cenário de ausência do Estado, as comunidades produziram respostas rápidas, mediadas por tecnologias digitais disponíveis e sustentadas por laços afetivos, convertendo o cotidiano em espaço de ação coletiva e produção de cidadania.

Vivências de adolescentes negros nas redes sociais: uma revisão de escopo

Isadora Garcia de Goes

Carine Ortiz Fortes, Adolfo Pizzinato, Giana Bitencourt Frizzo

(UFRGS)

Objetivos: Este estudo apresenta um panorama de pesquisas que investigaram as experiências de adolescentes negros em redes sociais, com ênfase nas questões raciais. Especificamente, busca-se compreender as vivências de discriminação racial online e as potencialidades das interações desses jovens nesses espaços digitais.

Escopo teórico: A violência racial online é compreendida como a exposição a imagens, símbolos ou comportamentos prejudiciais que reproduzem estigmas históricos e criam novos constrangimentos para comunidades não-brancas (Maxie-Moreman & Tynes, 2022; Tynes et al., 2019). Nos Estados Unidos, adolescentes negros são os mais ativos nas redes sociais e os mais expostos à discriminação racial nesse ambiente (Pew Research Center, 2024; English et al., 2020; Tynes et al., 2019). Adotou-se a concepção de que o racismo opera por meio da distribuição de vantagens e desvantagens entre grupos sociais por meio de níveis institucional, estrutural e individual, sustentados por normas excludentes (Almeida, 2018). Considera-se o conceito de racismo algorítmico de Silva (2020), que refere-se à reprodução de vieses raciais em sistemas automatizados, naturalizando e ampliando práticas discriminatórias.

Método: Trata-se de uma revisão de escopo conduzida segundo a metodologia PRISMA (Tricco et al., 2018) para mapear conceitos sobre as repercussões das experiências étnico-raciais de adolescentes negros nas redes sociais. Foram incluídos artigos publicados nos últimos cinco anos, em inglês, espanhol e português, abrangendo abordagens quantitativas, qualitativas ou mistas. A busca foi realizada em cinco bases de dados (PubMed, LILACS, Scielo, Web of Science e Scopus) com descritores em três idiomas. O gerenciamento e triagem foram realizados no software Rayyan, com avaliação independente por coautores e especialistas. Incluíram-se estudos que relacionavam redes sociais e experiências étnico-raciais de adolescentes negros no continente americano. A análise dos dados seguiu o método de análise conceitual (Penrod & Hupcey, 2005).

Conclusões: Os estudos indicam que as redes sociais apresentam papel ambivalente na vida de adolescentes negros. Embora exponham os jovens à discriminação racial direta e indireta, com impactos na saúde mental (Cohen et al., 2021), também funcionam como espaços de resistência, pertencimento e fortalecimento identitário (Henderson et al., 2020; van der Wal et al., 2024). O ambiente digital favorece a expressão emocional, a construção de vínculos e a afirmação da negritude (Elmquist &

McLaughlin, 2018; Vermeulen et al., 2018; Pittman & Reich, 2016). Plataformas como Instagram oferecem espaços “atemporais” e perfis privados que promovem conexão e pertencimento (Gross, 2023). Tais interações fortalecem o reconhecimento étnico-racial e podem auxiliar na ressignificação de padrões de beleza, sociabilidade e desenvolvimento emocional (Rogers et al., 2021). Conclui-se que as experiências de adolescentes negros redes sociais apresentam significativa diversidade. Considera-se importante a expansão de pesquisas sobre essas vivências com adolescentes negros brasileiros. Indica-se que estudos futuros realizem essa discussão considerando a interseccionalidade, bem como as especificidades históricas, culturais e sociais da negritude brasileira, visando promover condições que assegurem o desenvolvimento integral desses jovens.

Memes, afetos e ideologia: uma análise semiótica e psicológica da comunicação digital da extrema direita brasileira

Maria de Lourdes Carvalho Chaves

Deborah Karolina Perez

(Faculdade Vanguarda)

A internet revelou-se como um ambiente ambíguo, permeado pelo controle informacional, pela fragmentação ideológica e pelo fortalecimento de lideranças autoritárias. O ideal democrático das redes foi gradualmente substituído pela criação de comunidades baseadas em solidariedades opressoras, nas quais os algoritmos e práticas de gatewatching intensificam a polarização política. Nesse contexto, a extrema direita brasileira passou a utilizar as redes sociais como um campo estratégico de mobilização simbólica e política, disseminando narrativas antidemocráticas, teorias conspiratórias e discursos de ódio. Entre as ferramentas mais eficazes desse processo destacam-se os memes, que condensam discursos complexos em formas simbólicas breves, humorísticas e de rápida circulação, convertendo-se em instrumentos centrais de disputa simbólica no espaço digital. O objetivo desta pesquisa foi analisar os elementos semióticos envolvidos na produção, circulação e recepção de memes associados à extrema direita brasileira. Buscou-se compreender como esses conteúdos operam na construção de significados, na ativação de afetos políticos e na manutenção de mitos coletivos que legitimam discursos autoritários e nostálgicos em torno da ditadura militar. A metodologia utilizada foi qualitativa articulando conceitos da Psicologia Social Crítica, da Comunicação e da Semiótica Peirceana. A escolha por essa abordagem interdisciplinar justifica-se pela necessidade de um aporte que considere a complexidade do fenômeno estudado. Esta pesquisa teve como principais aportes teóricos a Semiótica de Charles Sanders Peirce, Santaella (2001), e a Popolim (2019). A partir da semiótica peirceana, compreendeu-se o meme como signo, revelando sua capacidade de mediação simbólica e emocional. O apporte da mitologia política permitiu identificar a presença de mitos como o da “Era de Ouro”, o da “Conspiração” e o do “Herói Salvador”, frequentemente atualizados nos memes da nova direita. Esses mitos evocam a nostalgia por um passado idealizado, marcado por ordem, moralidade e harmonia, e são utilizados para justificar discursos autoritários e o desejo por uma nova intervenção militar. Assim, esta pesquisa proporcionou a compreensão de que, mais do que simples produtos humorísticos, os memes funcionam como dispositivos narrativos e políticos. Eles articulam afetos coletivos, reforçam divisões simbólicas entre “nós” e “eles” e produzem efeitos de identificação e pertencimento. Ao mesmo tempo, revelam a intersecção entre racionalidade e emoção na esfera pública digital, onde

o discurso político é mediado pela ironia, pela paródia e pela simplificação de ideias complexas. A análise mostrou que os memes operam como formas de psicopolítica, orientando percepções e comportamentos através da manipulação simbólica das emoções. Desta forma, conclui-se que os memes associados à extrema direita brasileira constituem estratégias simbólicas fundamentais para a consolidação de um imaginário reacionário e autoritário. Sua força comunicativa reside na capacidade de traduzir mitos políticos em signos visuais e afetivos, facilmente compartilháveis e emocionalmente mobilizadores. Esses conteúdos reforçam dicotomias políticas e estimulam a polarização, legitimando a nostalgia da ditadura e a desqualificação dos adversários políticos. Compreender a lógica simbólica e afetiva que sustenta esses discursos é essencial para o enfrentamento das dinâmicas de desinformação e manipulação emocional que caracterizam a política digital contemporânea.

Masculinidades e Digital: (re)conectando existências

Cauê Rodrigues

Laura Cecilia López, Natália Inês Schoffén Corrêa, Daniel Abs

(E-Lab USP)

Este trabalho investiga as masculinidades no ambiente digital, entendidas como construções sociais dinâmicas e plurais, profundamente influenciadas pelas interações mediadas por tecnologias. O foco central reside na relação entre identidade de gênero, tecnologia e sociedade, com ênfase nas transformações subjetivas e nas disputas simbólicas que ocorrem no ciberespaço. O objetivo principal é analisar como as masculinidades são performadas, negociadas e ressignificadas nesse contexto, considerando as interseccionalidades e as relações de poder que as atravessam. Para isso, algumas perguntas servem como orientadoras: Quais masculinidades são possíveis no ciberespaço? Como as tecnologias digitais reconfiguram as performances de gênero? Quem tem acesso a essas experimentações e quem é excluído? A base teórica combina a teoria relacional de gênero, principalmente a partir de Raewyn Connell (2016), a semiótica e os estudos culturais. Este arcabouço entende as masculinidades não como entidades fixas, mas como identidades sociais em constante negociação, dependentes de contextos históricos, culturais e tecnológicos. Inspira-se também nos "saberes localizados" de Donna Haraway (1995), reconhecendo a parcialidade e a posicionalidade do pesquisador no processo de produção do conhecimento. Conceitos como identidade social (Appiah, 2018), compreendida como um conjunto de características sociais compartilhadas e não como uma essência individual, representação (Woodward, 2014) e *ethicidades* midiáticas (Kilpp, 2002) são fundamentais para articular a análise, pois demarcam como os sistemas simbólicos disponíveis constroem as possibilidades de existência para os sujeitos. Adota-se uma abordagem qualitativa e crítica, de caráter reflexivo e teórico-conceitual, sem um método empírico tradicional. O autor assume explicitamente uma postura situada – identificando-se como homem cisgênero, branco, homossexual e psicólogo do Sul Global –, utilizando sua própria experiência como um ponto de partida fundamental para a análise. Essa opção metodológica é guiada pela noção de que a produção de conhecimento é sempre parcial e contextual, baseada na capacidade de interpretar signos e representações culturais a partir de um corpo e um repertório específicos. Conclui-se que o digital não é um mero palco ou espelho para a expressão de masculinidades preexistentes, mas sim um espaço ativo e constituinte de produção, disputa e transformação de significados de gênero. As tecnologias digitais reconfiguram profundamente as performances identitárias, permitindo tanto a reprodução e reforço de normas hegemônicas quanto

a emergência de novas subjetividades e o questionamento de antigas normas. No entanto, o acesso a essas experimentações e a capacidade de moldar essas narrativas é profundamente desigual, sendo marcado por exclusões estruturais de raça, classe, sexualidade e território. Além disso, destaca-se a importância crucial de olhar para as masculinidades em sua pluralidade e sempre em relação com outros marcadores sociais, evitando visões essencialistas ou dicotômicas. Por fim, ressalta-se a necessidade da Psicologia e outras ciências humanas levarem a sério os impactos subjetivos da revolução digital, superando visões patologizantes que enxergam as mudanças como vícios ou desvios, e reconhecendo, em vez disso, as novas e legítimas formas de existência que surgem a partir do entrelaçamento entre corpos e tecnologias.

Tecnologia como Ferramenta de Luta e Emancipação: Uma Análise da HQ do MTST à Luz da Psicologia Social Comunitária

Deborah Karolina Perez

(Faculdade Vanguarda)

A Psicologia Social Comunitária (PSC) enfrenta o desafio de atualizar seus referenciais teórico-metodológicos diante das aceleradas transformações digitais e sociais contemporâneas, que reconfiguram dinâmicas comunitárias e interações. Nesse contexto, é integrar tecnologia em suas práticas interventivas pode ser estratégica, desde que seja ética. Assim, este trabalho propõe uma reflexão crítica sobre essa integração, alinhando-a ao modelo de inserção a posteriori desenvolvido por Maria de Fátima Quintal de Freitas (1998) em seu texto “Inserção na comunidade e análise de necessidades: reflexões sobre a prática do psicólogo” a qual demonstra como essas práticas integram um conjunto teórico-metodológico essencial para a atuação ética da Psicologia junto à comunidades. Para tanto, o objetivo deste estudo consiste em analisar a história em quadrinhos “Outros Mundos Tecnológicos São Possíveis” (2025) à luz do texto de Freitas (1998). Esta HQ foi concebida e criada colaborativamente com o Núcleo de Tecnologia do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST), num projeto coordenado por um psicólogo pesquisador, em parceria com uma roteirista pesquisadora e uma ilustradora. A HQ narra uma histórica na qual a tecnologia é incorporada organicamente, após a identificação de necessidades pela participação ativa da comunidade, e a própria execução da HQ se dá pela mesma via. A análise revela que a metodologia da HQ reflete de forma exemplar os princípios de inserção a posteriori de Freitas (1998). Isso se percebe na centralidade da necessidade da população, que guiou a criação da plataforma “Contrate Quem Luta” para geração de renda e trabalho, e na capacidade de decisão e implementação da própria comunidade, evidente na oferta e gestão de cursos de programação, estabelecendo uma relação horizontal de poder. O processo colaborativo perpassou a pesquisa e o roteiro, desenvolvidos com o Núcleo de Tecnologia do MTST, com diálogos, entrevistas e validação em assembleias, reforçando a ética da participação. Para além disso, por meio do documento da HQ é possível saber houve remuneração dos membros do MTST que participaram da produção, valorizando seu saber e promovendo renda, em paridade com os profissionais. Ademais, a distribuição online gratuita da HQ promove restituição do processo de pesquisa, democratizando o acesso ao conhecimento para além da academia alinhando-se à dimensão ética da PSC. Essa dinâmica demonstra como a comunidade constrói sua relação com a tecnologia não como um recurso imposto, mas como uma "ferramenta essencial de luta" e um meio potente pelo

qual "o poder popular é capaz de transformar qualquer realidade". Esta perspectiva reflete diretamente a discussão de Freitas (1998), que concebe a comunidade não como um grupo passivo ou carente, mas sim como "lutadora e sobrevivente", dotada de agência, ou seja, de potência. Por fim, esta análise permite evocar uma abordagem ética e estratégica para a utilização da tecnologia a partir de uma inserção da Psicologia na comunidade, pautada na inserção a posteriori, valorizando o saber comunitário, fortalecendo a organização e a luta por direitos, promovendo a apropriação crítica das tecnologias pela base social. Essa apropriação capacita a transformação tecnológica em instrumentos de emancipação e transformação social, alinhada à PSC crítica.

Prompt Thinking e a Plataformização do Pensamento – Uma Mutação Epistemológica a Partir do Cálculo Preditivo

Andre Ferreira Bezerra

(USP)

Este trabalho discute o prompt thinking como mutação contemporânea das formas de raciocínio, inseparável da plataformização digital. Parte-se da hipótese de que a mediação algorítmica reorganiza a experiência social ao reconfigurar a própria forma do pensamento. Nomear e conceitualizar é estruturar a experiência. A filosofia da ciência reconheceu historicamente a centralidade dessa relação entre linguagem e pensamento, também decisiva para a psicologia. Do *cogito ergo sum* de Descartes às classificações nosológicas que sustentam regimes de verdade, vê-se como as formas de dizer moldam o modo de pensar. Hoje, com a difusão das Large Language Models (LLMs), emerge o prompt thinking, regime em que proposições e inferências já nascem pré-formatadas pela lógica algorítmica das plataformas. Com base em Amoore (2020), argumento que o prompt não só orienta resultados, mas molda a própria concepção de tarefas no exercício científico. A consequência é a transformação das formas atuais de pensamento e, em especial, da escrita acadêmica. Pesquisas e entrevistas com estudantes universitários revelam que a redação perde espaço como recurso formativo, tornando-se mera entrega funcional ditada pela demanda institucional. Tal dinâmica reforça a compressão produtivista do tempo e reduz a escrita a estatística. Dialogando com Santaella (2023), que caracteriza a inteligência artificial como inteligente de modo não humano por carecer de consciência e inconsciente, sustento que as produções mediadas por IA impõem formatações específicas às formas de pensamento. Elas se consolidam tanto na coimplicação entre humano e máquina quanto na intencionalidade velada das plataformas. Essa configuração restringe o papel do conflito, da historicidade e da negatividade no cálculo preditivo, instaurando uma forma de pensamento que altera a aprendizagem. A partir de Leroi-Gourhan (1943/1984), examino como o prompt thinking reorganiza a criatividade como tendência técnica. Por um lado, libera da rigidez formal do texto, permitindo maior foco propositivo e problematização de hipóteses. Por outro, esvazia a alteridade, a racionalidade algorítmica devolve versões preditivas de si mesma, arriscando reduzir invenção e originalidade ao reconhecimento estatístico. Assim, observa-se o declínio da escrita como experiência formadora e a emergência de novas formas de subjetivação digital. Por fim, em consonância com a hipótese central de minha pesquisa, destaco a necessidade do conflito, do ruído e da indecisão na elaboração psíquica. São eles que sustentam o pensamento e a criatividade na produção de conhecimento. A inovação nasce da tensão entre saber

e verdade: supõe uma estrutura e simultaneamente a interroga diante do contingente e da experiência. Defendo que a plataformização, ao suprimir o conflito em nome da automação, restringe também a invenção subjetiva e social. Preservar o erro, a hesitação e o equívoco é preservar a criatividade e a experiência singular da verdade. O prompt thinking, enquanto regime epistêmico do racionalismo algorítmico, transforma a linguagem em interface e impõe a necessidade de novos letramentos digitais e de uma crítica à automatização do pensamento.

IA e a separação do trabalho intelectual

*Luis Henrique do Nascimento Gonçalves
(USP)*

A realização das atividades humano-sociais frequentemente depende da acoplagem da nossa consciência a ferramentas psicológicas (Vigotsky 2004) – nós, escrita, IA. Onde o desenvolvimento dessas ferramentas coincidiu com as relações de troca de mercadorias, passamos a produzir novas abstrações para os produtos humanos, como quantidade, equivalência e permutabilidade. Em certos casos, as trocas, as ferramentas psicológicas e seus controladores se separam e se autonomizam da produção, passando a coordena-la e possuí-la (Sohn-Rethel 1978). Posteriormente, essas relações de produção geraram outras abstrações, como o raciocínio lógico válido e a atribuição de funções de verdade a números binários – o que não é uma representação do mundo objetivo, mas sim a sua ideação (Vieira Pinto, 2005). Além disso, uma "visão predominante em filosofia, psicologia e inteligência artificial" propôs que "a mente é pura e formalmente especificável" (Searle 1984); e que animais, máquinas, humanos e sociedades podem ser governados pelos mesmos princípios cibernéticos (Wiener, 1970). No caso das IA, estas são conjuntos de "textos" (dados, números, códigos etc.) com linguagens e significados próprios, que lêem uns aos outros realizando assim decisões, atividades e produtos para seus usuários – a chamada delegação. Ocorre que há um problema nessas relações de delegação pois as IA têm, ao mesmo tempo, três usuários, como podemos ver no exemplo do aplicativo de saúde mental Cíngulo. O usuário-heteromado* é aquele que só pode delegar atividades de saúde mental ao Cíngulo se, no mesmo ato, ele produzir dados digitais inéditos sobre este uso e sobre si (Cíngulo 2024). Isso porque: (1) sem eles, a IA não conhece as preferências do usuário-heteromado, não podendo executá-las (Silva 2009); (2) eles são necessários para aprimorar o aplicativo; e (3) eles "podem ser recombinados com outras fontes de dados para criar novas fontes de valor" (George et al. 2014). Nesses casos, dados de interação humano-computador produzidos podem ser principal razão da existência de um produto digital (Stanford, 2017). Isso porque, por trás das interfaces do Cíngulo, o usuário-operador (engenheiro, psicólogo etc.) utiliza a mesma IA para delegações contraditórias. Ele o constrói, monitora e ajusta para cumprir as delegações do usuário-heteromado e, também, é pago e controlado pelo usuário-apropriador, geralmente um capitalista que detêm a propriedade dos dados e das IA, têm o poder final sobre eles e tem como finalidade mediar-se através das IA e dos demais usuários para aumentar o valor do seu capital (Gonçalves, 2024). Segundo o campo da Interação Humano-Computador (IHC), para que o usuário-heteromado delegue atividades ao agente, este precisa lhe oferecer uma

interface ele onde possa visualizar a relação entre operações e resultados – o chamado feedback (Norman 2008). Mas, na IHC realmente existente, a atividade do usuário–heteromodo de produção de dados sobre si encontra-se separada da sua consciência, pois ela lhe ocorre sem feedback – em outros termos, não está sob seu controle. Na verdade, o feedback e o controle ocorrem na interface do usuário–operador (Ward 2022), o que pode estar atualizando a contraditória separação entre trabalho intelectual e manual para a apropriação de riquezas por não–produtores. * Relações de produção mediadas por computadores que exploram, ocultam e desvalorizam o trabalho humano que tornam possível a ideia de “automação” dessa maquinaria (Ekbja; Nardi, 2017).

Lei nº15.123/2025: considerações da psicologia social jurídica sobre IA e gênero

*Ana de Araújo Xavier
Laura Cristina Eiras Coelho Soares
(UFMG)*

Este trabalho aborda o uso de tecnologias de inteligência artificial na violação da intimidade sexual, especificamente pela geração de conteúdo pornográfico não consensual por meio do uso de deepfakes (manipulação de conteúdo imagético usando modelos de inteligência artificial generativa). A problemática se insere em um cenário de desenvolvimento acelerado de ferramentas de inteligência artificial generativa, levantando questões acerca da regulação dessas tecnologias a fim da garantia e proteção de direitos fundamentais. O objetivo central é analisar as normativas referentes ao tema do uso de tecnologias de inteligência artificial na violação da intimidade sexual. Com isso, busca-se refletir sobre como o ordenamento jurídico brasileiro responde às novas formas de violência de gênero mediadas por inteligência artificial, analisando os discursos regulatórios e as prioridades que expressam. Além disso, aborda os atravessamentos sociais, especialmente de gênero, que levam à forma desigual como diferentes grupos são afetados por tecnologias de inteligência artificial. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, realizada a partir de pesquisa de análise documental. Foram analisados documentos normativos selecionados pela relevância temática e relação com a interface entre inteligência artificial e violência de gênero, com destaque para o Projeto de Lei nº 2338/2023, a Lei nº 15.123/2025, a Lei nº 13.772/2018, a Lei nº 11.340/2006 (Lei Maria da Penha) e a Lei nº 13.709/2018 (LGPD), a análise do material se deu por meio da Análise de Conteúdo. A partir da leitura cuidadosa do material legislativo escolhido, a discussão foi organizada em 3 categorias: violência de gênero na era da IA, sobre o Direito ao esquecimento e Judicialização e Punitivismo. Utilizando referenciais teóricos da psicologia social jurídica (Laura Soares, Pedro Bicalho, Lisandra Moreira) e que abordam uma visão crítica sobre tecnologia (Safiya Noble, Mark Coeckelbergh, Sophie Maddocks, Anastasia Powell et al.), o estudo discute os impactos da IA generativa na perpetuação da violência de gênero, a ausência do Direito ao Esquecimento nas normativas brasileiras e os limites da resposta punitiva. Conclui-se a importância de uma atuação estatal comprometida com a proteção e promoção dos direitos das vítimas da violência de gênero mediada pela inteligência artificial, especificamente no que tange à produção não consentida de pornografia deepfake. Nesse sentido, destaca-se a relevância do estabelecimento de vias complementares à abordagem penal, efetivando-se vias legais de prevenção e reparação, como por

exemplo: a promoção de letramento digital e educação continuada sobre direitos humanos da esfera online e efetivação de práticas institucionais que estabeleçam e promovam vias capazes de moderar a circulação online de conteúdos que violem direitos humanos. Assim, busca-se fomentar a construção de uma sociedade mais justa, em que a inovação tecnológica não sirva para agravar desigualdades, mas para fortalecer a dignidade humana e afirmar os direitos fundamentais.

IAs versus Profissionais: Revisitando Rosenhan na Avaliação de Depressão Paranóide com Ideação Suicida

Walter Vieira Poltronieri

(USP)

Este anteprojeto de pesquisa exploratória foi Inspirado no experimento de David Rosenhan (1973), o estudo investiga em que medida as Inteligências Artificiais Generativas (IAGs) replicam as competências relacionais e técnicas dos profissionais "psi" (psicólogos e psiquiatras) quanto ao acolhimento, empatia e orientabilidade em cenários de crise de saúde mental. A hipótese testada prevê a superioridade das respostas dos profissionais humanos nessas dimensões centrais da prática clínica. O objetivo principal é comparar as respostas de cinco IAGs populares – ChatGPT, Deep Seek R1, Copilot, Gemini 2.5 Pro e Grok 3 – com as de 50 psicólogos e 50 psiquiatras diante de um caso simulado de depressão paranoide com ideação suicida. A metodologia adota um desenho quanti-qualitativo, empregando uma abordagem de "quatriangulação" que inclui: a coleta de respostas das IAGs a prompts variados; a aplicação de um survey com um estudo de caso análogo aos profissionais; e a realização de um grupo focal para validação dos achados. A análise qualitativa utilizará Análise de Conteúdo (Bardin) e Análise do Discurso (Pêcheux), com suporte do software Atlas.ti, para investigar nuances linguísticas e a construção de vínculo. A vertente quantitativa desenvolverá escalas de avaliação para mensurar as dimensões de acolhimento, empatia percebida e clareza das orientações, aplicando testes estatísticos comparativos. O grupo focal, composto por oito a dez profissionais, validará os resultados e contribuirá para a elaboração de diretrizes para interações clínicas digitais, complementado pela aplicação do Suicidal Ideation Response Inventory (SIRI-2). O referencial teórico é realinhado para a Psicologia Digital, mobilizando conceitos de Sherry Turkle (empatia artificial e relações humano-máquina), Jonathan Gratch (agentes computacionais e emoção), e Brennan e Olasov (Filosofia da Psicologia Digital). A revisão da literatura aponta uma lacuna crítica na avaliação de competências terapêuticas fundamentais em IAGs, particularmente em contextos de crise. Os resultados esperados incluem a criação de um protocolo de avaliação de IAGs em saúde mental, diretrizes para o uso ético e eficaz dessas ferramentas na prática clínica, e contribuições para a regulamentação do seu uso, alinhadas aos princípios da Psicologia Digital.

Imortalidade digital e biopolítica: avatares de falecidos na era das tecnologias de aprimoramento humano

Giselly Tiago Ribeiro Amado

(UFU)

Os avanços recentes em tecnologias de Inteligência Artificial (IA) tornaram possível a criação de clones digitais ou avatares de pessoas falecidas, apresentados como ferramentas para auxiliar no processo de luto. Esses avatares, gerados com base em dados coletados durante a vida do indivíduo, levantam questões cruciais sobre os limites entre vida, morte e memória em sociedades tecnologizadas. Este trabalho discute como essas tecnologias não apenas refletem tendências emergentes de interação entre humanos e IA, mas também intensificam desigualdades socioeconômicas e provocam debates éticos sobre o controle e a governança dessas inovações. O principal objetivo deste estudo é analisar o papel dos avatares digitais de pessoas falecidas no contexto de uma biopolítica contemporânea, problematizando quem pode acessar essas tecnologias e quem é excluído delas. Para isso, adotamos um escopo teórico que abrange as análises de Michel Foucault sobre biopolítica, articuladas às contribuições de Achille Mbembe sobre necropolítica e à crítica de Frantz Fanon ao controle colonial sobre corpos e identidades. A análise também é complementada com o conceito de transhumanismo democrático de James Hughes, que investiga como as tecnologias de aprimoramento humano podem ser acessíveis de forma universal e ética. O método utilizado no trabalho combina análise teórica conceitual com uma abordagem qualitativa de narrativas midiáticas. Foram selecionadas reportagens de veículos internacionais e nacionais que promovem ou questionam a aceitação social de avatares digitais como instrumentos para gestão do luto e “imortalidade digital”. Essas narrativas foram analisadas à luz das teorias mencionadas, a fim de identificar as estratégias discursivas que legitimam ou criticam a adoção dessas tecnologias. Entre as principais conclusões, identificamos que os avatares digitais estão inseridos em um mercado que commoditiza a identidade humana e transforma a memória em um produto controlado por grandes corporações. Isso aprofunda desigualdades digitais, evidenciando como a “imortalidade digital” é acessível apenas às classes sociais que podem arcar com os custos dessas tecnologias. Ademais, há um risco ético significativo relacionado à privatização dos processos de luto e memória, que passam a ser geridos por algoritmos e bases de dados. Do ponto de vista biopolítico, essas práticas consolidam um sistema no qual identidades – vivas ou mortas – são administradas e controladas por grandes estruturas de poder econômico. Finalmente, destaca-se como essas tecnologias transformam práticas culturais de luto e memória coletiva, moldando novas formas de subjetivação mediadas pelo

digital. O trabalho conclui que é fundamental abrir o debate sobre a governança dessas tecnologias, garantindo que seu desenvolvimento e aplicação sejam éticos, inclusivos e voltados para o bem-estar universal.

Apoio emocional por inteligência artificial: percepções de psicólogos sobre a escuta digital.

Maria Gabriela Silva Santos

Sara Santos Dias Costa

(FAZU)

Introdução: A Inteligência Artificial (IA) tem sido alvo crescente de discussões interdisciplinares, em razão de suas possibilidades instantâneas de atuação. Além de sua utilização em contextos pessoais, a IA tem promovido importantes avanços no âmbito científico devido à disponibilidade de tecnologias que facilitam o desenvolvimento de pesquisas. Apesar dos aspectos positivos relacionados à análise de dados e à automação de tarefas, sua inserção em diversas áreas, especialmente na saúde mental, ainda gera preocupações relacionadas à ética, à segurança de dados e a necessidade de orientação e supervisão no uso cotidiano. **Problema de Pesquisa:** Quais são as percepções de psicólogos sobre o futuro da profissão diante do uso crescente da Inteligência Artificial como recurso de suporte emocional? Tal pesquisa pode contribuir para o preenchimento de lacunas na literatura científica ao contemplar o olhar desses profissionais sobre as implicações do uso da IA por indivíduos que recorrem a esse recurso, ampliando a compreensão dos riscos e desafios envolvidos em sua utilização. **Objetivos:** Compreender as percepções de psicólogos(as) sobre o uso da Inteligência Artificial como recurso de suporte emocional. **Método:** Trata-se de um estudo clínico-qualitativo, de caráter exploratório e corte transversal. Os participantes são psicólogos, com registro ativo no CRP e conhecimento prévio sobre o uso da IA para essa finalidade. A produção de dados ocorrerá por meio de entrevistas semidirigidas, aplicadas de forma remota, até o critério de saturação teórica ser alcançado, utilizando a técnica bola de neve. A análise dos dados será conduzida em cinco etapas, conforme o método clínico-qualitativo, e as interpretações serão feitas com base no diálogo com a literatura especializada sobre o tema. **Resultados parciais:** Participaram do estudo dois psicólogos; autodeclarados mulher e homem, cisgêneros, ambos com idades de 25 anos, sediados na região Sudeste. Os resultados preliminares apontam para preocupações relacionadas à confiabilidade e à precisão das informações fornecidas pelas IA's. Exemplo disso é a percepção de que, na ausência de respostas adequadas, o recurso tecnológico tende a gerar respostas, refletindo o caráter 'artificial' dessas informações. Além disso, foram observadas perspectivas relacionadas à possibilidade de estabelecimento de vínculo devido ao suporte imediato, ao não julgamento dos relatos e ao sentimento de liberdade para conversar com os chatbots. Apesar disso, os resultados até o momento indicam que as percepções dos psicólogos entrevistados sobre esse uso

não equivalem às relações humanas e, consequentemente, não se sobrepõem ao vínculo terapêutico nem ao trabalho dos profissionais de psicologia, considerando tratar-se de vivências distintas. Discussão Parcial: Observa-se, na literatura científica, estudos que evidenciam o impacto das tecnologias digitais na Psicologia, destacando como a profissão vem sendo transformada diante dos avanços da inteligência artificial. Nesse contexto, emergem desafios contínuos relacionados à atuação, formação acadêmica e à regulamentação da prática. Conclusão: Como limitação do presente estudo, ressalta-se que a pesquisa permanece em andamento, com a continuidade das entrevistas para análise e interpretação dos dados.

Revisão integrativa sobre inteligência artificial (ia) em contextos de socialização

Arthur Leites Soares

Daniel Abs

(E-Lab USP)

A interação entre o ser humano e as máquinas em geral torna-se cada vez mais comum ao longo do tempo (Alessandro et al., 2025). Considerando o avanço das tecnologias como a Inteligência Artificial (IA) e a facilidade de acesso a tais ferramentas, estas passam a fazer parte do cotidiano da população auxiliando em tarefas do dia a dia, e cada vez mais em contextos de socialização como educação e trabalho (Klimova; Pikhart, 2025; Wang et al., 2022). Este estudo aborda a intersecção entre o uso de IA e os processos psicológicos envolvidos em contextos de socialização. A fundamentação teórica do estudo envolve autores que abordam a interação humano-computador (IHC) em contextos específicos como: Guan et al. (2021), Xuan et al. (2021), Lai et al. (2024), Liang et al. (2023) e Klimova & Pikhart (2025) que exploram os impactos da IA na educação, Wang et al. (2022) e Alessandro et al. (2025) que analisam os efeitos da IA no ambiente de trabalho, Fraune et al. (2022) e Xie & Wang (2024) que abordam a IA enquanto companhia. Utilizou-se a base de dados Web of Science, priorizando o recorte temporal dos últimos 5 anos e foram selecionados artigos em português e inglês com os seguintes descritores: Inteligência Artificial, Interações Sociais e Psicologia. Realizou-se uma revisão integrativa baseada em 26 artigos previamente selecionados, dos 486 iniciais que corresponderam à busca. Os resultados foram organizados em três tópicos. O primeiro tópico refere-se ao uso de IA em processos de aprendizagem. Estudos experimentais e de intervenção mostram que a IA tem sido utilizada como suporte pedagógico, especialmente em modelos gerativos e sistemas tutores inteligentes. As evidências apontam aumento da autoeficácia, maior engajamento cognitivo e percepção de progresso individualizado na aprendizagem. A personalização do ritmo e do feedback contribui para maior autonomia dos estudantes em tarefas complexas, criando condições favoráveis para o desenvolvimento de competências autorreguladas. Pesquisas também sugerem que a IA auxilia na redução do estresse associado às exigências acadêmicas, especialmente quando oferece orientação passo a passo e modelagem de resolução de problemas. O segundo tópico aborda o uso da IA em contextos profissionais. Estudos em ambientes corporativos e acadêmicos indicam que sistemas inteligentes aumentam a eficiência operacional, reduzem a carga cognitiva e otimizam processos decisórios. Em cursos de formação em saúde, especificamente em psicologia, o uso da IA como

Paciente Simulado provocou redução significativa de ansiedade e estresse entre estudantes em situações de prática clínica, além de promover ganho de confiança e percepção de capacidade técnica. Alguns estudos alertam para possíveis efeitos indesejáveis, como dependência tecnológica e delegação de decisões a sistemas automatizados, o que pode reduzir a percepção de agência e iniciativa pessoal. O terceiro tópico envolve a IA como companhia social e mediadora de relações. Estudos analisaram robôs sociais e aplicativos conversacionais utilizados como espaço de expressão emocional. Os resultados indicam redução da ansiedade social em interações online e maior sensação de acolhimento psicológico. Entretanto, há indícios de aumento da ansiedade em interações presenciais subsequentes, sugerindo deslocamento da sociabilidade para o digital. Em adolescentes, alguns estudos identificam impactos negativos na percepção emocional de outras pessoas, o que indica possíveis efeitos sobre habilidades socioafetivas. Em síntese, a IA tem potencial para ampliar processos de aprendizagem, aperfeiçoar o desempenho profissional e oferecer suporte socioemocional. No entanto, seu uso também produz efeitos ambíguos, exigindo reflexão ética e cuidado com a preservação da agência humana e das relações interpessoais. A incorporação da IA em ambientes de socialização deve priorizar práticas responsáveis e orientadas à saúde mental.

Sonho de consumo: coaches e a venda do discurso empreendedor no Instagram

Maria Eduarda Barão Silva

Lucas Martins Soldera

(UEM)

Não é incomum que termos como “self-made,” “prosperidade” e “melhor versão de si” permeiem nosso cotidiano, seja em vídeos online sobre como alcançar seu sucesso, em revistas que exaltam empresários que supostamente se fizeram do zero, ou nos corredores das organizações, onde quadros motivacionais promovem ideais de otimização e desempenho. Diante do contexto de valorização dos discursos neoliberais e do empreendedorismo de si, é possível perceber o fortalecimento de um fenômeno específico: a figura do coach. Estes influenciadores, que muitas vezes se apresentam como mentores de desenvolvimento pessoal, utilizam-se de redes sociais para impulsionar e divulgar seus serviços, assim como para criação de conteúdos sobre alta performance, produtividade e estratégias de otimização pessoal. A pesquisa atual ocupa-se em analisar os possíveis impactos subjetivos no consumo de conteúdos disponibilizados por coaches, que adotam a divulgação de seus discursos no formato de vídeos curtos, chamados de Reels. Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa que se desenvolve na análise de vídeos e perfis com alto engajamento e é composto por três influenciadores pré-selecionados. Estes, são figuras de alto alcance e referências na área de mentorias sobre a otimização de si e empreendedorismo. Para a seleção de nosso objeto de estudo, foram definidos critérios específicos: influenciadores cujo número de seguidores ultrapasse a média de cinco milhões e Reels com número superior a um milhão de visualizações, ambos demarcadores significativos de alcance na plataforma em questão. Utilizamos, também, os Reels disponibilizados na ferramenta de destaque ou ‘fixação’ do Instagram, este exibe materiais priorizados pelo próprio criador, permitindo compreender quais mensagens o influenciador considera mais relevantes e merecedoras de destaque. Desta forma, serão apresentados resultados parciais de uma pesquisa de mestrado, cuja análise de dados segue o critério de saturação e a pesquisa pauta-se na teoria da Psicossociologia do Trabalho. Esta abordagem possibilita compreender a relação do trabalhador/empreendedor com o consumo de conteúdos de alto desempenho em âmbito digital. Considerando suas compreensões sobre a noção relacional em que a singularidade e a coletividade se tensionam, de modo que o sujeito é simultaneamente produto e produtor do social. Nesta perspectiva, diante da criação de “bolhas” de experiência na rede social, a abordagem em questão nos auxilia a observar o fenômeno em questão através de suas

concepções sobre formação de grupos. Dessa forma, a pesquisa busca oferecer contribuições para a compreensão das novas formas de exploração da subjetividade no contexto virtual, considerando tanto os impactos individuais quanto as dinâmicas coletivas geradas pelo consumo de conteúdos empreendedores nas redes.

Press Start: videogames sociais e o fortalecimento de laços familiares

Pedro Goularte Lara

Indianara Sehaparini, Giana Bitencourt Frizzo

(UFRGS)

Os videogames estão presentes na rotina familiar e podem potencializar interações entre seus membros, principalmente quando a interação ocorre por jogos sociais, que são aqueles que estimulam a interação social entre jogadores. Diante do crescimento desse uso no cotidiano, torna-se relevante mapear como os jogos sociais de videogame são incorporados às dinâmicas familiares e quais efeitos são relatados sobre vínculos e bem-estar. Por causa disso, o objetivo foi realizar uma revisão de escopo de modo a compreender como os jogos sociais de videogame são utilizados no contexto familiar. Para isso, a coleta de publicações foi feita entre janeiro e março de 2024 nas bases SciELO, PubMed, PsycInfo e Google Acadêmico. Foram incluídos 18 estudos que abordavam jogos sociais de videogame no contexto familiar. Procedeu-se à extração de dados sobre tipos de relações familiares examinadas, plataformas e contextos, modalidades de jogo, delineamentos metodológicos e desfechos ligados a vínculos e bem-estar. Os estudos contemplaram relações parentais, entre avós e netos, fraternais e conjugais, com predominância das relações parentais. Em termos metodológicos, 55,6% dos estudos adotaram métodos qualitativos, 27,7% quantitativos e 16,7% abordagens mistas. Apenas dois estudos incluíram grupo controle. Observou-se ausência de terminologia consensual para designar o ato de jogar videogames sociais em família, o que dificultou o mapeamento. Houve predominância de jogos cooperativos (61,1%) sobre competitivos (27,7%). Em geral, jogar em família fortaleceu vínculos, aumentou interações positivas, promoveu colaboração e diálogo e contribuiu para o bem-estar emocional. Destacou-se o potencial de aproximação entre familiares geograficamente distantes e de estímulo ao convívio intergeracional. A maioria dos estudos não detalhou plataformas ou contextos de jogabilidade, o que limita a compreensão situacional da experiência e a distinção em relação a usos problemáticos. Os estudos na área têm avançado para além de abordagens generalistas, indicando a necessidade de especificar gênero, estilo, temática, plataforma de acesso, perfil de jogador e contexto de jogabilidade, já que cada elemento pode impactar de forma distinta. A heterogeneidade metodológica e a falta de definições padronizadas sugerem a importância de maior rigor e de terminologia compartilhada para consolidar evidências. Recomenda-se que pesquisas futuras ampliem a diversidade demográfica e cultural dos participantes, comparem o jogo social a outras atividades familiares, por

exemplo, jogos de tabuleiro, práticas esportivas e lazer conjunto, e adotem delineamentos mais robustos, com especificação de plataformas, gêneros, modalidades e contextos de jogabilidade. O tema é crescente, porém ainda em desenvolvimento Os jogos sociais de videogame, quando integrados às atividades familiares, tem potencial para transformar o lazer em oportunidades de fortalecimento de laços afetivos, redução de barreiras físicas e emocionais e aproximação entre gerações.

A urgência de conectar: aspectos psicossociais e culturais na formação de redes digitais – o caso twitter

Victor Lima Ferreira Barbalho

(USP)

O presente ensaio propõe uma reflexão teórica sobre os aspectos psicológicos, sociológicos e culturais que sustentam a tendência humana à formação de redes sociais, investigando de que modo a plataforma Twitter — atualmente X — se apropria dessas dinâmicas para capturar afetos, atenção e desejo. Partindo de referenciais clássicos da Psicologia Social (Baumeister & Leary, 1995; Festinger, 1954) e de aportes contemporâneos da teoria das redes (Granovetter, 1973; Mizruchi, 2015), da filosofia da comunicação (Musso, 2003), da semiótica cognitiva (Santaella, 2003) e dos estudos da subjetividade (Rolnik, 2006), o trabalho busca compreender como as estruturas técnico-discursivas do Twitter reorganizam modos de percepção, cognição e identidade na cultura digital contemporânea. Trata-se de um ensaio teórico de caráter exploratório, cujo método consiste na articulação crítica entre autores clássicos e contemporâneos, permitindo observar o entrelaçamento entre necessidades psicológicas fundamentais — como pertencimento, validação social e reconhecimento — e as dinâmicas algorítmicas que estruturam a vida em rede. A análise sugere que o Twitter atua como dispositivo de subjetivação, modulando comportamentos, emoções e formas de pensamento por meio de circuitos de recompensa e mecanismos de reforço intermitente (Fogg, 2003). A lógica de funcionamento da plataforma, baseada na valorização de laços fracos (Granovetter, 1973) e na visibilidade pública das interações, reforça a busca por aprovação e o medo de exclusão (Przybylski et al., 2013), transformando o desejo de pertencimento em motor de engajamento. A polarização afetiva — intensificada por algoritmos que privilegiam conteúdos emocionalmente negativos (Millia et al., 2022) — revela uma economia psíquica orientada à captura de atenção e à amplificação da hostilidade, fenômeno que repercute sobre a saúde mental e sobre os modos de convivência no espaço digital. Conclui-se que o Twitter exemplifica o modo como as redes digitais, ao mesmo tempo em que satisfazem demandas humanas de conexão e expressão, instauram novos regimes de poder e subjetivação. A rede, sob aparência de horizontalidade, oculta estruturas de controle simbólico e informacional que reconfiguram os vínculos sociais e a própria experiência de si. Compreender tais processos é fundamental para refletir criticamente sobre o impacto das tecnologias de comunicação na constituição da subjetividade e na promoção da saúde mental e da convivência democrática.

Contextos Urbanos Digitais: Uma análise das redes sociais

Eduardo Zanesco

Daniel Abs

(E-Lab USP)

Este trabalho investiga como a vida urbana passa a ser configurada por dinâmicas digitais que atravessam práticas cotidianas, fluxos de informação e formas de existir entre pessoas e artefatos computacionais. A pesquisa parte do modelo dos contextos digitais (Abs, 2022), que define esses ambientes como arranjos relacionais modulados por sistemas maquínicos, simbólicos e corporificados, estruturados por processos de automatização, tradução e produção contínua de significados. A hipótese central é que o urbano contemporâneo se organiza como um ecossistema híbrido no qual a cidade física e a cidade digital não se sobrepõem, mas se transformam mutuamente, sempre atravessadas pelo capitalismo. O método consistiu em verificar, considerando a proposta dos contextos digitais, como circulam no Instagram os diferentes sistemas que compõem o contexto urbano digital. Para isso, foram selecionados perfis que expressam níveis específicos desses sistemas como indicados inicialmente por Bronfenbrenner para definir os contextos no desenvolvimento humano. No microssistema, foram considerados elementos de interação imediata que alteram a experiência cotidiana da cidade, como perfis que se referem a aplicativos de entrega e de monitoramento de segurança. No mesossistema, a análise contemplou perfis ligados a aparelhos públicos urbanos e serviços que estruturam a vida coletiva, incluindo políticas públicas como SUS, INSS, SUAS e Judiciário, além de teatros, cinemas e outros equipamentos culturais. Em escala mais ampla, o exossistema foi representado por perfis relacionados à mobilidade urbana, transporte público e monitoramento de tráfego. Por fim, o macrossistema abrangeu perfis institucionais e críticos voltados à legislação urbana, políticas habitacionais e dinâmicas gerais de governança da cidade. A análise desse material possibilitou compreender que o contexto urbano digital apresenta-se como um espaço dominado pelas perspectivas do capitalismo, em disputa a atores críticos a esses posicionamentos. Outro aspecto relevante é o papel das periferias, que ocupam e disputam espaços e narrativas sobre a cidade, reconfigurando sua posição e talvez sua centralidade no contexto urbano digital. A escolha por abordar o urbano por meio das redes sociais não restringe a análise à comunicação em si. O objetivo foi compreender como o digital compõe as condições de experiência da cidade. O modelo dos contextos digitais permitiu descrever esse movimento ao considerar que a vivência urbana é codeterminada por máquinas em funcionamento constante e de acesso desigual, por sistemas algorítmicos que selecionam, filtram e hierarquizam conteúdos, e por

dinâmicas simbólicas que moldam a percepção do que é relevante ou problemático. Assim, entender influenciadores e perfis urbanos significa compreender como atuam como produtores de sentidos e modos de ação. O estudo indica que o contexto urbano digital não é uma camada acessória, mas um espaço constitutivo das dinâmicas sociais da cidade, no qual conflitos, diagnósticos e imaginações de futuro são produzidos e redistribuídos.

Atuação de influencers digitais na relação com equipamentos culturais em São Paulo

*Francisco Matheus Fontes De Lima
(USP)*

Com o advento das redes sociais, múltiplas possibilidades de comunicação e expressão tornaram-se possíveis. Dentre elas, o surgimento da figura do influencer tem ganhado relevo nos últimos anos – caracterizado como uma pessoa que angaria em determinado perfil ou plataforma digital um grupo de seguidores, podendo ter como objeto de atuação os mais variados campos, do lifestyle à dinâmicas corporativas, dicas de investimento ou aspectos culturais. Esta propagação de ideias capaz de afetar massivamente outras pessoas subverteu as estruturas tradicionais de transmissão e formação de opinião, como o jornalismo. No campo cultural, os influenciadores alteraram as dinâmicas de divulgação de eventos e experiências artísticas, com efeitos particularmente visíveis no âmbito do turismo, em que a veiculação massiva de determinadas imagens vinculadas à pontos ditos “instagramáveis” gerou pressões insustentáveis sobre territórios, espaços e comunidades – desde os níveis mais locais e tradicionais até as grandes cidades. Vinculado à este processo, verifica-se um movimento contrário ao turismo de massa em algumas capitais europeias, justamente como resposta à essa descaracterização da vida urbana e da relação sustentável com os espaços decorrente de uma manutenção de dinâmicas de consumo e da exploração do potencial turístico, com consequências econômicas inclusive no campo da habitação e do emprego. Em consulta à Web of Science, verificou-se que os termos “influencer” e “tourism” são encontrados em 357 artigos, sendo a maioria destes produzidos nos anos pós-pandêmicos (2022–2026, 248 artigos, 69%). Ainda que grande parte destas pesquisas tenha se debruçado sobre a caracterização do perfil e da atuação dos influencers digitais, nem sempre se especificou o objeto da recomendação feita por esses agentes. Particularmente, a menção à equipamentos culturais como museus ou teatros se mostrou escassa, em especial se um recorte geográfico de pesquisas feitas no Brasil fosse aplicado: a pesquisa dos termos “influencer” e “Brazil” retornou 90 resultados, com a presença de discussões sobre temas políticos, de saúde pública, ou de hábitos de leitura, sem nenhum resultado com um recorte específico de visitas à equipamentos culturais. Considerando-se a presença significativa de perfis de influencers digitais no Instagram que se debruçam sobre a programação e as atividades de equipamentos culturais na cidade de São Paulo, este trabalho busca propor uma reflexão sobre a constituição desta prática – a partir da revisão sistemática empreendida – e os eventuais desdobramentos da atuação destes “influenciadores de cultura” sobre os hábitos de visita à

equipamentos museológicos ou teatrais na cidade. A partir da análise das postagens realizadas entre janeiro e outubro de 2025 por cinco destes perfis – Viva Mais Cultura, Fizemos um Rolê, Experimente SP, Verô no Rolê e Roteiro SP – busca-se compreender como as vivências teatrais e museológicas são referidas e divulgadas, com o intuito de traçar um panorama destas referências no discurso sobre os hábitos culturais no contexto paulistano. Além de se analisar os possíveis desdobramentos sobre a compreensão da relação entre os sujeitos e as expressões e equipamentos culturais na cidade, busca-se verificar o potencial da atuação destes influenciadores como canais de promoção de conscientização e valorização das práticas e espaços culturais.

FOMO e esquiva experiencial na vida digital cotidiana: revisão de escopo sob a lente da Análise do Comportamento

Suyanne Soares Lima

(USP)

Com a incorporação cada vez maior das tecnologias no tecido social, percebe-se mudanças nos hábitos, comportamentos e estilo de vida das pessoas, permeadas pelas novas possibilidades de conexão, acesso e comunicação. As redes sociais tornaram-se forças generalizadas na contemporaneidade, o que convocou cada vez mais estudos sobre a relação entre tecnologia e saúde mental. A partir disso, costurou-se o interesse de pesquisadores sobre um fenômeno relativamente recente, o Fear of Missing Out (FOMO). O FOMO é compreendido como “uma apreensão generalizada de que os outros possam estar tendo experiências gratificantes das quais alguém está ausente”, uma predisposição do sujeito e uma cognição em relação ao medo de perder um determinado evento. Diante desse quadro, observa-se a importância de examinar funcionalmente as relações digitais que mantêm repertórios associados ao FOMO. Esta pesquisa teve como objetivo revisar a literatura através do método da Scoping Review, com o intuito de mapear as definições de FOMO na literatura e investigar o fenômeno e a construção de repertórios individuais relacionados a ele a partir dos pressupostos teóricos da Psicologia Comportamental, com foco na Terapia de Aceitação e Compromisso. Também buscou discutir aspectos socioculturais associados ao fenômeno e investigar uma série de fatores que relacionam-se ao uso problemático das mídias sociais, concentrando-se especificamente em determinar a relação entre FOMO, autoestima e dependência. A busca foi realizada nas bases SciELO, MEDLINE e LILACS e, ao final, se obteve uma amostra de dez pesquisas. Observou-se que o fenômeno é mais prevalente em mulheres, adolescentes e jovens adultos e que uma cultura coletivista contribui para níveis maiores de FOMO e para facilitar o uso problemático. Sujeitos com níveis mais altos de FOMO tem níveis mais baixos de autoestima e tanto a autoestima como o FOMO mostraram uma influência significativa no tempo gasto nas redes sociais, que por sua vez, esteve positivamente associada ao uso problemático dessas mídias. O uso problemático das redes sociais ocorre quando o sujeito começa a vê-los como um mecanismo importante ou mesmo exclusivo para aliviar a solidão e o estresse. Os dados deste estudo sustentam que respostas digitais de monitoração são co-mantidas por SR+ (aprovação/novidade) e SR- (alívio de exclusão), esclarecendo a persistência do padrão. O FOMO pode ser entendido como a expressão de dois processos de inflexibilidade psicológica (fusão cognitiva e esquiva experiencial) e trata-se de um fenômeno essencialmente paradoxal, pois para

não perder, abre-se mão de perceber e viver. O FOMO incorre na perda de uma vida significativa e da conexão com o momento presente. Por fim, este estudo refletiu sobre a necessidade de que as pessoas se tornem mais conscientes do seu uso das redes sociais e se relacionem melhor com elas ao não as utilizarem como uma esquiva experiencial (adiamento de tarefas/sono e scrolling compulsivo).

Aborto legal nas redes: uma análise dos discursos sobre direitos humanos, política e religião

*Aline Schwalm Andrade Rates
Tales Stolfi Barboza, Daniel Abs
(E-Lab USP)*

No Brasil a interrupção voluntária da gestação é tema de discussão adensada por valores morais, religiosos e políticos. Com pequenos avanços, logrados com grandes esforços, e constantes ameaças de retrocessos no acesso ao direito reconhecido desde a constituição de 1940, o acesso ao aborto legal mobiliza defensores e críticos em todas as esferas dos marcadores sociais. Com somente três causas aceitas pela legislação vigente, a busca pela interrupção de uma gestação que não coloque em risco a vida da mulher ou pessoa gestante, que não seja de um feto anencefálico ou que não seja resultado de violência sexual ainda é clandestina e punível em território nacional. Nas redes, campo de atuação e representação dos discursos sociais, a presença dessa discussão não passa despercebida. São recorrentes as notícias que engajam hashtags e posts sobre o assunto, produzindo ondas de informações, opiniões e inverdades. Entre debates que contrapõem ciência e religião, à fakenews com imagens de fetos não-humanos, o conteúdo discursivo presente pode ser utilizado como instrumento de análise das articulações entre saúde coletiva, valores morais e religiosos e suas resultantes tensões políticas. Para este estudo, foram coletados 2.348 tweets publicados durante o debate nacional sobre a revogação de normas que restringiam o acesso ao aborto previsto em lei no Brasil, em 2023. Os textos foram processados por um modelo de linguagem que extraiu embeddings, possibilitando a construção de um grafo k-NN com similaridade semântica entre tweets. A partir desse grafo, empregou-se o algoritmo Louvain para identificar clusters discursivos. Os resultados revelam nove comunidades semânticas representando diferentes molduras discursivas: defesa de direitos reprodutivos, crítica ao governo anterior, discurso religioso contrário ao aborto, politização do caso por meio de narrativas de corrupção ou arma, entre outros. Foram identificadas também pontes semânticas, isto é, arestas que conectam clusters distintos. Essas pontes sinalizam tweets que conseguem transitar entre discursos ou provocar interações entre grupos polarizados. O cluster majoritariamente alinhado à crítica política surge como o mais conectivo, estabelecendo relações tanto com discursos pró quanto antiaborto. Em contrapartida, o cluster com discurso religioso contrário ao aborto apresenta baixa conectividade com outros grupos, sugerindo forte comunicação interna e pouca permeabilidade ao diálogo. Os achados indicam que o debate sobre

aberto opera como arena política polarizada. No entanto, há circulação de sentidos especialmente quando o discurso conecta aborto a narrativas políticas mais amplas.

Psicologia Escolar e Formação Continuada de Professores: um trabalho conjunto frente ao impacto da Inteligência Artificial Generativa na Produção Escrita

*Rosa Frasão Okerenta
(USP)*

Este ensaio teórico tem o objetivo de fazer uma articulação entre a Psicologia Escolar Crítica e a Formação Continuada Docente frente ao impacto da inteligência artificial generativa na produção escrita escolar. Por meio desse entrelaçamento, faz-se uma análise de como o processo de produção escrita se apresenta diante das relações que se estabelecem entre o processo educacional de letramento e a estrutura social mais ampla, a diversidade, a fim de compreender nessa articulação como os fundamentos psicológicos nos estudos de Vigotski perpassam as dimensões econômicas, políticas e culturais da sociedade. Sabendo-se que o trabalho da Educação permite que o indivíduo tome consciência e desenvolva conceitos nesse processo de escolarização através da análise da totalidade das relações, a integração do indivíduo ao meio social, mediado pelo signo, tem a escola como lugar privilegiado para a transmissão do conhecimento e o professor como mediador nesse processo de humanização do homem. Ainda, a produção escrita escolar requer motivação e propicia uma tomada de consciência arbitrária e intencional que requer uma apropriação da realidade concreta desempenhada com o trabalho pedagógico, considerado um trabalho individual e coletivo. Assim, tem-se a proposta, a partir do Materialismo Histórico-Dialético, de revelar como as funções psicológicas superiores, tais como atenção, percepção, memória, imaginação, pensamento e linguagem se fazem presentes nessa articulação entre o processo de produção escrita e o uso da inteligência artificial generativa; discutir oportunidades e desafios para a produção escrita frente à Inteligência Artificial Generativa, e sua contribuição ao trabalho docente por meio da Formação Continuada de Professores em comunhão com a Perspectiva Crítica em Psicologia Escolar; destacar entrelaçamentos entre Produção Escrita e a teoria Histórico-Cultural, tanto quanto a formação de conceito em Vigotski, importante para entender a complexificação da palavra e, por consequência, o desenvolvimento da produção escrita; por fim, discutir o papel da educação escolar no desenvolvimento psíquico e sua relação com a produção escrita. Além disso, o envolvimento dos participantes em grupo focal nessa formação docente permite haver uma relação dialógica entre os atores institucionais, promovendo releituras em busca de soluções e parcerias conjuntas, além de valorizar o papel social do professor, tanto quanto sua formação e atuação para a construção do conhecimento e da educação libertadora. Por fim, remete-se a uma práxis de

enfrentamento docente em parceria com o psicólogo escolar frente a um novo contexto digital desafiador que promova novas maneiras de atuação docente que tenha o contexto digital como auxílio à Educação, e que vá ao encontro de um processo de escolarização que condiz com a humanização do homem.

Psicologia, Saúde Mental e Sociabilidades Digitais: estudo comparativo intergeracional.

Mirian Caroline de Carvalho

Alessandra Baptista Alves Cunha, Roseli Cristina Ferreira da Silva

(Faculdade Vanguarda)

Este estudo investiga a relação entre psicologia, saúde mental e sociabilidades digitais, analisando como diferentes gerações constroem e vivenciam suas interações no espaço virtual e os impactos dessas práticas no bem-estar psicológico. A crescente centralidade das mídias digitais na vida cotidiana transforma não apenas as formas de comunicação, mas também os modos de subjetivação e de construção dos laços sociais, o que torna fundamental compreender seus efeitos na saúde mental contemporânea. O objetivo geral foi analisar os impactos das sociabilidades digitais sobre a saúde mental em diferentes gerações. Os objetivos específicos consistiram em: (1) mapear padrões de uso das mídias digitais entre jovens, adultos e idosos; (2) identificar efeitos positivos e negativos dessas práticas sobre o bem-estar psicológico; (3) comparar percepções intergeracionais do espaço digital como ambiente de sociabilidade; e (4) apontar desafios e oportunidades para a atuação da psicologia diante da cultura digital. O escopo teórico fundamenta-se em estudos sobre comportamento humano, subjetividade e saúde mental em contextos mediados pela tecnologia. O conceito central de sociabilidade digital é compreendido como o conjunto de interações sociais, comunicativas e afetivas que se estabelecem em ambientes virtuais, como redes sociais e plataformas de mensagens. Mais do que simples trocas comunicacionais, essas interações constituem espaços de produção de identidade, pertencimento e reconhecimento, onde os sujeitos constroem laços, narrativas e formas de expressão simbólica. A sociabilidade digital, portanto, reconfigura o modo como se vivenciam as relações, combinando possibilidades de ampliação de redes de apoio e informação com riscos como ansiedade, isolamento e comparação social. A pesquisa utilizou método teórico-comparativo e bibliográfico, baseado na análise crítica de produções científicas nacionais e internacionais. A revisão da literatura permitiu identificar tendências no uso das mídias digitais, seus efeitos sobre a saúde mental e diferenças intergeracionais na experiência do espaço digital. Os resultados apontam que jovens utilizam intensivamente as mídias digitais para lazer, construção identitária e ampliação de redes, apresentando, contudo, maior vulnerabilidade à dependência tecnológica e à comparação social. Adultos combinam funções profissionais, informativas e relacionais, usufruindo de benefícios como acesso rápido a conteúdos, mas também enfrentando sobrecarga informacional. Já os idosos, embora enfrentem barreiras técnicas, utilizam as mídias como meio de comunicação e

fortalecimento de vínculos familiares, o que contribui para reduzir o isolamento, ainda que persistam desafios ligados à alfabetização digital e à segurança online. A análise intergeracional evidencia que a cultura digital é plural e marcada por contextos históricos e psicológicos distintos. Conclui-se que a psicologia deve aprofundar sua atuação nesse campo, promovendo uma compreensão crítica e ética das dinâmicas digitais e incentivando práticas de educação e saúde digital. Apesar dos riscos, o espaço digital se apresenta como um campo fértil de sociabilidade, aprendizagem e suporte emocional, demandando intervenções fundamentadas e sensíveis às especificidades de cada geração.

A Utilização de Jogos Comerciais Como Ferramenta de Aprendizagem em Contexto Escolar: Uma Revisão Sistemática da Literatura

Patricia Loschiavo Daniel Fernandes

Ricardo Dalke Meucci

(SENAC)

A presente pesquisa teve como objetivo identificar, analisar e sintetizar evidências sobre o uso de jogos digitais comerciais — ou seja, aqueles desenvolvidos originalmente para entretenimento — como ferramentas de aprendizagem em contextos escolares. Partindo da crescente preocupação com o tempo de exposição de crianças e adolescentes às telas, o estudo propôs discutir o potencial educativo desses jogos quando utilizados de forma mediada e intencional em sala de aula. Com o objetivo de buscar evidências sobre o tema, realizamos uma revisão sistemática da literatura, conduzida segundo as recomendações PRISMA (Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses) e metodologia Cochrane, utilizando a base ScienceDirect como fonte de dados. A busca foi realizada com descritores em língua inglesa, abrangendo o período de 2011 a 2021. Foram inicialmente identificados 1.175 artigos, dos quais 1.154 permaneceram após a remoção de duplicidades. A triagem por pares resultou na leitura integral de 37 estudos, e, ao final, quatro artigos atenderam aos critérios de elegibilidade, totalizando cinco intervenções com 112 estudantes de 5 a 19 anos, em contextos da Noruega e de Taiwan. Os jogos analisados incluíram The Walking Dead, Pokémon GO, Cut the Rope, Angry Birds Space e Josefina and Sofus in the Carrot Park. As estratégias de aplicação variaram entre o uso de jogos como apoio a aulas expositivas, debates éticos mediados por professores e atividades de escrita ou alfabetização multimodal. De modo geral, os resultados demonstraram que a integração dos jogos comerciais ao currículo, com mediação docente e objetivos pedagógicos definidos, produz efeitos positivos sobre o desempenho, a motivação e o engajamento dos alunos. Em contrapartida, o uso não mediado ou excessivamente guiado pela narrativa do jogo tende a limitar a criatividade e a autonomia no processo de aprendizagem. A revisão evidenciou que os jogos digitais, quando empregados como complemento às metodologias tradicionais, favorecem o desenvolvimento de habilidades cognitivas (atenção sustentada, controle inibitório, tomada de decisão – habilidades que participam diretamente do processo de aprendizagem e autorregulação emocional). Além de promoverem aprendizagens significativas ancoradas em contextos desafiadores e interativos. Entre os fatores de

sucesso destacam-se: o papel ativo do professor como mediador, o feedback imediato proporcionado pelo jogo e o caráter lúdico que estimula a persistência e o interesse dos estudantes. Dessa forma, concluímos que os jogos digitais comerciais podem ser poderosos aliados da educação, desde que inseridos em práticas planejadas, com intencionalidade pedagógica, foco em objetivos claros e articulação com os conteúdos escolares. Essa combinação entre métodos tradicionais e experiências imersivas revela-se um caminho promissor para o desenvolvimento cognitivo e socioemocional de crianças e adolescentes.

Uso de tecnologias digitais para o rastreamento de sofrimento mental de estudantes – uma revisão integrativa da literatura

Clarice Bento Venâncio Inácio

Patricia Jantsch Fiúza

(UFSC)

O presente trabalho apresenta uma revisão integrativa da literatura cujo objetivo principal foi identificar as tecnologias digitais utilizadas para o rastreio (triagem ou avaliação) de sofrimento mental em estudantes de nível médio e superior. A pesquisa parte do entendimento de que a saúde mental é um direito humano fundamental e um componente essencial para o desenvolvimento social e econômico. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), a saúde mental consiste em um estado de equilíbrio multifatorial, que envolve aspectos psicológicos, biológicos e sociais. No contexto sul-americano, o tema adquire especial relevância diante dos alarmantes índices de sofrimento psíquico e suicídio: estima-se que ocorram cerca de 100 mil mortes por suicídio por ano, sendo esta a terceira principal causa de morte entre adolescentes de 15 a 19 anos no Brasil. Frente a esse cenário, o acesso limitado aos serviços de saúde mental e o crescimento dos transtornos mentais reforçam a necessidade de estratégias de diagnóstico precoce e prevenção. Nesse contexto, as tecnologias digitais emergem como instrumentos de grande potencial para ampliar o rastreio e o monitoramento do sofrimento mental, considerando que o acesso a dispositivos móveis supera, em muitas regiões, até mesmo o acesso à água potável. O estudo seguiu o método de Revisão Integrativa da Literatura, estruturado em dez etapas metodológicas conforme o modelo de Hassunuma. Foram incluídos artigos completos publicados entre 2020 e 2025, em português, inglês e espanhol, localizados nas bases de dados Scopus, Web of Science e SciELO. A estratégia de busca utilizou operadores booleanos (AND, OR) e a pergunta norteadora “Quais tecnologias digitais têm sido usadas para rastrear sofrimento mental em estudantes?”. Após o processo de filtragem, 24 estudos atenderam aos critérios de inclusão. Foram considerados apenas estudos que descrevessem ou aplicassem tecnologias digitais voltadas ao rastreio, excluindo-se aqueles centrados em intervenções terapêuticas ou de caráter puramente teórico. Os resultados indicam que as tecnologias mais frequentemente utilizadas para o rastreamento de sofrimento mental são baseadas em Inteligência Artificial (IA) e Aprendizado de Máquina (Machine Learning – ML). Tais abordagens são empregadas para prever a probabilidade de sofrimento mental severo, identificar riscos de depressão e ansiedade e classificar perfis de vulnerabilidade psicológica. Destacam-se também a Fenotipagem Digital, que realiza a coleta passiva de dados por sensores (como GPS e metadados de

digitação) para monitoramento comportamental, e o uso de tecnologias mHealth, com aplicativos móveis voltados à aplicação de questionários e autoavaliações. A maior parte dos estudos analisados concentrou-se em estudantes universitários (21 dos 24), com menor atenção aos adolescentes do ensino médio. Entre os fatores de risco mais identificados pelos modelos de ML estão a presença de sintomas prévios de depressão, ansiedade e ideação suicida. Conclui-se que as tecnologias digitais, especialmente aquelas fundamentadas em IA e ML, apresentam grande potencial para aprimorar o rastreio de sofrimento mental em ambientes educacionais, contribuindo para ações preventivas e intervenções precoces. Contudo, o estudo destaca a necessidade de enfrentar desafios éticos e técnicos relacionados à privacidade dos dados, segurança da informação e equidade no acesso às ferramentas digitais.

Entre o recurso tecnológico e a subjetividade: um relato de experiência da utilização de interfaces digitais por crianças submetidas a hemodiálise em um hospital pediátrico

Giovanna Klechovitz Cardozo

Haryanne Gabrielle Borges Santos, Taylis Fahel Vilas Bôas Azevêdo

(Faculdades Pequeno Príncipe)

As crianças imersas em adoecimento crônico ou de longa duração, como a necessidade de hemodiálise, vivenciam limitações corporais e simbólicas de rotinas em instituições e afastamento de atividades inerentes à infância como a escola e socialização com pares. Esse cenário pode reverberar no seu desenvolvimento emocional e social, além de conferir marcas veladas em sua construção identitária. A partir do olhar da psicologia, as interfaces tecnológicas foram identificadas como estratégias presentes no tratamento de saúde infantil, se mostrando um instrumento relevante para percepção da ambientes, manejo do sofrimento, continuidade do brincar e no sustento subjetivo dos atravessamentos do processo saúde-doença.

OBJETIVO: Discutir a atuação de recursos digitais no espaço simbólico e de expressão da subjetividade infantil submetidas ao tratamento de hemodiálise.

ESCOPO TEÓRICO: As Doenças Renais Crônicas são um conjunto de alterações que acometem tanto a estrutura quanto o funcionamento dos rins, e um dos tratamentos utilizados para casos mais avançados são terapias como a diálise peritoneal e a hemodiálise. O caráter prolongado do tratamento exige estratégias de cuidado ampliado e suporte emocional. O universo digital pode ser uma ferramenta dentro do processo de hospitalização promotora e facilitadora de estratégias para lidar com momentos de intensidade emocional. Fatores como restrição de interações sociais, aspectos ansiogênicos, adesão ao tratamento de saúde e a estimulação do desenvolvimento infantil são atravessados pelas possibilidades das redes sociais e mídias digitais, auxiliando na preservação subjetiva e de validação psíquica para promoção da expressão e continuidade da infância e adolescência no ambiente hospitalar.

A partir da disponibilização de tablets institucionais na unidade, é oferecida a criança a possibilidade de ultrapassar a limitação física e corporal e permitir a elaboração do seu imaginário na circulação do simbólico, promovendo espaço não somente para o adoecimento, mas a promoção de vida em meio a invasões de máquinas e procedimentos necessários para sua manutenção.

MÉTODO: Trata-se de um estudo descritivo e de natureza qualitativa, do tipo relato de experiência. Enquanto psicólogas residentes, foram realizadas observações passivas e atendimentos individuais no período de setembro e outubro de 2025, em um ambulatório de hemodiálise de um hospital pediátrico Sul-

Brasileiro. PRINCIPAIS CONCLUSÕES: Os resultados mostraram a diminuição da ansiedade frente ao contexto de hemodiálise, maior tolerância ao tratamento, utilizando-os como recursos distratores do cenário e consequentemente maior adesão em cuidado, conferindo um caráter menos hostil e mais suportável. Através de jogos como “Among us”, “Stumble Guys”, “Garten of Banban” e “Cooking Mama”, identificamos a promoção de processo de grupalização, ao jogar em conjunto, assim como, a possibilidade de acesso a conteúdos análogos ao cenário escolar e restrições alimentares, emergindo vitalidades psíquicas e exposições de demandas de afeto muitas vezes embutidas no processo. Em consonância com o ODS - Saúde e Bem-estar, o uso tecnológico pode integrar o cuidado humanizado e em prol da assistência biopsicossocial dos sujeitos infantis através da sua linguagem e repertório de interesses. Consequentemente, assim como técnicas e ferramentas disponíveis para o trabalho com crianças e adolescentes, é necessário um manejo atento, compatível com um plano terapêutico de cuidado equipe-família.

Intervenção autoguiado para a prevenção de transtornos de saúde mental entre crianças e adolescentes

Aline dos Santos Silveira

(UCPEL)

As intervenções autoguiadas mediadas por tecnologia consistem em programas digitais nos quais o usuário conduz seu próprio processo de aprendizagem e prática de habilidades, sem a necessidade de contato constante com um profissional de saúde. Entre crianças e adolescentes, esse formato tem sido explorado como recurso de prevenção de transtornos de saúde mental, pois permite o acesso a ferramentas de apoio em fases de maior vulnerabilidade do desenvolvimento (Batterham et al., 2021). O estudo de intervenções autoguiadas mediadas por tecnologia responde, portanto, à necessidade de estratégias acessíveis e abrangentes, capazes de contribuir para a prevenção e para o fortalecimento de recursos protetivos ao longo do ciclo vital. Zhang et al. (2024) destacam que intervenções digitais voltadas a crianças e adolescentes têm sido investigadas a partir de uma perspectiva transdiagnóstica. Esse delineamento se mostra particularmente relevante para populações jovens, nas quais sintomas de ansiedade, depressão e dificuldades comportamentais tendem a coexistir, dificultando a aplicação de modelos tradicionais focados em diagnósticos específicos. Do ponto de vista da implementação, o debate sobre custo e aplicabilidade levantado por Kählke et al. (2022) demonstram que as avaliações econômicas de intervenções digitais em saúde mental apontam que modelos escaláveis, baseados em plataformas online e dispositivos móveis, podem ser integrados a sistemas de saúde e educação com menor necessidade de recursos humanos especializados, reduzindo barreiras de acesso em contextos de escassez de profissionais. No entanto, a análise econômica não pode ser dissociada da adesão, pois a utilização contínua das ferramentas digitais é determinante para que os benefícios propostos sejam alcançados. O estudo tem como objetivo avaliar o uso de intervenções transdiagnósticas autoguiadas, mediadas por tecnologias, para promoção de saúde mental entre crianças e adolescentes. Para isso, buscou-se no primeiro momento levantar os estudos publicados sobre o tema, descrever os principais formatos, metodologias e tecnologias empregados e analisar os resultados reportados quanto ao potencial dessas intervenções na promoção da saúde mental dessa população. E no segundo momento, o desenvolvimento e usabilidade de uma intervenção transdiagnóstica autoguiada, mediada por tecnologia, para a promoção da saúde mental entre crianças e adolescentes. Os resultados esperados da revisão sistemática de programas online para depressão em diferentes grupos populacionais, destacam que a adaptação cultural e etária dos conteúdos é determinante para a utilização consistente

(Li et al. 2023). E ao discutir diretrizes clínicas europeias para intervenções psicológicas, incluem as tecnologias digitais como parte do repertório de práticas possíveis, desde que ajustadas às especificidades do público-alvo (Andrén et al. 2022) . Esses achados sugerem que, no campo da infância e adolescência, o delineamento de intervenções autoguiadas precisa integrar aspectos técnicos, contextuais e de usabilidade para atingir sua função preventiva.

Laços nas Redes Sociais

Érico Caminero Gomes Soares

Daniel Abs

(USP)

Nesta cartografia buscaremos nos aproximar das criações de laços nas redes sociais, das sociabilidades online e seu impacto ou relevância para as relações interpessoais como um todo. Desejamos nos aventurar na organização das redes de sociabilidade: com quais sujeitos as interações se perpassam ou se entremeiam no digital, por quais aplicativos, quais são os conteúdos, os afetos e os objetivos que se cruzam, qual o nível de intimidade presente e produzida. É de nosso interesse poder compreender alguns aspectos específicos sobre este tema. Para compreender uma estrutura já existente e organizada, é importante buscar os primeiros movimentos destes encontros. Cada relação tem um começo, uma intensidade que nos direciona para algum movimento de aproximação e que encontra êxito suficiente para se sustentar (Rolnik, 2006, p. 49–52). Este primeiro momento já é rico em possibilidades e histórias específicas, desejamos compreender como esta dinâmica se atualiza para este novo espaço de socialização, o digital. Quantas relações e quais se iniciaram no virtual, quais no presencial e se expandiram para as redes, quem buscou, quais foram os facilitadores e resistências, como foram recebidos. Existe um movimento de passagem, um deslocamento onde diversas questões podem surgir e impactar esta relação. Podemos pensar sobre como estes “fios” organizam, produzem e se integram a sistemas, pelos quais os indivíduos existem e interagem entre si e no mundo. Para isso é necessário compreender o digital para além de uma interface, uma tela que conecta dois sujeitos, mas como um contexto. A partir de uma aproximação da teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano, proposta por Urie Bronfenbrenner (2005), Abs (2022) propõe para a delimitação do objeto “digital” a concepção de contexto digital. Quais fatores têm importância na função de manutenção deste sistema, quais são seus pilares fundamentais? Quais são as possibilidades ou impossibilidades de um desligamento destas funções. Buscaremos compreender qual é o grau de sustentação e imperatividade que o contato digital possui para a formação de vínculos na contemporaneidade. As redes sociais também oferecem uma nova formação para as redes de sociabilidade. Pelas redes, a visibilidade dos perfis é diferente da de encontros físicos. Se o conteúdo e a presença dos outros sofrem por um período de absorção mais curto e imediato, no geral, também a rede de perfis que aparecem para serem rapidamente registrados é cada vez maior. Por fim, é preciso conceber que o hibridismo da realidade nos

demandar reconhecer que processos digitais se dão integrados e em conjunto com processos subjetivos e dinâmicos anteriores a presença dessas tecnologias..

Plataformização do trabalho sexual no brasil e a saúde dos trabalhadores lgbtqiapn+ que atuam no onlyfans

*Lucas Matoso Alves
Matheus Viana Braz, Juliana Nunes de Barros
(UEMG)*

A pesquisa teve como objetivo geral compreender as condições e organização do trabalho sexual plataformizado, com foco nos impactos à saúde dos trabalhadores. Foi examinado os impactos do trabalho sexual digital no Brasil, especificamente na plataforma OnlyFans, e suas implicações na saúde e condições de trabalho de trabalhadores sexuais LGBTQIAPN+. Para isso, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com quatro produtores de conteúdo adulto, com o intento de identificar fatores estressores, fatores protetivos e fontes de prazer e satisfação no trabalho, oferecendo uma visão aprofundada das repercussões sociais e psicológicas do referido exercício laboral na saúde desses trabalhadores. A justificativa para realização da pesquisa residiu na escassez de estudos empíricos que objetivaram compreender as condições e a organização do trabalho sexual plataformizado do público LGBTQIAPN+, relacionando os fatores protetivos e estressores de saúde relacionados a essa atuação. A metodologia qualitativa adotada permitiu uma abordagem interpretativa dos dados coletados, possibilitando maior compreensão das experiências subjetivas dos participantes. A análise temática de conteúdo das entrevistas realizadas foram analisadas com base em três Núcleos de Sentido: História Familiar e Trajetória Laboral, Organização do Trabalho no OnlyFans, e Construção de Sentido do Trabalho no OnlyFans; tais núcleos foram analisados a partir de distintos elementos de análise, como por exemplo: Hiperperformance e Midiatização do sexo, Autogestão, Fetiches Sexuais, Hipervigilância, Dificuldades com as Plataformas Digitais, Reconhecimento Social, Hater e Saúde Mental, Primeiras Referências Laborais, dentre outros. Os resultados evidenciaram tensões entre autonomia e precarização, revelando aspectos contraditórios da plataformização do trabalho sexual. O estudo contribui significativamente para o campo da saúde do trabalhador, fornecendo subsídios teóricos para futuras políticas públicas voltadas a essa população específica. Portanto, foi de suma importância diferenciar entre as novas fontes de precariedade caminhos potenciais para melhorar a segurança no emprego em ocupações historicamente informais e precárias, particularmente dentro do domínio das plataformas online.

A Formação de Vínculos Interpessoais na Sociedade Digital: Entre Liquez e Transparência

Alberto Bezerra Peixoto Junior

Eron Soares de Lima, Lyvia dos passos Mazziero, Marc Strasser

(Mackenzie)

Em meio à sociedade atual, o desenvolvimento da tecnologia digital permite a construção de vínculos interpessoais de forma virtual, que nem sempre se consolidam em relações físicas. O presente trabalho buscou entender, através de um estudo de revisão integrativa de literatura de cunho qualitativo, como se forma o vínculo entre indivíduos que interagem de forma virtual. Foi realizado um rastreamento da fofoca enquanto forma de linguagem, para que fosse possível pesquisar qual a sua validação ao ser utilizada como formação de vínculo. Usando como base teórica os filósofos Zygmunt Bauman e Byung-Chul Han, foram levantados catorze artigos, nos quais abordaram temáticas comuns que incluíam: geração Z, ciberespaço, sociedade do espetáculo, fake news e do real para o online. A partir dessa análise, foi possível entender que os vínculos virtuais buscam mimetizar os vínculos interpessoais, mas não se desenvolvem de forma semelhante aos presenciais, e a fofoca surge como meio disciplinador de uma sociedade líquida e transparente. Vale ressaltar que vínculo é entendido como um encontro entre pessoas na qual pode ou não ser estabelecida uma relação externa. A geração Z é composta por indivíduos nascidos entre 1997 e 2012, o que significa uma caracterização de pessoas concebidas em uma cultura estruturada via tecnologia digital em formação. A mudança dos meios analógicos para a tecnologia moderna não se deu apenas pelos objetos que transacionaram nesse meio, e sim por todas as concepções, intenções, objetivos e por consequência a sociedade como um todo, que se transformou mediante a era digital e tomou uma nova forma. Na sociedade do espetáculo, termo utilizado por Guy Debord (1967) houve a valorização das imagens como meio para marketing e incentivo de consumo, apesar de se referir sobre a mídia no geral, a relação desse termo apresentada nos artigos se correlaciona com a Sociedade da Transparência (HAN, 2017). É o contato entre os seres que abre possibilidade a futuras interações interpessoais (DIAS, SANTOS & GOMES, 2023). É entendido que, os vínculos apesar de se manterem nos espaços virtuais, sofrem graves alterações, como a liquez dos laços afetivos (BAUMAN, 2004) e o rompimento do público e privado em um excesso de exposição (HAN, 2017). Em aspectos da digitalização, Bauman pontua a flexibilidade das relações e em muitas de suas produções, abarcando a liquez das associações humanas. Afinal, torná-los menos aprofundados possibilita desfazer os mesmos com uma velocidade

igualitária a sua formação, relacionando a própria ideia de sustentar uma nova realidade, que não precisa ser mantida, a não ser por tempo suficiente da duração dessa relação efêmera. Assim, com esses avanços, faz-se necessário um debate em torno dessas temáticas, a fim de compreender os impactos da digitalização sobre os vínculos humanos e oferecer subsídios para novas pesquisas no campo da psicologia e das ciências sociais.

Proibição de Celulares nas Escolas: Análise Netnográfica da Percepção de Estudantes do Ensino Fundamental e Médio

Gabriela Brito Pires

Luana Figueira Silva, Lívia Bedin, Giana Bittencourt Frizzo

(UFRGS)

A Lei nº 15.100, sancionada em 13 de janeiro de 2025, proibiu o uso de aparelhos eletrônicos pessoais portáteis na educação básica no Brasil. Essa medida surgiu após intenso debate público sobre os impactos das tecnologias digitais na aprendizagem e socialização de crianças e adolescentes, tendo o Movimento Desconecta como protagonista do processo. A nova legislação provocou repercussões em toda a sociedade, evidenciando tensões entre os benefícios e os desafios do uso de dispositivos eletrônicos em contextos educacionais. Nesse cenário, torna-se essencial compreender as percepções dos(as) estudantes, que são diretamente afetados(as), a fim de subsidiar políticas e práticas mais alinhadas às suas realidades. O presente estudo teve como objetivo principal investigar a percepção de estudantes do ensino fundamental e médio, sobre a proibição do uso de aparelhos eletrônicos no ambiente escolar por meio de postagens em redes sociais. Os objetivos específicos foram: a) identificar as reações expressas nas postagens e b) verificar possíveis soluções alternativas mencionadas pelos(as) próprios(as) estudantes. O estudo utilizou uma abordagem exploratória qualitativa netnográfica, que possibilita compreender as interações e significados construídos em ambientes digitais. A coleta de dados foi realizada em maio de 2025, utilizando vídeos e capturas de tela de postagens públicas no TikTok e no Instagram. Por meio das hashtags #celularnaescola e #proibiçãodocelular, foram selecionados os dez primeiros vídeos de cada hashtag em cada plataforma ao longo de uma semana. Inicialmente, 322 vídeos foram identificados (108 do Instagram e 214 do TikTok), dos quais 131 atenderam aos critérios de inclusão e foram analisados pelas pesquisadoras de forma independente e, posteriormente, conjunta. A análise temática dos dados revelou cinco temas: 1) Expressão de opinião contrária à proibição do uso de celular, em que os(as) estudantes destacaram a precariedade da infraestrutura escolar como fator mais prejudicial ao desempenho do que o uso do celular; 2) Manifestações políticas, nas quais jovens expressaram resistência à Lei, relacionando-a a críticas a governos atuais ou anteriores; 3) Uso indevido do celular, que abrangeu vídeos mostrando estratégias para burlar a proibição, bem como demonstrações de satisfação ao desafiar a norma; 4) Rotina de atividade escolar sem o uso do celular, que incluiu tanto atividades proativas, como cantar e dançar, quanto representações de conflitos em sala de aula; 5) Experiências do terceiro ano do ensino médio sem o uso do celular, que

evidenciaram frustração pela impossibilidade de registrar, por meio de fotos e vídeos, momentos marcantes do último ano escolar. Os resultados mostraram fragilidades na implementação da Lei, como a falta de estratégias para flexibilizar o uso do celular em atividades que poderiam ser consideradas pedagógicas e a ausência de mecanismos eficazes para monitoramento. Não houve nenhuma sugestão alternativa à proibição nas publicações encontradas. Conclui-se que políticas educacionais sobre o uso de tecnologias devem considerar não apenas a restrição, mas também a necessidade de formação em cidadania digital, a adaptação dos modelos educacionais e o suporte aos(as) professores(as), de modo a integrar o uso das mídias digitais como ferramenta de aprendizagem crítica e responsável.

A atenção como recurso limitado na era digital: uma revisão bibliográfica sobre leitura superficial e absorção ineficaz do conhecimento

Filipe Borges Alves

Patricia Jantsch Fiúza

(UFSC)

Tema e Objetivo: Este resumo apresenta uma revisão bibliográfica que analisa os principais obstáculos à leitura profunda e à absorção eficaz do conhecimento na era digital. O estudo investiga de que maneira a economia da atenção fragmenta o foco cognitivo e instaura um modus operandi de consumo exacerbado de conteúdos informacionais rasos, com implicações psicossociais, cognitivas, educacionais e filosóficas.

Escopo Teórico e Método: Trata-se de uma revisão bibliográfica narrativa, fundamentada em um escopo teórico multidisciplinar. Foram analisadas obras clássicas, como a teoria da Economia da Atenção de Herbert A. Simon (1971), e contemporâneas, que abordam as consequências do consumo digital exacerbado (Malo-Cerrato, 2018; Wolf, 2019; Santos, 2023). A análise seguiu o método temático, organizando as informações em três eixos conceituais: 1) Economia da Atenção, 2) Saúde Pública e 3) Crise da Leitura.

Principais Conclusões: A atenção, tratada como moeda de troca, é sistematicamente capturada por tecnologias e plataformas digitais, fenômeno quantificado pelo aumento do acesso a dispositivos móveis e redes sociais no Brasil (IBGE, 2024; Forbes, 2023). Esse "sequestro" da atenção é potencializado por mecanismos psicológicos como o FoMO (Fear of Missing Out), que gera um estado de ansiedade e necessidade de conexão permanente. As repercussões transcendem o desfoque ocasional, configurando-se como um problema de saúde pública. Estudos apontam a associação entre a exposição excessiva às telas e o surgimento de patologias como nomofobia, depressão, estresse, impulsividade e autoagressão, com manifestações específicas em cada fase do desenvolvimento humano (Santos, 2023). No campo cognitivo, esse ecossistema estimula a leitura superficial, conduzindo o indivíduo a um padrão de “escaneamento” por palavras-chave em detrimento da absorção reflexiva e da imersão textual. Dados do Senado Federal (2024) ilustram a gravidade dessa crise, indicando que 73% da população brasileira não concluiu a leitura de um único livro. Conclui-se que o desafio crucial do século XXI reside na gestão consciente da atenção, recurso fundamental para o resgate do engajamento profundo, do pensamento autônomo e da leitura crítica. Torna-se urgente, portanto, a implementação de intervenções didáticas em todos os níveis de ensino, que se contraponham à lógica consumista de padronização.

Solidão no desenvolvimento de carreira de estudantes psicólogos: experiência grupal on-line

Anna Laura de Oliveira Kallas

Tales Vilela Santeiro

(UFTM)

Introdução: A solidão é um fenômeno humano multidimensional e multideterminado, que atravessa dinâmicas intra, inter e transsubjetivas. Vivenciá-la pode gerar reflexão e criatividade, mas também causar sofrimento psíquico e impactos negativos na saúde mental das pessoas. Na universidade, ambiente onde há concentração de adultos entre 18 e 29 anos, experiências que perpassam a solidão têm sido relatadas na literatura e associadas à adesão a comportamentos de risco, pior aprendizagem, maior evasão, menor qualidade de vida, relacionada ao estresse, depressão, ansiedade e percepção desfavorável de suporte social. Para os estudantes de Psicologia, três fatores podem explicar e intensificar as vivências de solidão: (1) a sobrecarga acadêmica atrelada ao regime integral do curso; (2) as limitações da própria instituição para lidar frente às múltiplas demandas estudantis; e (3) as relações assimétricas e de poder vividas com os professores. **Objetivos:** Investigar e explorar as vivências de solidão e as dinâmicas emocionais subjacentes, de universitários da área de psicologia, atravessadas por Tecnologias de Informação e Comunicação baseadas na internet, em contexto grupal. **Escopo teórico:** O estudo possui referenciais psicanalíticos que ofereceram subsídios para compreender as dinâmicas subjetivas ligadas às experiências de solidão, marcada por reedições de traumas primordiais (Ferenczi). Na universidade, a falta de acolhimento ou reconhecimento, pode reativar traumas, gerando sentimentos de desamparo. Enquanto o grupo, inspirado em Pichon-Rivière, possibilita transformar o desamparo em vínculos e simbolização compartilhada. **Método:** Trata-se de pesquisa-ação qualitativa exploratória, embasada no Grupo Operativo de Discussão, com inspiração na técnica de Pichon-Rivière, integrando eixos sobre pensar, agir e sentir. Participaram seis estudantes voluntários, matriculados do primeiro ao sétimo períodos de Psicologia, heterogêneo em gênero (mulheres e homens cis, pessoas não-binárias); orientações sexuais (heterossexuais, bissexuais, pansexuais e homossexuais); autodeclarados pretos, pardos ou brancos e condições socioeconômicas diferentes, com formas de ingresso por ampla concorrência e sistema de cotas. Foram excluídos estudantes com quadros graves de saúde mental. As sessões foram coordenadas por duas psicólogas clínicas, mestrandas em psicologia, sob a supervisão de um docente. Seis encontros on-line foram realizados pelo Google Meet, semanalmente, com média de uma hora cada. Os participantes foram convidados presencialmente

nas salas de aula. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi apresentado e assinado previamente pelos estudantes. As sessões foram gravadas e posteriormente registradas em diários de campo, agrupadas e analisadas com inspiração na técnica de Análise Clínico-Qualitativa de Turato, que possibilitou estudo das narrativas emergentes. Principais Conclusões: Os relatos indicaram que os espaços coletivos de diálogo e escuta possibilitam transformar a solidão em experiência compartilhada e criativa, fortalecendo recursos internos e (re)construindo vínculos seguros. O grupo evoluiu da hostilidade nas sessões iniciais para uma convivência tolerante, promovendo pertencimento e reconhecimento mútuo frente às vivências de segregação na universidade, no final do processo. Os diálogos revelaram as origens sociais e estruturais da solidão, além de indicarem que esse tipo de vivência se ligava aos modos de sociabilidade e subjetividade contemporâneos. O estudo ressalta a importância de criar espaços universitários que sirvam como mecanismos de resistência ao isolamento e que favoreçam a construção de vínculos.

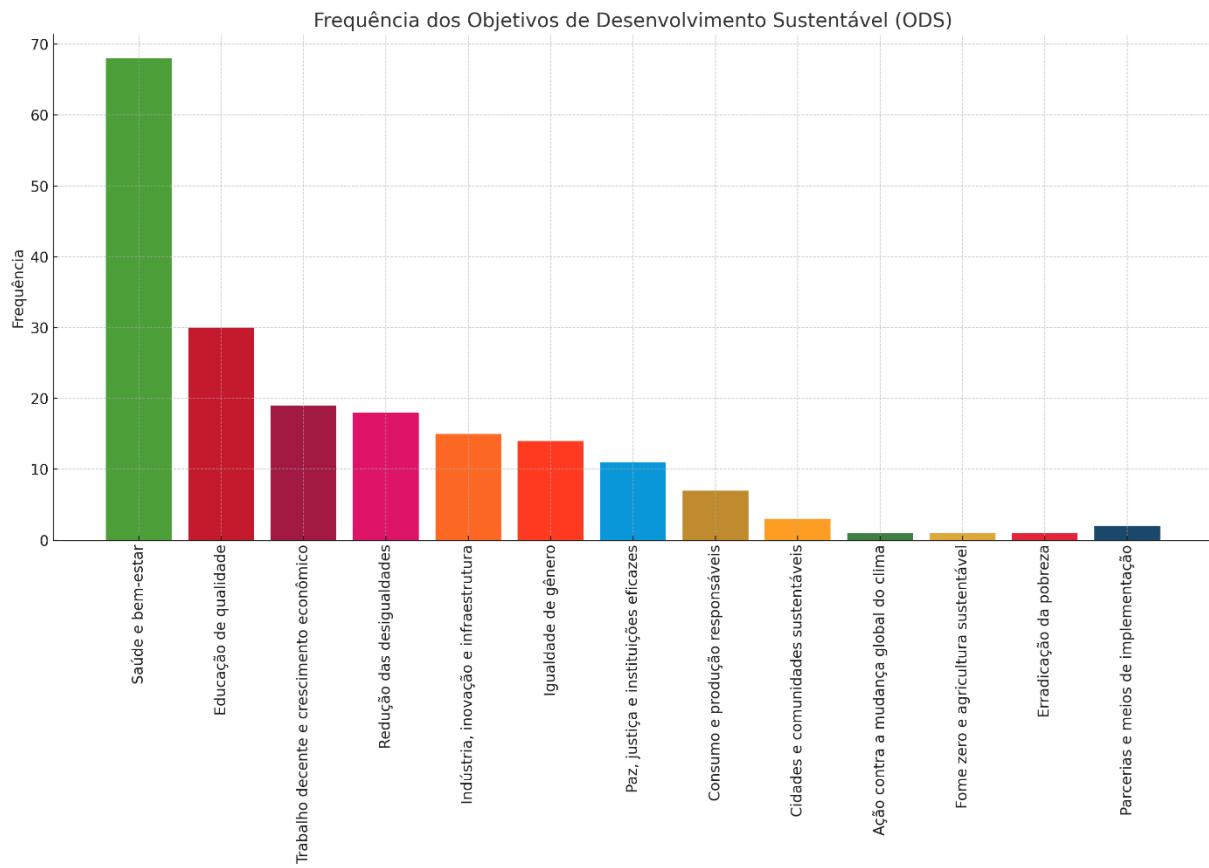
Vivências em Aplicativos de Relacionamento: uma revisão de escopo das perspectivas teóricas sobre uso de aplicativos e saúde mental em homens de minorias sexuais

*Matheus Vinicius Gomes De Lima
(USP)*

Os aplicativos (apps) de relacionamento voltados para homens de minorias sexuais (HMS), como o Grindr e o Scruff, têm se tornado amplamente utilizados para socialização e busca de relacionamentos. No entanto, o uso dessas plataformas suscita preocupações sobre seus impactos na saúde mental dos usuários, um campo ainda marcado por lacunas teóricas e metodológicas, especialmente no que tange a análises interseccionais e ao papel ativo da tecnologia. Este projeto de pesquisa propõe uma revisão de escopo com o objetivo de mapear como as teorias do estresse de minoria e da vulnerabilidade social são aplicadas na literatura para analisar a saúde mental de HMS em contextos digitais. A pesquisa parte da hipótese de que, embora complementares, essas abordagens são frequentemente aplicadas de forma isolada, negligenciando a mediação dos próprios aplicativos (seus algoritmos, interfaces e lógicas de funcionamento) na produção do sofrimento e do cuidado. Para tanto, será realizada uma revisão da produção científica dos últimos dez anos (2014–2024), por meio de busca sistemática em bases como PsycINFO e Scopus. Serão incluídos estudos teóricos ou empíricos que relacionem aplicativos, saúde mental e HMS, excluindo pesquisas focadas exclusivamente em infecções de transmissão sexual (IST) e HIV. A análise dos dados buscará organizar a literatura em categorias temáticas, como padrões de uso, motivações psicossociais, benefícios) e riscos avaliando criticamente como os modelos teóricos são mobilizados. Espera-se, com este estudo, identificar os limites das abordagens atuais e propor um modelo de análise mais integrado, que articule as dimensões individuais, estruturais e sociotécnicas. A revisão visa, por fim, oferecer direcionamentos para pesquisas futuras e subsidiar o desenvolvimento de intervenções e políticas públicas que considerem a complexidade das interações online–offline.

OBJETIVOS DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

Os trabalhos enviados indicaram na inscrição a sua relação com os objetivos do desenvolvimento sustentável propostos pela ONU. Foram 103 trabalhos submetidos ao total, com principal indicação em Saúde e bem-estar.



**Jornada Internacional de Pesquisa em
Psicologia do Digital**

www.psicologiadodigital.com.br

@psicologiadodigital

